Elisângela da Silva Santos

Monteiro Lobato e seis personagens em busca da nação

Monteiro Lobato
e seis personagens em busca da nação

ELISÂNGELA DA SILVA SANTOS

MONTEIRO LOBATO E SEIS PERSONAGENS EM BUSCA DA NAÇÃO

Direitos de publicação reservados à:
Fundação Editora da UNESP (FEU)

Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
www.livraria.unesp.com.br
feu@editora.unesp.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S233m

Santos, Elisângela da Silva
Monteiro Lobato e seis personagens em busca da nação / Elisângela da Silva Santos. São Paulo : Editora Unesp, 2011.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-393-0169-0

1. Lobato, Monteiro, 1882-1948 – Crítica e interpretação. 2. Lobato, Monteiro, 1882-1948 – Visão política e social. 3. Literatura e sociedade. 4. Nacionalismo. 5. Literatura infanto--juvenil brasileira – História e crítica I. Título.

11-5780 CDD: 869.98
CDU: 821.134.3(81)-8

Este livro é publicado pelo projeto *Edição de Textos de Docentes e Pós-Graduados da UNESP* – Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UNESP (PROPG) / Fundação Editora da UNESP (FEU)

Editora afiliada:

Asociación de Editoriales Universitarias de América Latina y el Caribe

Associação Brasileira de Editoras Universitárias

À minha família.
Que nossas inúmeras memórias coletivas
derramadas e tecidas de afeto e experiências
permaneçam fortalecidas nas teias do tempo.

Ao meu eterno amigo Odirlei (in memoriam).

Agradecimentos

Este livro resulta da minha dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Marília, e também é o produto de um longo e intenso processo de investigação e de pesquisa ligado ao Grupo de Estudos em Cinema e Literatura intitulado Baleia na Rede. No interior desse grupo e paralelamente aos estudos desenvolvidos coletivamente desde o ano de 2003, criamos uma metodologia de pesquisa comum e que está incorporada a este trabalho.

Para começar, agradeço à minha orientadora e coordenadora do grupo, professora Célia Tolentino, que desde o começo demonstrou interesse em realizar a análise da sociedade pela via da arte e nos incentivou a trabalhar com objetos de cultura de forma instigante. Devo grande parte da confiança adquirida durante os anos de graduação e pós-graduação à sua confiança depositada no meu esforço e trabalho.

Agradeço também aos membros do grupo que participaram e desenvolveram importantes trabalhos: Odirlei, Silvana, Carla, Tiago, Lílian, Estevão, Arakin e Héder. Meu carinho e reconhecimento a vocês, e a todos que passaram pelo grupo, que de alguma maneira estão incorporados neste livro.

Agradeço imensamente à minha família, a quem devo toda a influência na ética do trabalho, especialmente minha irmã Patrícia,

que esteve sempre comigo e me faz companhia na profissão e, de modo especial, na vida. Também registro meu obrigada ao Gerson, cujo companheirismo e amizade ajudaram a consolidar um verdadeiro laço de amizade sincera e persistente. Agradeço ao Gustavo, que sempre está presente e oferece demonstrações de carinho e afeto.

Registro meus agradecimentos aos funcionários da Universidade Estadual Paulista/Marília, em especial os da Biblioteca, do Escritório de Pesquisa e da Sessão de Pós-Graduação, pela competência e seriedade que encaram seus trabalhos.

Agradeço aos professores que passaram pela análise deste texto na banca de qualificação e de defesa: professor Odair Paiva, professoras Arlenice Almeida e Elide Rugai, cuja generosidade e ajuda foram imprescindíveis para que a dissertação ganhasse a versão de livro. Também menciono meus agradecimentos à professora Rosângela Vieira, que acompanhou a pesquisa desde o início, e à professora Fátima Cabral, pela amizade e carinho.

Agradeço aos amigos que conheci na Unesp de Marília, onde passei grande parte da minha vida e construí amizades e afetos: Liliane, Fabrícia, Aline, Thiago, Alexandro e Anderson.

Por fim, meu agradecimento à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), que financiou a pesquisa oferecendo uma bolsa de mestrado, imprescindível para minha dedicação exclusiva neste trabalho. E também à Editora da Unesp, que me concedeu a possibilidade desta publicação.

Guardo as tuas notas sobre Malazarte. Um dia talvez aborde este tema. Ando com várias ideias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha lhes conta. Guardam--nas de memória e vão recontá-las aos amigos – sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção à moralidade, como é natural. A moralidade nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, à medida que progredimos em compreensão. Ora, um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetrável. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta. Como tenho um certo jeito para impingir gato de lebre, isto é, habilidade por talento, ando com a ideia de iniciar a coisa. É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos.

(Monteiro Lobato)

Fazer livros para crianças é das coisas mais sérias, nas quais é preciso não só trabalhar com inteligência e coração, mas com uma elevada argúcia e cuidado.

(Monteiro Lobato)

Sumário

Introdução

Nesta pesquisa procuramos acentuar os elementos que demonstram a existência de uma proposta de nação na obra infantil de Monteiro Lobato. Para tanto, nossa análise buscou seguir as pistas deixadas pelo autor tanto na construção das personagens quanto nos diferentes papéis a eles atribuídos como construtores de uma "nação utópica".

Vale ressaltar que acreditamos encontrar na literatura infantil do autor um pensamento social capaz de demonstrar inquietações e críticas em relação à nossa estrutura social e política. Portanto, sua obra não estaria destinada apenas à fruição do leitor – capacidade que reconhecemos existir com eficácia em seus livros –, mas, além desse primeiro aspecto aparente, destina-se também a propor uma reflexão social de forma criativa.

Depois de um período de dedicação à literatura adulta, a literatura de Monteiro Lobato conquistou um novo espaço de críticas e ideias, espaço esse desfrutado pela sua literatura infantil que, na década de 1920, foi inaugurada com muito sucesso. Nesse gênero, o papel do intelectual no corpo da nação foi colocado em questão, discutido e debatido pelas suas personagens. Enfocamos aqui a participação dessas na consolidação de planos, ideias e especialmente propostas práticas por acreditarmos que são elas quem melhor

corporificam e expressam as ideias do autor. Optamos por essa via por acreditarmos que André Vieira de Campos (1986), em seu livro a *República do Pica-pau Amarelo* – seguindo a cronologia dos textos de Lobato –, já tenha nos oferecido pistas interessantes sobre o pensamento lobatiano com relação a um projeto de nação. Notamos que o enfoque que Campos nos oferece se refere especificamente à atuação do criador do *Sítio do Pica-pau Amarelo* como um pensador social brasileiro, preocupado com as questões sociais do início do século XX.

Na nossa análise nos interessava levantar pistas sobre as particularidades de cada personagem dos livros infantis e fazer uma discussão mais detalhada sobre c*omo*, *para quem* e *com quem* essa nação hipotética, e circunscrita na ficção, seria efetivada. Desse modo, preferimos fazer uma análise por meio do desenho das personagens, lembrando que essas não são autônomas e que possuem um vínculo de ligação e ação oferecido pela narrativa e, por isso, serão analisadas buscando sempre uma unidade entre as diferentes participações, sobretudo em relação ao que representam na nação a ser construída.

De acordo com Marisa Lajolo (1997), a linguagem, com sua função performativa, possui o poder de construir uma ação e, portanto, não serve somente para a comunicação, ela também é capaz de realizar a articulação do social com o literário. Para a autora, a literatura, por ser apta a formular também o imaginário coletivo, é uma linguagem que esculpe e coloca em circulação, discute e ressignifica identidades, valores, crenças e outros elementos que dão forma a determinada cultura, funcionando como um dos elementos de coesão da comunidade que a vive. Mas também é possível, e nossa análise pretende observar isso, captar por meio da literatura os problemas de um tempo pensados utopicamente. Dessa forma, percebemos que a literatura lobatiana exprime valores que sinalizam uma proposta de "realidade" imaginária e alternativa àquela vivenciada pelo autor no momento em que compõe suas histórias. Como Antonio Candido diz, as melhores expressões do pensamento têm quase sempre assumido no Brasil a forma literária. Portanto, uma análise sociológica da literatura de Lobato pode nos auxiliar

a pensar como esse autor definiu na ficção uma reflexão sobre os rumos que o Brasil, situado historicamente nos anos 1920 e 1930, poderia trilhar no futuro, formulando na utopia uma nação distinta daquela existente até então.

Intelectualidade e nação

Muitas discussões acerca da nação foram enfrentadas pelos intelectuais brasileiros do início do século XX, essas discussões e temáticas do nosso pensamento social incidem na obra infantil e adulta de Monteiro Lobato, encarado aqui como personalidade atuante sobre esses dilemas que envolveram a questão da nacionalidade e identidade.

Assim como os pensadores brasileiros do início do século XX, Lobato encarou em sua obra problemas cruciais, como *o que e quem era o povo, como ver o trabalhador, a oligarquia, a modernização, as diferenças étnicas entre as populações* etc. Conforme Milton Lahuerta (1997), os intelectuais da década de 1920 trouxeram questionamentos inéditos que permaneceram em pauta durante as décadas seguintes. O marco relevante enfocado por ele é o ano 1922, visto como um período de ruptura com o padrão cultural bacharelesco. A perspectiva de missão era forte entre os intelectuais no começo da Primeira República e essa se aprofundou e ganhou novos significados sob o impacto do processo vivenciado ao longo dos anos 1920 quando o questionamento da ordem acontece embasado numa perspectiva genericamente modernista:

> Esse impulso se desdobra na Revolução de 30 e no Estado Novo, implantando um padrão de produção cultural que vai politizar a produção cultural como jamais ocorrera na história do país, trazendo à tona uma identidade intelectual que se define pela tentativa de construir, como se fossem termos intercambiáveis, a nação, o povo e o moderno. E que faz do Estado o desaguadouro de todas as suas inquietações. (Lahuerta, 1997, p.95)

A exigência da modernização, que surge como resultado da crise da economia cafeeira e das instituições da Primeira República, não tinha sentido muito bem definido na sociedade dos anos 1920. Por mais que pensassem num país e na construção de uma nação moderna, os intelectuais o faziam sob uma perspectiva bastante ambígua. A pressão pela racionalidade técnica no Brasil era incipiente, pois a ciência não comandava de fato a realidade, mas começava a afirmar-se como ideologia.

Conforme Regina Aída Crespo (1997), o Brasil republicano, representado pelas elites econômicas e políticas, pregava a consolidação de uma política administrativa eficaz tendo como maior objetivo colocar a nação ao lado dos "países civilizados". Após a Primeira Guerra Mundial (1914), desenvolveu-se um ufanismo nacionalista que, ao se concretizar, oferecia instrumento ao país para adentrar os "novos tempos" e o "novo mundo". O nosso "atraso" em relação aos outros países causava certo desconforto entre as elites e as classes médias.

Para Francisco Corsi (2000, p.17), ao chegarmos nos anos 1930, o "clima ideológico" já estava pautado por um nacionalismo que abrangia vários segmentos sociais das classes urbanas, o que ganhava formas de um nacionalismo econômico cujos principais lemas eram a industrialização e a independência nacional econômica:

> O desenvolvimento não era um fim em si mesmo; era justificado por argumentos que iam desde a necessidade de consolidar a unidade nacional e superar o estado de miséria de grande parte da população brasileira, até o desejo de criar as condições para transformar o Brasil em uma potência.

Essa definição de desenvolvimento estava sendo formulada desde o final do século XIX e início do XX, de acordo com a corrente de pensamento que tinha o maior destaque entre a nossa intelectualidade, o positivismo, cuja concepção linear do "progresso" afirmava uma conduta regida pela "ordem", tendo a ciência como a única forma de planejamento social. Portanto, poderíamos dizer

que era uma afirmação de progresso dentro da ordem. O novo contexto internacional resultante da revolução tecnocientífica europeia ocasionou a necessidade de um reajuste institucional e, portanto, diversos conceitos passaram por uma reformulação formando, muitas vezes, pares em oposição: tradicional e moderno; nacional e cosmopolita; rural e urbano; progresso e atraso. Esses pares opostos, de acordo com o autor, ofereciam um caráter ambíguo ou ambivalente ao diagnóstico feito pelos "homens de ciência" nascidos no século XIX e perdidos no século XX.

Seguindo ainda na esteira de Milton Lahuerta (1997), depois de 1930, ocorreu uma "politização" das questões culturais e o tema modernização ficou subsumido ao da construção de um *projeto nacional*. Os intelectuais se posicionavam em sua maioria como anti-industrialistas e o objetivo era integrar o país num "nacionalismo dos novos tempos". Na contracorrente, Monteiro Lobato enfrenta diversas polêmicas, tanto no meio intelectual quanto no político propriamente dito, pois defendeu sempre um "industrialismo desenvolvimentista" que explorasse os nossos recursos naturais, em contraposição à nossa vocação agrária, essencialmente exportadora de matéria-prima. De acordo com Vasda Landers (1988, p.182):

> A função do nacionalismo de Monteiro Lobato, já prestes a ser estudada, partiria então em direções diametralmente opostas ao nacionalismo em vigor. Monteiro Lobato vai estudar todas as possibilidades de adiantamento do Brasil, sob uma exagerada lente de aumento onde a verdade, dolorosa ou amena, encabeçaria – de praxe – a abertura de todos os debates.

Talvez, ao demonstrar sua posição em relação às debilidades econômicas nacionais, Lobato apostasse na inserção da nação brasileira nos moldes de um capitalismo internacional, como participante ativo. Partindo de um plano ambicioso de ação, tornou-se, conforme Caio Prado Júnior, o capitão da nossa indústria: consultou engenheiros, reuniu capitais e fundou em 1931 a Companhia de Petróleo do Brasil. Em correspondência trocada com o amigo Godofredo Rangel

em dezembro de 1931, momento que se preparava para lançar a Companhia, Lobato (1950, p.34-5) afirma: "Bem sucedidos que sejamos, virá a Companhia perfuradora, a exploradora – e havemos de afogar em petróleo este país que nega as verdadeiras riquezas que tem".

Insistindo de maneira incansável na ideia de que a verdadeira riqueza econômica do país residia no subsolo, Lobato se dedica de maneira pragmática a uma campanha que anos mais tarde resultaria em sua prisão. Citando Regina Crespo (1997, p.151):

> A crença de Lobato no progresso, no trabalho eficiente como forma de produzir riqueza, no desenvolvimento econômico como um elemento redentor, acompanhada de sua preocupação com a construção ou, melhor, com a definição da nacionalidade, deu a ele um perfil nacionalista, cujo ponto de partida era, porém, o da crítica permanente e jamais da apologia. Conhecer cientificamente o país, diagnosticar onde estava e qual a proporção do seu atraso e, então, pensar em alternativas, esta era a conduta de Lobato. Ora, podemos pensar que sua decisão de fabricar livros, em lugar de tecidos, sapatos ou geleias inglesas fez conjuminar num mesmo projeto as pretensões do empresário e os anseios do intelectual engajado pela transformação do país. [...] A tentativa de compromisso (intercalado com períodos de luta renhida) entre os objetivos do empresário ávido de lucros e os do intelectual militante caracterizaria todo o período em que Lobato atuou como empresário e publicista.

Lobato e a nacionalização da cultura

Esse nacionalismo lobatiano, que seguia um sentido oposto daquele em vigor no meio intelectual, reverberou também em sua atuação como literato, ainda que, como já afirmaram muitos de seus estudiosos, Monteiro Lobato não tenha tido uma participação ativa na *Semana de Arte Moderna* ocorrida em São Paulo, em 1922. Essa Semana foi um marco para o movimento modernista que se

ramificou pelo país com o objetivo de superar a literatura vigente, formada pelos resquícios do naturalismo, do parnasianismo e do simbolismo. Conforme Candido & Castello (1968, p.8), em *Presença da Literatura Brasileira*:

> A arte e a literatura modernas – antes postas à margem e consideradas caprichos de alguns iconoclastas irresponsáveis – são agora reconhecidas como expressão legítima da nossa sensibilidade e da nossa mentalidade; ocorre uma intensa radicalização política, tanto para a esquerda quanto para a direita; e a comoção das velhas estruturas sociais favorece o desejo de escrever e esquadrinhar a realidade social e espiritual do país.

Lobato, apesar de se negar a participar de tal movimento, reconheceu a importância dos modernistas nas nossas artes. Uma de suas razões por não ter aceitado participar do movimento foi por conta dos "estrangeirismos" (importação de escolas prontas e acabadas da Europa) admitidos pelos precursores modernistas, e presentes, segundo Lobato, também na pintura de Anita Malfatti. Em relação à obra da pintora, Lobato escreveria um artigo crítico, publicado em 1917 e republicado em 1919, denominado "Paranoia ou mistificação",[1] que teria sido um dos principais motivos para uma

1 "Embora se deem como novos, como precursores duma arte a vir, nada é mais velho do que a arte anormal ou teratológica: nasceu com a *paranoia e a mistificação*. De há muito que a estudam os psiquiatras em seus tratados, documentando-se nos inúmeros desenhos que ornam as paredes internas dos manicômios. A única diferença reside em que nos manicômios essa arte é sincera, produto lógico dos cérebros transtornados pelas mais estranhas psicoses; e fora deles, nas exposições publicadas zabumbadas pela imprensa partidária mas não absorvidas pelo público que compra, não há sinceridade nenhuma, nem nenhuma lógica, sendo tudo mistificação pura. Todas as artes são regidas por princípios imutáveis, leis fundamentais que não dependem da latitude nem do clima. As medidas da proporção e do equilíbrio na forma ou na cor decorrem do que chamamos sentir. Quando as coisas do mundo externo se transformam em impressões cerebrais, "sentimos". Para que sintamos de maneira diversa, cúbica ou futurista, é forçoso ou que a harmonia do universo sofra completa alteração, ou que a harmonia do universo sofra

espécie de indisposição e disputa entre Lobato e parte dos modernistas. Segundo Azevedo et al. (1997, p.170):

> Ao acusá-la [Anita Malfatti] de se apropriar de elementos das vanguardas europeias, Lobato está longe de tachar Anita de má pintora. O que pretendia era chamar a atenção para o perigo que rondava o artista brasileiro: importar escolas prontas e acabadas – os *ismos* estrangeiros – significava desviar-se ainda mais do caminho que levaria à independência artística, ou seja, à consolidação de um caráter estético nacional. Para ele, tais modernismos eram tão prejudiciais ao nascimento de um estilo próprio quanto o afrancesamento da elite colonizada.

No livro *A presença de Lobato*, organizado por Paulo Dantas (1973), que compilou diversos escritos esparsos do autor – publicados em jornais e revistas, muitos se referem a pouco tempo antes de sua morte –, lemos a seguinte opinião lobatiana sobre o movimento modernista:

---

completa alteração, ou que o nosso cérebro esteja em desarranjo por virtude de algum grave destempero. [...]. Estas considerações são provocadas pela exposição da sra. Malfatti, *onde se notam acentuadíssimas tendências para uma atitude estética forçada no sentido das extravagâncias de Picasso & Cia*. Essa artista possui um talento vigoroso, fora do comum. Poucas vezes, através de uma obra torcida em má direção, se notam tantas e tão preciosas qualidades latentes. Percebe-se, de qualquer daqueles quadrinhos, como a sua autora é independente, como é original, como é inventiva, em que alto grau possui umas tantas qualidades inatas, das mais fecundas na construção duma sólida individualidade artística. Entretanto, seduzida pelas teorias do que ela chama arte moderna, penetrou nos domínios dum impressionismo discutibilíssimo, e pôs todo o seu talento a serviço duma nova espécie de caricatura. Sejamos sinceros: futurismo, cubismo, impressionismo e *tutti quanti* não passam de outros tantos ramos da arte caricatural. É a extensão da caricatura a regiões onde não havia até agora penetrado. Caricatura da cor, caricatura da forma – mas caricatura que não visa, como a verdadeira, ressaltar uma ideia, mas sim desnortear, aparvalhar, atordoar a ingenuidade do espectador" (Lobato, 1946, p.60-1, grifos nossos).

> Esta brincadeira de crianças inteligentes, que outra coisa não é tal movimento, vai desempenhar uma função séria em nossas letras. Vai forçar-nos a uma atenta revisão de valores e apressar o abandono de duas coisas a que andamos aferrados: o espírito da literatura francesa e a língua portuguesa de Portugal. Valerá por um 89 duplo – ou por um novo 7 de setembro. Nestas duas datas está exemplificado o modo de falar da escola antiga, francesa, e da nascente escola nacionalista. Porque é estranho isto de permanecermos tão franceses pela arte e pensamento e tão portugueses pela língua, nós os escritores, nós, os arquitetos da literatura, quando a tarefa do escritor de um determinado país é levantar um monumento que reflita as coisas e a mentalidade desse país por meio da língua falada nesse país. Formamos, os escritores, uma elite inteiramente divorciada da terra, pelo gosto literário, pelas ideias e pela língua. Somos um grupo de franceses que escreve em português – absolutamente alheios, portanto, a um país da América que não pensa em francês, nem fala português. A eterna queixa dos nossos autores, de que não são lidos, vem disso – dessa anomalia que eles não percebem. O público não os lê porque não lhes entende nem as ideias nem a língua. Têm eles que contentar-se com um escol muito reduzido de leitores e também educados à francesa, os quais em regra preferem ir às fontes, aos franceses de lá, aos Anatoles e Verlaines. Este dualismo de mentalidade e língua tem que cessar um dia. Os gramáticos hão de convencer-se, afinal, de que a língua portuguesa variou entre nós, como acontece todas as vezes que um idioma muda de continente. Como o mesmo latim variou em França dando o francês, em Portugal dando o português, em Espanha dando o espanhol. (Lobato apud Dantas, 1973, p.55-6)

Podemos notar por meio dessa reflexão que ele aspirava a uma literatura nacional, que expressasse a nossa própria cultura, onde a nossa língua tivesse como função o papel revelador do povo e da paisagem brasileira. Ao dizer que a elite letrada, no caso representada pelos escritores, é "divorciada da terra", Lobato talvez estivesse criticando a posição distanciada de muitos artistas em relação aos

verdadeiros problemas enfrentados pela população. A questão primordial contida nesse texto remete ao acesso à literatura no Brasil, pois esse seleto grupo de escritores também escrevia para um seleto grupo de leitores, que tinha acesso à educação formal e erudita, diferentemente da grande parcela populacional brasileira.[2]

Além disso, a preocupação lobatiana também abrangia a falta de compreensão do leitor em relação àquilo que lia, uma vez que a escrita culta se distanciava da língua coloquial e falada, formando um distanciamento entre o lido e o vivido. A proposta era uma literatura que tentasse mostrar as condições da vida da nossa população, especialmente a rural, sem as idealizações criadas por muitos escritores.[3]

Conforme Lajolo e Zilberman (1999, p.27), os anos finais do século XIX e os iniciais do XX apresentavam uma produção literária diversificada, pois diversas tendências surgiam no momento:

> O resultado é um mosaico: o virtuosismo poético de Olavo Bilac, as vaguidades não menos rebuscadas dos simbolistas, as denúncia urgente e contorcida de Euclides da Cunha ou Raul Pompéia, o regionalismo de Monteiro Lobato, entre 1890 e 1920, configuram a produção literária brasileira em suas várias vertentes. Entre estas, mesmo as que se proclamavam (ou eram proclamadas) menos radicais assumiam como função dos projetos e dos textos a tarefa

---

2 Marisa Lajolo (1985) sugere que foi Lobato quem conferiu viabilidade da circulação do texto literário entre os brasileiros, o que trouxe para primeiro plano a necessidade de inserção do livro em premissas capitalistas, que no Brasil dos anos 1920, relacionado à indústria editorial, constituía num processo de modernização.

3 Lobato, em 1917, antes de se tornar proprietário da *Revista do Brasil*, propôs a busca das origens do folclore brasileiro, das lendas e mitos populares, por meio de um Inquérito sobre a figura do Saci. Para isso foram organizados um questionário e um concurso de pintura sobre essa figura folclórica, o qual, aliás, teve a participação de Anita Malfatti, entre outros artistas. O pensamento estético de Lobato, conforme Chiarelli, sempre retornava às origens; o artista deveria ir até o povo em busca de inspiração, deveria "plasmar a mitologia popular", em vez de continuar de "boca aberta esperando as senhas de Paris".

missionária de dar testemunho de seu país, atuando por meio da literatura, no ambiente que desejavam transformar.

Os elementos priorizados por Lobato em sua literatura tinham ênfase em educação, saúde, trabalho racional e industrialização. Sua concepção de escrita se pautava por esses aspectos e as grandes campanhas sociais e nacionais tiveram importância para ele, já que estabeleceu um "lugar" para si não apenas na história literária, mas também na história social e cultural brasileira.

Conforme João Luiz Lafetá (1974), na década de 1930, o movimento modernista atingiu uma "politização" mais explícita em que se ressaltou uma preocupação direta com os problemas sociais e, como consequência dessa situação, foram produzidos ensaios históricos e sociológicos, romances de denúncia e poesia militante. Foi também nesse contexto que Lobato começou a se dedicar de modo assíduo ao gênero da literatura infantil. Mas poderíamos nos questionar por que Lobato, um escritor atento às questões sociais e políticas desse momento, não dedicou, como muitos autores, sua produção ao gênero romance. Como é sabido, Lobato escreveu somente um romance, *O Presidente negro: romance americano do ano de 2228* (1926), considerado por ele como um romance *alla Wells*. De acordo com Marisa Lajolo (1985), tratava-se de um romance de tese, no qual máquinas de ficção científica permitem a um brasileiro ingênuo – o narrador Airton – testemunhar a solução final para os problemas raciais da sociedade norte-americana. Mas a questão que nos interessa responder aqui é sobre o motivo desse autor para seguir um ritmo contrário e se dedicar aos livros infantis.

"Vestir à nacional as velhas fábulas, mexendo nas moralidades"

Guardo as tuas notas sobre Malazarte. Um dia talvez aborde este tema. Ando com várias ideias. Uma: *vestir à nacional as*

> *velhas fábulas* de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha lhes conta. Guardam-nas de memória e vão recontá-las aos amigos – sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção à moralidade, como é natural. A moralidade nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, à medida que progredimos em compreensão. Ora, um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetrável. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta. Como tenho um certo jeito para impingir gato de lebre, isto é, habilidade por talento, ando com a ideia de iniciar a coisa. É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos. (Lobato, 1950, p.104, grifos nossos)

Por meio de mais esse trecho de uma das cartas de Lobato escrita a Rangel em setembro de 1916, percebemos talvez uma ideia em germe de seu projeto literário voltado para o público infantil, ideia que sempre perpassou sua carreira como escritor. No entanto, Ênio Passiani (2003) aposta na ideia de que Lobato só passou a escrever para as crianças depois de ter iniciado sua "decadência" no campo literário entre os anos 1925-1926, o que para esse autor teria "empurrado" o autor de *Urupês* para "novos nichos" nos quais continuaria exercendo seu trabalho de escritor. Passiani questiona o fato de Lobato não ter se dedicado a esse novo gênero após o lançamento de *A menina do narizinho arrebitado*, mas conclui que nesse momento Lobato não tinha necessidade de procurar um novo campo de atuação, já que experimentara nos anos 1910 e início dos 1920 um *status* inabalável.

Discordo dessa posição de Passiani, uma vez que, encarar a literatura infantil lobatiana como uma espécie de subterfúgio, ou como campo alternativo, é entendê-la como *algo menor*, que talvez

somente tivesse êxito a partir do momento que Lobato estava desmoralizado no campo literário brasileiro canônico, o que Passiani coloca como uma das consequências o necrológico de Lobato construído ironicamente por Mário de Andrade.[4]

Apesar de sustentada como algo *alternativo* por algumas análises, a literatura infantil de Lobato possui uma ambiciosa reversão da literatura voltada para as crianças vigente até então no Brasil, considerada por ele "besta e pobre". Partindo das velhas fábulas, portanto da relação com o tempo mítico, com os aconselhamentos, lições, ações que ocorreriam no plano encantado, Lobato procurou falar a partir do ponto de vista da criança.

Para Maria Celeste Consolin Dezotti (1991, p.11), a fábula é um ato da fala que se realiza por meio de uma narrativa, o que a constitui como um modo poético de construção discursiva, em que o ato de narrar passa a ser o meio de expressão de dizer, para a autora:

> Na fábula, o narrar está a serviço dos mais variados atos da fala: demonstrar, censurar, recomendar, aconselhar, exortar etc. Essa característica formal, muito simples, aliás, pode ser uma explicação para a popularidade e a resistência desse gênero através dos tempos. É que a maleabilidade de sua forma lhe permite incorporar novos repertórios de narrativas e ajustar-se à expressão de visões de mundo de diferentes épocas. Dizer uma narrativa é um ato linguístico para o qual todo falante tem competência. Para usar uma narrativa como fábula, basta que ele a configure como um discurso alegórico, ancorando esse seu "outro" significado ao seu contexto de enunciação.

4 "O telégrafo implacável nos traz a notícia do falecimento de Monteiro Lobato, o conhecido autor de *Urupês*. Uma das fatalidades de que sofre a literatura nacional é essas Parcas impacientes abandonarem no começo o tecido de certas vidas brasileiras que se anunciavam belas e úteis. Muitos literatos têm dessa maneira partido pro esquecimento em plena juventude mal deram com a obra primeiro vislumbre gentil do seu talento e possibilidades futuras" (Andrade apud Passiani, 2003, p.31). Apostando em Lobato como um escritor estreante em 1926, Mário de Andrade anunciou sua suposta morte; entretanto, sabemos que nesse ano, como apontou Passiani (2003), Lobato já poderia ser visto como um escritor reconhecido profissionalmente, além de empresário/editor.

> Essa vinculação obriga o ouvinte a não só compreender a narrativa, mas também a interpretá-la, buscando pontos de contatos significativos entre ela e a situação discursiva que motivou a sua enunciação. Esse trabalho de interpretação pode ser realizado pelo próprio enunciador da fábula, quando ele mesmo fornece uma *moral* para a sua narrativa. Mas faz parte também das possibilidades lúdicas do gênero deixar a narrativa sem moral, para que o ouvinte se veja obrigado a descobri-la a partir de indícios textuais ou situacionais que ele pode seguir. Interpretar uma fábula é, pois, como interpretar um enigma.

A fábula, como podemos ler na citação, é o "lugar do primitivo", de modelo de seres criados, cujas personagens são, em regra, animais que pregam uma lição de moral. Entretanto, a ideia dessa nova literatura infantil proposta por Lobato se desprende de um tempo mítico, do passado vivido, pois a ênfase oferecida a esse tempo é deslocada para o futuro: a criança (nesse caso, a personagem principal) não está mais presa a um destino traçado, ela está capacitada para projetar e criar utopia.

O narrador do *Sítio do Pica-pau Amarelo* não está falando *para* as crianças, mas *como* e no *lugar* delas. Conforme Nelly Novaes Coelho (2000, p.68), em *Literatura infantil: teoria, análise, didática*, trata-se de uma "originalíssima variante do narrador dialógico"; para a autora, dialógico ou dialético é entendido como um narrador que se dirige continuamente a um "tu", mas que ao mesmo tempo não se faz ouvir na "superfície da narrativa", porém a provoca. A única voz que se permite ouvir é:

> não a do narrador que fala a um tu silencioso, mas a de um tu (ou vários interlocutores) que fala, respondendo às prováveis (ou evidentes) perguntas do *eu-narrador* cujas falas não se fazem ouvir na narrativa, mas permeiam in *off*. Ou em outras palavras: trata-se de uma narrativa, na qual não se ouve a voz do narrador, mas apenas as vozes das personagens que com ele interagem. (ibidem)

Percebe-se que outra característica dos textos infantis de Lobato é o uso do *discurso indireto livre*, o que permite que a voz da personagem penetre a estrutura formal dos discursos do narrador (cf. Duarte, 2007). Portanto, ao oferecer voz às personagens-crianças, Lobato permite que dúvidas, reflexões e questionamentos das crianças sejam elementos ressaltados. Portanto, a peculiaridade dessa literatura também reside nesse ponto: no aconselhar e no agir no lugar da criança, a partir de situações que pudessem transformar a fantasia em algo real.

A prática do conselho é uma das características enfatizadas por Walter Benjamin (1994) em seu texto sobre a figura do narrador, onde afirma que o ato de aconselhar representa uma "dimensão utilitária da narrativa", e o verdadeiro narrador seria aquele homem que sabe aconselhar. Entretanto, esse ensaio escrito entre 1928-1935 demonstra que o ato de "dar conselho" se tornou algo arcaico na moderna sociedade burguesa, o que reverbera na forma das produções artísticas. Essa "morte" da narrativa tradicional é notada a partir do surgimento do romance, que diferentemente do narrador das velhas histórias tradicionais não compartilha experiências ou aconselhamentos, mas sim segrega-se, ou seja, o romance se origina a partir do indivíduo isolado, que não pode mais falar de suas preocupações, mas sim anunciar a "profunda perplexidade de quem vive". Nas palavras do autor:

> O senso prático é uma das características de muitos narradores natos. Mais tipicamente que em Leskov, encontramos esse atributo num Gotthelf, que dá conselhos de agronomia a seus camponeses, num Nodier, que se preocupa com os perigos da iluminação a gás, e num Hebel, que transmite a seus leitores pequenas informações científicas em seu *Schatzkästlein* (*Caixa de tesouros*). Tudo isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se "dar conselhos" parece

> hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza a sua situação). O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definhando porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. Porém esse processo vem de longe. Nada seria mais tolo que ver nele um "sintoma de decadência" ou uma característica "moderna". Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas. (Benjamin, 1994, p.200-1)

Ao retomarmos, entretanto, a ideia lobatiana – ainda em desenvolvimento no momento que endereça a carta citada acima ao seu amigo Rangel – nos textos efetivamente escritos para as crianças, Lobato trava uma espécie de impasse (ou se quisermos, uma solução) entre a fantasia e a realidade. Com seus textos, nota-se que a ideia do autor é "mexer nas moralidades" das velhas fábulas, ou seja, torná-las mais palpáveis, conquistar o leitor contemporâneo, aconselhá-lo e instruí-lo, em relação à construção de um novo modelo de "país". Mas como ele opera essa faceta? Quem realizaria a ponte entre a magia e a "realidade"? Ou melhor, essa ponte apareceria de forma explícita em seus textos? Segundo ele, em suas "memórias" imaginadas numa conversa com a boneca Emília:

> Queria mostrar na minha literatura infantil, feita sob o seu comando e da turma lobatífera, havia a mais rica descrição dos mais ricos reinos do mundo encantado. O Sítio do Pica-pau Amarelo era o primeiro dele; *tudo nele e com ele começava*, não precisava ir para a Grécia. (Lobato apud Dantas, 1973, p.123)

Lobato queria, portanto, "um grau zero" para inventar um Brasil[5] que na ficção seria um país que partisse do olhar e da vontade da criança, os futuros cidadãos. Não partiu, assim como os modernistas, da ideia grandiosa de transformar completamente a maneira da nossa criação artística, de se realizar uma ruptura e se estabelecer como vanguarda. A literatura de Lobato se destacou em outro *lócus*, pois chamou a criança para agir livremente, e foi necessário pensar nessa criança de forma a construir um "modelo" capaz de operar a invenção desse "Sítio/Brasil".

Talvez a ideia de Lobato, em consonância com o pensamento da época, fosse incluir nessa nova literatura aquilo que nos era ausente. Se os modernistas foram buscar referências nas vanguardas europeias, se queriam oferecer a este jovem continente nossa poesia pau-brasil, as palavras de liberdade, a cultura popular etc.,[6] Lobato foi buscar na cultura norte-americana personagens como Tom Mix,

---

5 Cito sugestões da professora Arlenice, proferidas em exame de qualificação. Em carta encaminhada ao amigo Godofredo Rangel, vemos escrita a ideia lobatiana de se criar uma literatura autêntica: "E tem você rangelizar a tua lira, e o Edgar tem que edgardizar a dele, e eu lobatizar a minha. Inconfundibilizá-las. *Nada de imitar seja lá quem for.* Eça ou Esquilo. Ser um Eça II ou Esquilo III, ou um sub-Eça, um sub-Esquilo, sujeiras! Temos de ser nós mesmos, apurar os nossos Eus, formar o Rangel, o Edgar, o Lobato. *Ser núcleo de cometa, não cauda*. Puxar fila, não seguir. O trabalho é todo subterrâneo, inconsciente; mas a Vontade há que marcar sempre um norte, como agulha imantada" (Lobato, 1964, p.81-2, grifos nossos).

6 "Queremos a revolução Caraíba. Maior que a revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem. A idade do ouro anunciada pela América. A idade do ouro e todas as girls" (Oswald de Andrade apud Schwarz, R., 1987, p.37). Como resultante da proposta oswaldiana, conforme Schwarz (1987), a postura da arte não deveria guardar o sentimento de inferioridade, sim transformá-lo. Havia uma espécie de discrepância entre os "dois Brasis" presentes na poesia de Oswald de Andrade, e é a partir dessa discrepância que esse autor tentou uma interpretação triunfal do nosso "atraso". A proposta de Oswald mostrava uma postura cultural irreverente e livre do sentimento de inferioridade, "metaforizado na deglutição do alheio", ou seja, propunha uma espécie de cópia, porém regeneradora. Seria o primitivismo local que devolveria à cansada cultura europeia o sentido moderno, mas livre da maceração cristã e do utilitarismo capitalista.

Gato Félix; na cultura grega, a personagem de Hércules; na cultura hispânica, Dom Quixote, entre outros; ou seja, não realiza uma total ruptura com a tradição, porém incorpora os temas adaptando-os e atualizando-os à cultura nacional.

Lançando mão de uma analogia, poderíamos pensar que essa proposta de incorporação dos temas literários internacionais e de tradição mundial pode ter sido uma alternativa à tristeza do brasileiro, à qual se referia Paulo Prado (1998) em *Retrato do Brasil*, onde realizou um ensaio psicologizante do caráter do brasileiro:

> No Brasil, o véu da tristeza se estende por todo o país, em todas as latitudes, apesar do esplendor da Natureza, desde o caboclo, tão mestiçado de índio da bacia amazônica e dos sertões calcinados do Nordeste, até a impossibilidade soturna e amuada do paulista e do mineiro. Destacam-se somente nesse fundo de grisalha melancolia e gaúcho fronteiriço, mais espanholado, com um folclore cavalheiresco levemente nuançado de saudade que o acompanha nas correrias revolucionárias – e o carioca, já produto de cidade grande e marítima, em contato com o estrangeiro e entregue ao lazaronismo do ambiente. Há povos tristes e alegres. Ao lado da taciturnidade indiferente ou submissa do brasileiro, o inglês é alegre, apesar da falta de vivacidade e da aparência; o alemão é jovial dentro da disciplina imperialista que o estandardizou num só tipo; todos os nórdicos da Europa respiram saúde e equilíbrio satisfeito. (ibidem, p.143)

Apesar das diferenças que marcam os estilos das produções de Paulo Prado e de Monteiro Lobato, já que o primeiro escreve na forma ensaística e o segundo escreve literatura de ficção para o público infantil, nota-se que ambos os autores produzem entre os anos 1920 e 1930 e, seguindo as pistas de Elide Rugai Bastos (1986), são os chamados ensaístas, entre eles Paulo Prado, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre etc., que estavam preocupados em estabelecer relações existentes entre o Estado e a Sociedade, que para tanto buscaram ampliar as bases do debate sobre a questão social. Para a

autora, estavam menos preocupados em analisar as instituições políticas do que as forças sociais em jogo. Esses trabalhos assumiram no contexto em que são produzidos um caráter imaginário: buscaram "inventar" a cultura para legitimar a "invenção" da "identidade nacional". Dessa forma, a vertente seguida por Lobato foi realmente a invenção de algo novo, de uma literatura infantil que modificava aquela existente até então, propunha a consolidação de uma "sociedade criada" em termos ficcionais, mas que muito se relacionava ao "Brasil real do momento". Seguindo na acepção de Erich Auerbach (2007a), a obra de arte literária é uma espécie de meio utilizado pelo autor para entender as transformações sociais e como elas se dão. O escritor é capaz de tornar visíveis essas mudanças por meio da arte, e a maneira como os homens vêm a si mesmos está diretamente ligada à "realidade exposta".

Seguir, portanto, as pistas deixadas por cada personagem pode ser uma alternativa que possa nos oferecer algumas respostas ou maiores indagações em relação aos questionamentos levantados antes. Concordamos com Anatol Rosenfeld (2005) quando esse afirma que "as personagens, ao falarem, revelam-se de um modo bem mais completo do que as pessoas reais, mesmo quando mentem ou procuram disfarçar sua opinião verdadeira".

Como falávamos antes, a relação entre realidade e magia nos textos de Lobato escolhidos para o nosso estudo aparece de forma bastante estreita, mas ao mesmo tempo, a passagem da mágica para a realidade segue um ritmo narrativo intenso e rápido. Podemos notar, de início, que as "personagens mágicas" principais seriam Emília e Visconde de Sabugosa. Este, como veremos no primeiro livro de Lobato destinado às crianças, não possui notoriedade na narrativa, trata-se de um sabugo de milho que nos primeiros episódios não aparece frequentemente, pois ficou confinado atrás da estante, "espremido" entre as enciclopédias de álgebra e aritmética, o que lhe rendeu ainda mais em conhecimentos sobre ciência. No entanto, no livro *O poço do Visconde*, seu lugar passa a ser outro, não mais o confinamento, a partir disso sua atuação se configura em realidade e o que parece uma conclusão possível é: a brincadeira a partir dessa

obra "vira coisa séria", pois é onde lemos o "abalo do país" a partir da descoberta do petróleo, projetos empreendidos pelas crianças e especialmente com a participação do sábio sabugo de milho Visconde. As atuações deste passam a ter um tom efetivamente "realista", pois a partir de agora, apesar de não ser real, age como um sábio de ação, capaz de opinar, ponderar e incentivar a abertura dos poços de petróleo, sem gozar da possibilidade do uso da mágica, exclusivo à boneca.

Quanto a Emília, diferentemente de Visconde, parece manter sempre uma participação entre a magia e a realidade, não tem território fixo, aliás, sabe usar muito bem essa maleabilidade oferecida pela narrativa. Se no início do livro *Reinações* não passa de uma boneca feia e sem utilidade, confeccionada por Tia Nastácia, aos poucos é contemplada com a fala oferecida pelas pílulas do doutor Caramujo. Novamente aqui a magia é um recurso indispensável usado, pois as soluções para problemas que nunca se imaginam soluções, como nesse caso, uma boneca de pano ganhar fala, são dadas em grande estilo mágico, mas, ao mesmo tempo, real, já que o recurso da medicina é acionado, e o problema da mudez da boneca, sanado.

Doutor Caramujo, médico do Reino das Águas Claras, mora num reino imaginado e visitado por Narizinho em seus sonhos de menina real; entretanto, apesar de o Doutor Caramujo não ser *real*, trata-se de um médico, profissão bastante sugestiva de uma ciência específica, racional e especialmente real. Ou seja, os *territórios* entre magia e realidade nas aventuras das personagens do sítio são bastante tênues, o que pode ser evidenciado com a participação de Emília especialmente. É ela quem resolve tudo com o "segredo do faz-de-conta", que significa uma fuga do real, que é acionado quando, por exemplo, Visconde não consegue solucionar problemas gerados para o andamento da abertura dos poços de petróleo, ou quando ela decide consertar os estragos causados pela Guerra Mundial alterando a chave do tamanho do mundo.

O desprendimento de Emília, tanto de vínculos familiares e morais, além de sua espontaneidade, faz que as "personagens reais" a vejam como uma espécie de personagem livre, que por isso abusa dessa condição ao tomar decisões sozinha, realizar planos seguindo

apenas suas ideias e concepções. Nem a autoridade de Dona Benta consegue restringir as vontades de Emília que, como o próprio Lobato afirmou, tinha a turma lobatífera sob o seu "comando".

Assim percebemos como estava fundamentada a ideia de Lobato, em vestir à nacional as velhas fábulas, ou seja, empreender uma literatura que estivesse atenta aos nossos jovens leitores, que os colocassem como protagonistas, não abrisse mão da tradição literária mundial, incorporasse temas nacionais e internacionais, aconselhasse, projetasse uma nova ideia de Brasil, portanto que não se restringisse à cultura europeia, que os temas nacionais fossem o "centro", não a "cauda do cometa"; por isso, assim agiam suas personagens, tomando para si a ideia de modernizar a nação, "desburocratizar" o Estado, investir em ciência, racionalizar o trabalho etc. Mas, para que tudo isso fosse possível, como veremos, a mágica seria elemento imprescindível, e acionada sempre que contradições e problemas viessem à tona, o que é compreendido por se tratar de uma literatura ficcional, onde o autor sempre terá a seu dispor a "função poética" oferecida pelo recurso literário:

> No discurso literário existe, é claro, outras funções da linguagem, como a "referencial", cuja finalidade é a representação objetiva do mundo interior e exterior. Mas os diversos tipos de discursos se caracterizam pela predominância, não exclusividade de funções. Na linguagem cotidiana, no discurso administrativo ou científico, por exemplo, predomina a função referencial que visa a informar, a exprimir diretamente o que percebemos ou inferimos da realidade. Na linguagem literária, predomina a função poética, que visa a realçar as qualidades estéticas da palavra. Não se pode, portanto tomar como informativo, como documento, um discurso de tipo literário que visa a criar um universo específico, diferente da realidade, embora a tenha como matéria-prima e procure tomar o seu lugar. Um erro vulgar consiste em pensar quando, de fato, esta força provém do teor estético da linguagem usada. O sentimento real, por exemplo, não basta para fazer literatura, porque, ao contrário do que tendemos a pensar, o que nos toca não é a autenticidade objetiva

> disso ou daquilo, mas a eficiência estética do discurso, o que faz parecer autêntico isso ou aquilo (mesmo que não seja). A estas considerações é preciso juntar outra de grande importância: a que se refere ao caráter da ambiguidade do discurso literário. Neste, as coisas, os sentimentos, as ideias, nunca têm o único significado, mas vários; e isto faz a sua força. Daí a necessidade de "interpretação", que é o modo de ler literatura, sendo uma tentativa de estabelecer quais são os sentidos possíveis, de cujo concurso se forma, ou se formam os significados dominantes. (Candido apud Silva, 2006, p.221-2)[7]

Ao sugerirmos, portanto, que Lobato tenta uma solução para os entraves da narrativa baseado na magia e fantasia, elementos que as personagens "apelam" em meio a uma situação de conflito, uma vez que na fantasia não existe contradição, não estamos cobrando do autor uma resolução real dos conflitos, sim apenas interpretando de acordo com uma maneira possível dentre outras. Entendemos que o lúdico e a brincadeira sejam alternativas que oferecem ao leitor um desfecho de cada "estória", mas o que estamos tentando colocar em questão, como veremos a seguir, é como a narrativa acomoda diferentes situações por meio da magia, deixando os conflitos sem uma solução racional ou com base no real.

Como veremos neste trabalho, Lobato, como homem atento às mudanças, aos acontecimentos do mundo, e à herança do pensamento iluminista, vislumbrou em seus textos infantis industrialização, progresso, educação, ciência e igualdade.

No Capítulo 1, observamos que a figura do Visconde de Sabugosa denota o intelectual não existente na realidade: personificado em uma

7 Essa análise de Antonio Candido está descrita em um parecer desse autor sobre o processo movido contra o escritor Renato Tapajós, que teve seu livro intitulado *Em câmera lenta*, acusado de ser subversivo por parte da censura. Esse parecer foi emitido por Candido em 1978, onde procurou explicar que a criação literária não induz à atividade subversiva, uma vez que se trata de um discurso marcado pela "função poética". Ao resgatarmos esse parecer temos a intenção de mostrar que a literatura, apesar se passível de ser interpretada, deve ser respeitada como imaginação criativa do autor; por isso, não podemos exigir dela objetividade ou uma contundência fiel à realidade social.

espiga de milho, temos um sábio voltado para a ação que segue uma conduta pragmática, ao contrário dos reais intelectuais brasileiros sempre criticados por Lobato por serem desprovidos, conforme o autor, de um pensamento progressista e subversivo em relação à economia atravancada e atrasada do país. Daí a necessidade de alguém que informasse e formasse os agentes transformadores da nação, as crianças. Essa formação teria como base uma crítica à nossa falta de exploração dos recursos naturais e falta de industrialização, aspectos vistos pela narrativa como responsáveis pela permanência do país no seu profundo estado de paralisia em relação à modernização.

As aulas sobre geologia "fazem" que poços jorrem petróleo no *Sítio do Pica-pau Amarelo*. Dona Benta, a proprietária, sempre atenta à formação intelectual de seus netos, permite e admira a ciência pragmática de Visconde, chegando a afirmar que esse sim era um verdadeiro "sábio de ação". O sabugo cientista, desempenhando sua verdadeira função, como uma espécie de "intelectual orgânico", pode colocar em funcionamento uma refinaria de petróleo gerando, consequentemente, para a nação uma indústria eficaz, capaz de concorrer com os países mais desenvolvidos industrialmente do mundo.

No Capítulo 2, que nos referimos às crianças e sua formação educacional, tentamos perceber a atuação individual das crianças do sítio, Narizinho, Pedrinho e a boneca Emília, a fim de ver qual o papel atribuído a cada uma delas na importante tarefa de consolidação de um futuro nacional; ou seja, além da formação educacional uniforme que elas recebem, a questão principal é como cada personagem reage ante aspectos ligados às suas personalidades, uma vez que cada uma representa algum ponto positivo que auxilia no desenvolvimento nacional.

No Capítulo 3, analisamos de forma cronológica aspectos sociológicos sobre a visão de Lobato em relação à população negra do país. Nossa intenção é perceber como essa parcela da população seria vista e qual função teria na nova e hipotética nação lobatiana. Tendo em vista que Tia Nastácia e Tio Barnabé são os representantes do povo nesse espaço do sítio, tentamos observar – comparando com outros trabalhos do autor – como as personagens negras

aparecem também em suas obras "para adultos", o que nos fez notar que sua criação aparece desenhada de acordo com um processo, resultando em uma forma não unívoca, tal como o lugar destinado ao povo no Sítio/Nação. Observamos ainda que este é um tema que pode gerar polêmica e pediria um trabalho futuro mais aprofundado, considerando outro conjunto de obras lobatianas.

Nesse sentido, percebemos que se em alguns livros é clara uma concepção eugênica do autor, como no livro *O presidente negro* (1926), em outros textos ou contos suas críticas ao sistema escravista são contundentes e severas. Essa característica no pensamento de Lobato, que muitas vezes pode soar como ambígua, deve ser enfocada em diferentes momentos de sua produção. É possível pensar que o autor mude a sua concepção junto com o tempo e altere a percepção de certos temas quando deve encarar determinados assuntos. Ressaltamos, entretanto, que nosso foco principal é a discussão do papel do negro – como povo herdeiro do modelo escravocrata – no país moderno idealizado por Lobato, visto por meio de suas obras infantis.

No Capítulo 4, enfocamos o papel de Dona Benta, a matriarca da família responsável pelas ações e normas vigentes no *Sítio do Pica-pau Amarelo*. A "boa senhora", sob o signo do conhecimento ilustrado, oferece aos netos uma formação condizente com as prioridades futuras, como nos serões científicos oferecidos por ela onde as crianças aprendem muito mais do que aprenderiam numa escola formal, pois a avó oferece uma formação capaz de amparar as crianças e oferecer a elas uma atuação de cidadãos inteligentes, conscientes e, especialmente, solidários com o processo de modernização nacional.

Desprezando e conservando muitos aspectos do Brasil colonial, Dona Benta segue na narrativa dos livros infantis do autor mostrando enorme competência e interferindo nas decisões de todas as personagens. Ressaltamos que sua presença é constante em todos os capítulos deste texto, uma vez que, como "porta-voz" da experiência e da razão, é ela quem pondera e acaba por conferir ou não viabilidade nos projetos das crianças e da nação futura.

1
Visconde de Sabugosa: O intelectual pragmático e a nação cientificamente moderna

"Eu, se pudesse, pegava num martelo e embutia na cabeça de todos os brasileiros estas palavras: o ferro é a matéria-prima da máquina, e o petróleo é a matéria-prima da melhor energia que move a máquina. E como só a máquina aumenta a eficiência do homem, o problema do Brasil é um só: produzir ferro e petróleo para com eles ter a máquina que aumentará a eficiência do brasileiro."

(Visconde de Sabugosa, in O poço do Visconde*)*

Pedrinho, Narizinho, Emília e, especialmente, o sabugo de milho Visconde representam nos livros infantis de Lobato um saber prático, não academicista, e com esse tipo de conhecimento estão dispostos a ajudar o Brasil, sanando seus males principais.

Em seu primeiro livro publicado para as crianças, chamado *Reinações de Narizinho*, de 1931,[1] observamos o "nascimento"

---

1 É válido enfatizar aqui que a edição que priorizamos neste estudo é a de 1931, e a primeira edição desse livro que inaugura a literatura infantil desse autor data de 1921, cujo título de lançamento foi *A menina do narizinho arrebitado,* livro utilizado nas escolas públicas de São Paulo, no governo de Washington Luis, como cartilha.

de um modelo de sábio "ideal e verdadeiro", o Sabugo de Milho Visconde, que antes de ser costurado e remendado por Tia Nastácia não passava de um sabugo de milho que ainda carregava "umas palhinhas no pescoço, que fingiam muito bem de barba". Nesse livro, o sabugo, que não aparece muito nas aventuras porque permanece jogado atrás da estante ou dentro de uma lata para não incomodar ninguém, já demonstrava, porém, seu talento para a ciência; todos admiravam o fato de um sabugo de milho ser inteligente da forma como mostrava ser:

> Esse sábio [Visconde] estava ficando cada vez mais sabido, depois da temporada que passou atrás da estante, entalado entre uma álgebra e uma aritmética. Por isso, só falava cientificamente, isto é, de um modo que Tia Nastácia não entendia. (Lobato, 1950, p.193)

Nesse trecho da narrativa notamos dois opostos contrastantes, Visconde e Tia Nastácia, sendo o primeiro representante da ciência e a segunda a representante do "senso comum" que, conforme o texto, não entende de ciência. Nesse livro, as aparições científicas do Sabugo não são muitas, de vez em quando ele aparece para dar alguma opinião, mas as outras personagens não se importam muito.

A questão da ciência aparece timidamente nesse livro. No momento em que Narizinho e Emília se deslocam para o *Reino das Águas Claras*, onde havia uma divisão em "Institutos históricos", como na realidade, é que percebemos que o projeto de escrita de Monteiro Lobato para as crianças já "nasce" com a ideia de cientificidade e exatidão. Ao notarem como as personagens do *Reino das Águas Claras* trabalham, Narizinho fica admirada com a capacidade científica do Doutor Caramujo, médico do reino:

> Que bom cirurgião! – exclamou Narizinho, vendo a perícia com que ele arrolhou a taturana e consertou o besouro. Só sobraram duas peças – uma perna e uma antena. E trabalha cientificamente – refletiu a menina, notando que antes de tratar do doente o Doutor nunca deixava de fazer o diagnóstico. (Lobato, 1959d, p.28)

A narrativa transpõe a importância da ciência para o nível da mágica, o que nos faz inferir que existe também uma crítica embutida sobre a ineficiência científica da realidade brasileira do período. Percebemos que o Doutor Caramujo "conserta" o besouro como se estivesse consertando uma máquina; a menina, ao se admirar da competência do médico, fala de duas peças que sobraram, mas que, com certeza, o médico aproveitaria em outra ocasião.

Essa ineficiência é mostrada de forma mais intensa no livro *O poço do Visconde*, escrito na mesma década, só que cinco anos depois, em 1937, ano de publicação de sua primeira edição. Nesse livro, a ciência aparece mais focalizada no aspecto que envolve a falta de industrialização brasileira, mais especificamente a questão da exploração dos recursos naturais. Para muitos críticos do autor, como Lajolo (1985), Zilberman (2005), Campos (1986), entre outros, esse livro possui um tom panfletário e, ao mesmo tempo, didático, o que serviria aos seus leitores como uma espécie de incentivo para uma postura crítica sobre a inércia dos nossos governantes em relação ao processo de industrialização, o que em termos de um projeto para a nação demonstra também uma inquietação de diversos intelectuais, já que uma racionalização e um funcionamento maior da indústria eram entendidos como prerrogativa de progresso.

Um ano antes, em 1936, Lobato publicaria sob o cânone da sua literatura para adultos o livro *O escândalo do petróleo e do ferro*, onde tentaria demonstrar diversas irregularidades que envolviam a exploração do produto em nossas terras. Para o autor, somente a industrialização seria capaz de completar a tarefa de construção da nossa nacionalidade (cf. Campos, 1986). Conforme a narrativa:

> O caso do petróleo prende-se ao caso do petróleo em geral. Esse produto é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna; é a eficiência do poder militar; é a soberania; é a dominação. Tê-lo, é ter o Sesamo abridor de todas as portas. Não tê-lo, é ser escravo. Daí a fúria moderna na luta pelo petróleo [...]
>
> A base do poder dos Estados Unidos está sobretudo no petróleo. Arrancam do seio da terra quase um bilhão de barris por ano, na

> maior parte consumidos lá – e nossa imaginação tonteia ao calcular o que tamanha onda de óleo, transfeita em energia mecânica apresenta para a economia daquele povo. (Lobato, 1959c, p.7)

O autor apostou no petróleo como o produto que mais renderia ao país um desenvolvimento econômico e social. Seria esse aspecto necessário para despertar esse "Gigante adormecido" para o progresso. No livro *O poço do Visconde* (1937), isso foi possível por conta dos habitantes do Sítio do Pica-pau Amarelo terem tomado a frente da ação. Tudo se inicia com a indignação por parte de Pedrinho ao ler os jornais que noticiavam sobre a exploração do petróleo no Brasil, entretanto o líquido ainda não havia jorrado:

> Estou vendo que se nós aqui no sítio não resolvermos o problema, o Brasil ficará toda a vida sem petróleo. Com um sábio da marca do visconde para nos guiar, com as idéias de Emília e com a força bruta como a do Quindim, é bem provável que possamos abrir no pasto um formidável poço de petróleo. (ibidem, p.3-4)

A ideia do menino sugere um abandono da economia agrária, pois idealiza a abertura do poço de petróleo no pasto de Dona Benta, almejando assim um lugar que, como veremos, aos poucos deixa de ter a produção agrária como motor exclusivo da economia. Na literatura endereçada para o público adulto, Lobato criticou de modo ferrenho a mentalidade da elite cafeeira. Em 1919, lançou o livro *Cidades mortas*, uma junção de diversos contos e artigos escritos em sua juventude, e, num desses contos, denominado Café! Café!, narrou a trágica e decadente trajetória de um major que se dedicava ao produto e que aos poucos vê o seu estado produtivo chegar ao fim, porém não queria acreditar que essa cultura, que lhe rendera muito, pudesse algum dia deixar de ser lucrativa:

> Ficou naquilo o major Mimbuia, uma pedra, um verdadeiro monólito, que só cuidava de colher café, de secar café, de beber café, de adorar café. Se algum atrevido ousava insinuar-lhe a

necessidadezinha de plantar outras coisinhas, em mantimentozinho humilde que fosse, Mimbuia fulminava-o com apóstrofes.

– O café dá para tudo. Isso de plantar algum mantimento é estupidez. Café. Só café.

– Mas com seu perdão, major, se algum dia, que Deus nos livre, o café baixar e...

– O Café não baixa e se baixar sobe de novo. Vocês não entendem dessa história – e depois, olhe, eu não admito ideias revolucionárias em minha casa, já ouviu? (Lobato, 1959a, p.178-9)

A previsão da baixa do produto foi confirmada, mas o major não desistiu da ideia fixa pelo café, continuou tentando, vendeu pedaços da terra, vendeu casa, perdeu tudo, ficou sozinho em seu cafezal, mas não desistiu, porque pensava no aumento do preço do produto: "Há de subir, há de subir, há de chegar a sessenta mil réis em julho. Café, café, só café!..." (ibidem, p.182).

Percebemos que a narrativa põe em questão a mentalidade focada apenas num produto da economia, o café, que desde 1906 já mostrava sua decadência, resultando num convênio entre os fazendeiros e o presidente da província do Estado de São Paulo, o *Convênio de Taubaté*, cujas bases seriam, conforme Celso Furtado (1985), a intervenção por parte do governo no mercado para comprar os excedentes do produto. O pagamento dessas compras seria feito por meio de empréstimos estrangeiros, sendo o serviço desses empréstimos coberto com um novo imposto cobrado em ouro sobre cada saca de café exportada. Por fim, o governo dos Estados produtores do produto deveria desencorajar a expansão das plantações.

Em outro conto cujo título dá nome ao livro *Cidades mortas*, escrito em 1906, o autor narra a decadência de uma cidade onde, antes da queda, o café oferecera grandeza e notoriedade:

Vivem dentro, mesquinhamente, vergônteas mortiças de famílias fidalgas, de boa prosápia entroncada na nobiliarquia lusitana. Pelos salões vazios, cujos frisos dourados se recobrem da patina dos anos e cujo estuque, lagarteado de fendas, esboroa à força de goteiras, paira o

> bafio da morte. Há nas paredes quadros antigos, "crayons" figurando esfinges de capitães mores de barba em colar. Há sobre os aparadores Luis XV brônzeos candelabros de dezoito velas, esverdecidos de azinhavre. Mas nem se acendem as velas, nem se guardam os nomes dos quadrados – e por tudo se agruma bolor rancidos da velhice. São os palácios mortos da cidade morta. (Lobato, 1959a, p.4)

Nesse trecho do conto citado, notamos a crítica da narrativa ao cafeicultor que ao longo de décadas fora o principal responsável da nossa economia, além disso, rendeu à nação brasileira uma tentativa de uma forma de vida aristocrática que se vangloriava por se considerar vitoriosa econômica e politicamente. São as gerações subsequentes dessa aristocracia alvos de diversas críticas que podem ser encontradas desde os livros de Monteiro Lobato destinados para adultos quanto aqueles voltados para as crianças.

Nesta nossa discussão, daremos prioridade à questão da mentalidade dessa parcela da população brasileira que, conforme Lobato, conduziu a nação rumo a um regresso social, visto que era contrária a qualquer mudança política, estrutural, ou econômica que fosse capaz de ameaçar o seu prestígio o poder de mando.

Um dos "atrasos" mais preocupantes, na concepção lobatiana, causados por esse apego ao passado por parte do fazendeiro, seria a falta de apoio à ciência, mas não qualquer ciência, sim aquela positiva e pragmática que conduziria o Brasil a um novo tipo de desenvolvimento econômico.

A ciência atuando de forma prática na nação

A fim de realizar essa "exploração petrolífera" no sítio, Pedrinho solicita ao Sabugo de Milho Visconde uma atitude prática, pede a esse que ministre as aulas de geologia, pois:

> O Visconde descobrira entre os livros de Dona Benta um tratado dessa ciência e pusera-se a estudá-la – a ciência que conta a história

> da terra, da terra-chão. E de tanto estudar ficou com um permanente sorriso de superioridade nos lábios – sorriso de dó da ignorância dos outros. (Lobato, 1950, p.2)

Dessa forma, as aulas no sítio são iniciadas e todos são convidados a assisti-las. A sala da casa de Dona Benta é arrumada de maneira formal, de acordo com as grandes universidades e a hierarquia entre aluno e mestre é respeitada durante as lições do sábio Visconde. Todos se impressionam com a linguagem cientificista e técnica do Sabugo de Milho. Num dos diálogos, esse tem o aval de Dona Benta que, conforme a narrativa, era a senhora mais sábia do Brasil: "Continuo a aprovar a ciência do Visconde. Tudo quanto ele disse está de acordo com o que os geólogos ensinam" (ibidem, p.42).

No decorrer das aulas, o mestre Visconde alerta o tempo todo para o atraso da nação brasileira em relação aos países que já exploram o petróleo, como os Estados Unidos, por exemplo:

> Já há mais de 900 mil poços de petróleo abertos nos Estados Unidos. Os americanos são umas feras. E como fazem tudo em ponto grande tornaram-se o povo mais adiantado e rico do mundo.
>
> – E nós, no Brasil, quantos poços abrimos?
>
> – Que desse petróleo, nenhum. Até hoje foram abertos no território brasileiro apenas sessenta e poucos poços, na maioria rasos demais para atingirem alguma camada petrolífera. (ibidem, p.50)

As crianças, no decorrer das aulas, questionam se existe a possibilidade de jorrar petróleo em solo nacional e Visconde diz que há sinais do óleo em toda a parte do Brasil. Nesse período, aliás, Monteiro Lobato participara ativamente da exploração de um poço de petróleo em Alagoas. Em suas *Cartas escolhidas* (segundo tomo), onde foram publicadas as cartas trocadas entre ele e alguns de seus amigos, percebemos a participação e o entusiasmo do autor perante a abertura desse poço em Alagoas, como veremos a seguir em carta datada em 15 de fevereiro de 1936 – ano de publicação dos livros com a temática do petróleo – escrita ao seu amigo Lino Moreira:

> Tudo ótimo em Alagoas. Os engenheiros geofísicos partiram ontem da Alemanha; a 28 estarão em Maceió. Terça-feira segue daqui o Dr. Winter, que vai recebê-los, e o Ch. Frankie, que vai retomar a perfuração. Tenho fé em que o próximo mês de março nos vai trazer notícias importantes.
>
> Hás de ter lido minha Carta Aberta. Aqui o efeito foi grande, e aí? Saiu simultaneamente nos 16 maiores jornais do Brasil, somando a tiragem no mínimo de 800.000 exemplares. Quer dizer que o país inteiro tomou conhecimento daquilo – e indignou-se. (Lobato, 1961, p.11)

Nessa carta endereçada ao amigo, Lobato refere-se aos progressos que estavam conquistando em relação às aberturas do petróleo em Alagoas e também à carta aberta que escrevera para criticar a política do governo com relação ao petróleo no Brasil que, na visão dele, além de ineficaz, permitia que as companhias internacionais levassem vantagem sobre o produto brasileiro.

No livro *O poço do Visconde*, o sábio Sabugo de Milho afirma que não se explora petróleo no Brasil porque as companhias estrangeiras que vendem o produto não têm interesse nisso e, por conta desse fator, o brasileiro acaba se convencendo da inexistência do produto:

> Quando um povo embirra em não arregalar os olhos não há quem o faça ver. As tais companhias pregaram as pálpebras dos brasileiros com alfinetes. Ninguém vê nada, nada, nada... E cada ano o Brasil gasta mais de meio milhão de contos na compra do petróleo que as companhias espertalhonas vendem. (Lobato, 1950, p.10)

Também em seu livro *O escândalo do petróleo e do ferro*, Lobato criticou a falta de ação do povo brasileiro que, em vários artigos, emite a opinião de que o brasileiro só se interessaria por jogo, farra, carnavais e anedotas:

> Os trusts estão a par de tudo, neste nosso maravilhoso país. Sabem que o lavrador colhe café e o Governo o queima aos milhões

> de sacas, para manter o equilíbrio estatístico – coisa que ninguém percebe o que é – nem trata de perceber. O brasileiro impressiona--se profundamente com o que não entende. "Economia dirigida", por exemplo. Ninguém entende isso – e por isso mesmo a "economia dirigida" do ministério da agricultura vai fazendo carreira. Depois de haver demonstrado, da maneira mais absoluta, a sua inépcia em dirigir com eficiência as coisas mais elementares, como seja uma simples estrada de ferro, o Governo arregaça as mangas para "fazer economia dirigida", isto é, transformar a complexíssima economia da nação numa vasta Central do Brasil. (Lobato, 1959c, p.11)

Essa crítica em relação aos trustes internacionais passou a ser construída depois da Revolução de 1930, conforme a análise de Gabriel Cohn no livro *Petróleo e nacionalismo* (1968). Além de Monteiro Lobato, outros autores, vistos como nacionalistas, faziam a crítica à postura do governo brasileiro em relação às empresas internacionais produtoras do óleo. Na medida em que a unidade nacional era tida como um parâmetro de ação, as bases para uma efetiva contraposição entre nação e aquilo que lhe seria externo foram lançadas. É por essa via, rumo a uma redefinição do Brasil em relação à condição de "apêndice" econômico das áreas industrializadas, consumidoras de matérias-primas, que os nacionalistas procuravam agir. De acordo com Gabriel Cohn (1968, p.17):

> Tratava-se, muito mais, de defender as riquezas do subsolo tanto dos interesses locais, quanto – ainda em segundo plano – dos estrangeiros. A tônica estava nos interesses nacionais contra os localistas ou estrangeiros, mais do que na disjuntiva propriedade privada – interesse social.

Monteiro Lobato, partindo de uma iniciativa privada e ao mesmo tempo particular, manifesta em *O escândalo do petróleo e do ferro* um repúdio às afirmações de um documento oficial elaborado pelo ministro da Agricultura da época, 1936, Odilon Braga, com o

objetivo de oferecer ao presidente da República dados fundamentais para a conclusão de um inquérito sobre a exploração do petróleo, o qual vinha criticando, por meio da imprensa, desde 1932.

> No entender desse autor, a ação do Estado nessa área configurada na legislação sobre as riquezas minerais – em especial, no código de Minas – e na atuação concreta dos seus órgãos administrativos, convergia diretamente para o campo de interesses dos grandes grupos internacionais. (ibidem, p.20)

O Código de Minas, para Lobato, não passava do resultado de hábil manobra do truste. Segundo Cohn, a interpretação lobatiana a respeito do assunto mostra a opinião do empresário mais consciente de seus interesses. Partia sua crítica da pouca eficiência dos trabalhos do Departamento Nacional de Produção Mineral, conjugada às dificuldades opostas ao ingresso da iniciativa privada no setor. Caio Prado Júnior (1959, p.IX), prefaciando o livro *O escândalo do petróleo e do ferro*, faz um elogio ao empenho de Lobato na questão em que envolve a industrialização e especialmente o petróleo:

> Monteiro Lobato, o contista, o sociólogo, o romancista, o inexcedível contador de histórias infantis, o escritor dos sete instrumentos, é aqui o economista. Não o economista árido das abstrações e discussões acadêmicas, mas o economista prático que corajosamente se coloca ante os grandes problemas do país, e nesta sua linguagem peculiar, o destaca sem confronto entre os escritores brasileiros vivos ou mortos, apresenta soluções claras e precisas. O petróleo e o ferro... o sangue e os ossos do mundo moderno.

Aqui fica explícita a função do intelectual na sociedade. Em seu livro *O poço do Visconde*, Lobato transporta o papel do intelectual – para a sua literatura infantil – onde o Sabugo de Milho cumprirá na ficção aquilo que o autor ou qualquer outro intelectual não conseguiu cumprir na realidade brasileira do momento: fazer jorrar o petróleo de modo efetivo.

Ao recorrermos à análise de Antonio Gramsci (1978) em *Os intelectuais e a organização da cultura*, concluímos que esse autor afirma que cada grupo social, que advém do mundo econômico produtivo, cria para si, de forma orgânica, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político. Transferindo essa constatação para a narrativa lobatiana, o intelectual criado pelos habitantes do Sítio é, como já afirmamos antes, o Sabugo de Milho Visconde.

Gramsci (1978, p.7) diz que: "Todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então, mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais". Entendemos, portanto, que um intelectual que desempenhasse a função ativa na sociedade brasileira do período de Lobato, na sua própria opinião, era raro. Como pensador social atento, fazia uma crítica a esse aspecto e, por isso, criou, inventou, desenhou e elegeu um Visconde de Sabugosa como representante dessa tarefa, um pensador que pauta seus ensinamentos por um saber técnico e prático. Citando novamente o pensador italiano:

> A tendência, hoje, é a de abolir qualquer tipo de escola "desinteressada" (não imediatamente interessada) e "formativa", ou conservar delas tão-somente um reduzido exemplar destinado a uma pequena elite de senhores e de mulheres que não devem pensar em se preparar para o seu futuro profissional, bem como difundir cada vez mais as escolas profissionais especializadas, nas quais o destino do aluno e sua futura atividade são predeterminados. (Gramsci, 1978, p.118)

Gramsci, no contexto italiano, falou sobre o surgimento da escola técnica em oposição à escola humanística, essa que seria destinada apenas para uma elite; já a técnica profissional prepararia o restante da população para o trabalho tecnificado, especializado e eficaz. No sítio, as crianças tinham os dois tipos de formação; entretanto, tinham preferência explícita por aquela voltada sempre para a

prática, cujo mestre ideal para passar-lhes esse tipo de saber seria Visconde de Sabugosa:

> No dia seguinte a impaciência de Pedrinho chegou ao auge. Aquilo de ficar uma parte da noite sentado, a ouvir as prelações do Visconde, não era com ele. Queria pôr mãos à obra, abrir logo o poço salvador da pátria.
>
> – O coitado do Brasil cansado de esperar petróleo e este cacetíssimo Visconde a nos injetar noites e noites de ciência! Não quero mais. Chegou o momento de começarmos o poço.
>
> – Mas, como, Pedrinho, se ainda quase nada sabemos de geologia? Objetou a menina.
>
> – Muito bem. Vamos começar o trabalho e o visconde vai nos ensinando. Lições ao ar livre – fazendo. É fazendo que o homem aprende, não é lendo, nem ouvindo discursos. Eu quero ciência aplicada... (Lobato, 1950, p.72)

É a partir desse momento que os habitantes passam a agir na prática, utilizando os conhecimentos do Sabugo de modo empírico: "Feche o livro, visconde. Resolvemos dar começo ao poço já, já, já" (ibidem, p.97).

Nessa atitude prática e progressista por parte das crianças, ressoa um elemento muito importante do pensamento de Monteiro Lobato: o progresso industrial conduziria o povo brasileiro a um progresso moral. Conforme Regina Crespo (1997), a ideia de progresso que perpassa os textos do autor e suas campanhas sociais não pode ser separada da conquista do desenvolvimento econômico, seu objetivo era transformar o Brasil em uma potência industrial, assim como os países mais desenvolvidos economicamente.

Podemos perceber esse aspecto no decorrer da narrativa de *O poço do Visconde*, onde as personagens discutem sobre a importância do ferro e do petróleo no Brasil:

> – Mas muitos acham que com uma nova revolução as coisas endireitam, disse Narizinho. Com uma nova forma de governo...

> – Bobagem. Uma nova forma de governo, seja qual for, não passa duma nova distribuição das coisas existentes. Mas as coisas existentes são escassas demais. Nada adianta tirar o prato de feijão de A para dá-lo a B; pois B, que já estava morrendo de fome, enche a barriga, mas A, que estava com a barriga cheia, começa a passar fome. O que o país precisa é que nem A nem B passem fome – e o meio, portanto, não é mudar de forma de governo: é aumentar a *comida da gamela*, de modo que A e B possam encher a barriga. É aumentar a riqueza – coisa que só conseguiremos aumentando a eficiência do homem por meio do ferro, matéria-prima da máquina, e do petróleo, matéria-prima da melhor energia que mova a máquina. (Lobato, 1950, p.69)

O que as personagens do Sítio priorizavam, portanto, era uma mudança nacional desenvolvimentista, no interior da ordem burguesa capitalista. O objetivo era uma equiparação aos países que já tinham conquistado esse desenvolvimento. A nação brasileira, a partir do momento que iniciasse seu processo de desenvolvimento e de modernização, beneficiaria a todos os habitantes, pois haveria o aumento da riqueza, pelo menos no que concerne ao aumento da comida em suas devidas gamelas quando todos pudessem ser beneficiários, desde que se esforçassem para tanto.

Teoricamente, entretanto, tudo funcionava bem no sítio até que as discussões passaram para a ação. Os habitantes do sítio eram frágeis economicamente, não possuíam meios para iniciar o processo de perfuração do poço do sítio, aspecto que também ocorria na realidade brasileira. Nesse caso, no entanto, o intelectual Lobato entendia que o governo não tinha interesse de investir em tal negócio naquele momento.

> Pedrinho, que nunca havia pensado na parte financeira do negócio, aborreceu-se. Maçada! A pior coisa da vida é o tal negócio do dinheiro. Tudo custa dinheiro, tudo exige dinheiro – e onde o dinheiro? Dona Benta vivia a cabo curto, sem dinheiro para nada – e as demais pessoas do sítio ainda tinham menos que ela. Pedrinho só possuía uma nota de dez cruzeiros no cofre. Narizinho, uma nota

de cinco. Emília, apenas aquele celebre tostão novo. E Visconde, apesar de visconde, era o fidalgo mais pobre do mundo. Nunca chegou nem ver a cara dum vintém furado. (Lobato, 1950, p.70)

Nesse caso, percebemos uma espécie de mudança no pensamento de Lobato, pois, se antes, em décadas anteriores, remetia a culpa dos nossos problemas à inércia do povo brasileiro, representado na maior parte de sua produção pelo Jeca Tatu, caboclo doente, ignorante e avesso ao progresso, nessa década, a de 1930, passa a encarar os problemas nacionais como resultantes da herança histórica brasileira, pautada pelos escravismo, mandonismo e agrarismo. Além dessa mudança de pensamento, também poderíamos apontar para o fato de que o narrador do Sítio do Pica-pau Amarelo teria mais liberdade que o pensador Lobato para falar o que pensa e o que o incomoda, ou seja, nas narrativas ficcionais, ele é mais livre para falar pela boca de suas personagens, que transmite também aspectos de uma geração de pensadores preocupados com a modernização brasileira.

A única saída encontrada para a empreitada de abertura do primeiro poço de petróleo no Brasil fora a aplicação do "faz-de-conta" da boneca Emília. Foi por esse meio que máquinas, equipamentos e técnicos especializados dos Estados Unidos foram trazidos para o Sítio. A inexperiência dos idealizadores do petróleo no sítio era tão grande que nenhum humano sabia falar no idioma inglês para que a comunicação com os técnicos fosse viabilizada. O Rinoceronte Quindim, que falava o inglês de modo fluente, assumiu a posição de intérprete.

A equipe técnica de Mister Kalamazoo, ao chegar ao sítio, estranhou o fato de um rinoceronte falar, e ainda mais saber falar em inglês fluentemente, porém logo os estrangeiros foram se acostumando com tudo. Quindim era muito esperto, por isso, inicialmente desconfiou dos estrangeiros, pois poderiam ser agentes dos trustes que se interessavam em saber se havia petróleo no território nacional, para depois extraviar o produto para o país de origem desses: "Os meninos ficaram apreensivos. Muito sério o perigo, na realidade. No negócio do petróleo dão-se traições tremendas, sabotagens, incêndios, mortes trágicas..." (ibidem, p.112).

Por conta dessa desconfiança, tanto Quindim quanto Visconde ficavam a postos todos os dias para proteger o petróleo do sítio. Junto com Mr. Kalamazoo, o técnico responsável pela abertura dos poços, vieram pessoas de diversas nacionalidades – um "rumaico", dois alemães, dois argentinos – que na narrativa representavam bons especialistas dos países que já exploravam o petróleo. Percebemos, portanto, que apesar de as personagens pregarem o tempo todo um nacionalismo desenvolvimentista, técnicos norte-americanos e operários de diversos países foram contratados, o que atestaria ineficiência de operários brasileiros não especializados e também a falta de bons técnicos para o comando da equipe. "Rapidamente tudo ficou pronto para o início dos trabalhos de perfuração. Que homens aqueles! Faziam tudo tão direitinho como célebres anões dos contos de fadas" (Lobato, 1950, p.119-20).

Os operários realizavam o trabalho em linha de montagem, o que para Pedrinho se assemelhava aos anões dos contos de fada. Aqui encontramos a ideia da ordem, das regras, de uma racionalidade no trabalho, a semelhança com os Estados Unidos e o estranhamento da realidade brasileira na qual parecia não encontrar respaldo, o que sugere uma possibilidade de futuro vislumbrada por todos, além disso, um sentido de formação por parte das crianças.

Junto à comitiva de Mr. Kalamazoo também viera o químico geólogo Mr. Champignon, filho de francês com uma americana, que era muito admirado por Dona Benta, que dizia sobre ele: "O químico-geólogo possuía a alma pura, dessas onde os sentimentos invejosos não entram" (Lobato, 1950, p.132).

O químico-geólogo, numa das suas conversas com a velha senhora, atestara que o sabugo de milho era um grande sábio e que ele já o tinha indicado para a sociedade científica da América. Sobre o Visconde, Mr. Champignon afirma:

> Logo que cheguei aqui meu queixo caiu; primeiro, ao ver um sabugo vivente; depois ao verificar que era falante; e por fim, ao reconhecer nele um sábio – mas sábio de verdade, desses que descobrem coisas e *mudam as diretrizes da civilização.* (ibidem, p.133, grifos nossos)

Dessa forma, o sábio Visconde, desfrutando de uma posição iluminista, aparece como renovador das nossas diretrizes econômicas sociais e morais. Teria sido a partir de seus conhecimentos e do empenho das crianças que o sítio descobriu petróleo. Portanto, percebe-se a ideia da sabedoria aliada à prática, não apenas requerida como sinônimo de palavras belas que serviriam como discursos em academias – na concepção da narrativa lobatiana, essa sabedoria poderia mudar e alterar a vida de todos os brasileiros.

Lobato, em sua literatura adulta, preocupou-se de modo frequente com a postura que ele julgava pertencer aos falsos intelectuais brasileiros, descritos como parasitas e construtores de uma pátria bacharelesca que se sustentava por meio da lógica privada. Esses seriam herdeiros de uma "aristocracia" carcomida pelo tempo e pelas amarras de uma economia ultrapassada – a do café. Em seu livro *Mister Slang e o Brasil*, de 1927, a narrativa descreve um diálogo entre um velho inglês filósofo e um "homem comum", expondo de modo enfático uma crítica ao tal parasitismo por meio do discurso indignado do inglês para quem o parasitismo aparecia de forma camuflada na realidade brasileira. Num desses diálogos, o velho inglês afirma:

> O assombro é que há inúmeros serviços assim, com existência só no orçamento. O fato de não existir a escola acentua apenas a desonestidade; mas se ela existisse e não prestasse nenhum serviço, estaria aparentemente justificada, embora desse na mesma. Há numerosos serviços públicos dessa ordem, caríssimos, e da mais absoluta inocuidade. Existem apenas como ninho de parasitas. (Lobato, 1959b, p.75)

Nossos órgãos públicos, de acordo com Lobato, não eram eficazes. Da mesma forma, diversos intelectuais bacharéis se aproveitavam de tal situação a fim de conquistarem um lugar de trabalho estável. De acordo com Regina Crespo (1997, p.148):

> Parasitas e parasitados vão compor um par recorrente na obra e nas campanhas lobatianas e indicarão a dinâmica de seus argumentos

> em favor da construção de um país diferente, baseado na colaboração. A eliminação do parasitismo social implicaria na melhoria geral de toda a sociedade e lograr tal melhoria, para Lobato, não resultaria inevitavelmente de um processo revolucionário. A defesa da moralização administrativa, do fim do clientelismo, do voto secreto e optativo, era uma estratégia, segundo a terminologia lobatiana, eficiente de resgatar o país sem recorrer às saídas revolucionárias.

A melhoria da nação ocorreria, portanto, dentro da ordem capitalista, e tal ordem deveria alcançar níveis altos de desenvolvimento, mas para que isso fosse possível, haveria a necessidade da criação de intelectuais formados não apenas para fazerem discursos vagos e remotos na academia que, para o autor, não eram suficiente para sanar os males brasileiros.

A fim de entendermos melhor o funcionamento das academias de direito no Brasil – criticadas por Lobato por formar uma pátria bacharelesca – recorremos ao estudo de Sérgio Adorno, intitulado *Aprendizes do Poder – o bacharelismo liberal na política brasileira*, de 1988. Esse autor procurou analisar as relações sociais subjacentes à profissionalização dos intelectuais a partir da análise do juridicismo liberal criado pela vida acadêmica paulista.

Adorno mostra que os bacharéis em direito se destacavam como atores importantes na constituição do Estado Nacional, uma parte de parlamentares e homens públicos que compunham a elite política do Império compreendia bacharéis em direito que viviam para a política. Mas, por sua vez, esses bacharéis, em sua maioria, manifestavam comportamento influenciado pelo liberalismo econômico e político. Entretanto, diferentemente do liberalismo europeu, os princípios liberais brasileiros adquiriram um caráter antimetropolitano e significavam, no máximo, a luta contra os monopólios e privilégios instituídos e apropriados pela Coroa portuguesa antes da independência do Brasil. A criação e fundação dos cursos jurídicos no Brasil na primeira metade do século XIX foi alimentada com a mesma mentalidade dos principais movimentos sociais, individualismo político e o liberalismo econômico. A consolidação do

nosso Estado Nacional defendeu a autonomia cultural, bem como a burocratização do aparelho estatal:

> O bacharel acabou por constituir-se, portanto, em sua figura central porque mediadora entre interesses privados e interesses públicos, entre estamento patrimonial e os grupos sociais locais. A criação de uma verdadeira *intelligentzia* profissional liberal, nascida no bojo da sociedade agrário-escravista, compreendida, na sua grande maioria, de bacharéis, promoveu a ampliação dos quadros políticos e administrativos, sedimentou a solidariedade intraelite de modo a rearticular as alianças entre os grupos sociais representantes do mundo rural e do mundo urbano e, sobretudo, possibilitou a separação entre o poder doméstico e poder público, fundamental para a emergência de uma concepção de cidadania. (Adorno, 1988, p.78)

Na visão de Monteiro Lobato, essa separação entre poder doméstico e poder público, na sociedade brasileira, não foi a marca da conduta desses intelectuais, pois sempre se aproveitaram das oportunidades de acesso e promoção em carreiras públicas pautadas pela indicação de pessoas influentes e conhecidas politicamente. E esse aspecto é alvo de constantes críticas lobatianas destinadas aos nossos intelectuais, que não possuíam, conforme ele, o rigor de uma *intelligentzia* profissional liberal, mas sim o vício da velha prática vigente no Brasil onde o privado se sobrepunha ao público.

Interpretando o pensamento lobatiano, seria esse tipo de intelectual uma das parcelas sociais brasileiras mais prejudiciais à população em geral. Em seu conto "Um suplício moderno", publicado no livro *Urupês*, de 1918, ele já acusava o empreguismo público destes "falsos sábios":

> O centro move-se, faz cores um papelório através de várias salas onde, comodamente espaçada em poltronas caras, a burocracia gorda palestra sobre espiões alemães. Depois de demorada viagem, o papelório chega a um gabinete onde impa em secretária d'eimbuia,

> fumegando o seu charuto, um de réis por mês; é filho d'álgo; entra às onze e sai às três, com folga de permeio para uma "batida" no frege da esquina. (Lobato, 1994, p.74)

A fim de vencer essa "burocracia gorda", observa Campos (1986), era necessária, na concepção de Lobato, a criação de escolas técnicas, que fossem capazes de vencer a mentalidade bacharelesca. Assim como era necessário acabar com a "mania de grandeza" do governo, que construía verdadeiros palácios para abrigar uma oficina gráfica encarregada de imprimir a revista do Supremo Tribunal.

Retornado à literatura infantil do autor, todos elogiaram e agradeceram Visconde por ter oferecido sua ciência aplicada para salvar o país; porém, Pedrinho – ao receber a visita do primeiro jornalista que viera fazer uma reportagem sobre a descoberta de petróleo no sítio – admite que, apesar do empenho de todos, os verdadeiros responsáveis por fazer jorrar petróleo nas terras de Dona Benta foram Mr. Kalamazoo e Mr. Champignon, os norte-americanos:

> – Esta aqui é minha prima, disse o menino, e esta outra é a celebérrima Emília de Rabicó. Nós apenas "sapeamos" o serviço do petróleo. Quem tudo dirige é ali Mister Kalamazoo, auxiliado por Mr. Champignon. No começo tivemos receio de que nos sabotasse o poço, mas hoje gosto de confessar em público que as nossas desconfianças não tinham fundamento. Ponho a minha mão no fogo pela lealdade desses dois homens e de todos os operários que eles trouxeram. (Lobato, 1950, p.168)

Sendo assim, a narrativa atenta para o fato de que apesar de o Sítio/Brasil ter boas intenções, capacitados mesmos para a abertura do poço de petróleo são os países desenvolvidos tecnológica e cientificamente. Nesse caso, o elogio é destinado aos Estados Unidos, o maior explorador do produto no momento em que o livro é escrito. Além disso, apesar de as crianças terem desconfiado inicialmente dos técnicos, porque temiam os trustes, perceberam que eram pessoas leais e de caráter, e, sendo assim, na história do poço do

Visconde, não existem norte-americanos trapaceiros. Observe-se que na fantasia o autor contrariava o nacionalismo econômico desmedido de alguns setores do período que viam qualquer intervenção do capital estrangeiro como efeito de trustes e de expropriação da nossa economia.

Contrariando a boa conduta dos imigrantes norte-americanos na história, temos a participação de Elias Turco, o dono da única venda existente na Vila do Tucano Amarelo até então. O tempo todo, o comerciante aparece nesse livro como trapaceador e cobrador de preços abusivos de seus clientes. Mas, a partir do início das obras do petróleo, os habitantes da vila conseguem livrar-se do sal da venda do turco porque retirariam o produto da água que, a partir das perfurações feitas no subsolo, saía salgada, para o orgulho de Tia Nastácia: "Que bom! Se é salgada, a gente seca ela e faz sal – e fica livre das ladroeiras do Elias. Aquele centurião cobra Cr$ 1,50 por um saquinho de sal que não dá para nada" (ibidem, p.135).

Em outra ocasião, Pedrinho também reclamaria da péssima qualidade das bombinhas que comprara na venda do turco para estourar na comemoração da abertura dos poços de petróleo no sítio.

No momento em que a Vila do Tucano Amarelo passou a se desenvolver e os terrenos ao redor do sítio a serem valorizados por conta da possibilidade de se encontrar petróleo, Elias Turco passou o ponto de sua venda e foi embora para a Turquia, para alívio de Tia Nastácia, que disse: "Que vá furtar na terra dele" (ibidem, p.175).

Dessa forma, a vila ficaria livre de imigrantes indesejáveis e conservaria somente os imigrantes "salvadores" da nação adormecida: os norte-americanos: "Tinham sido os obreiros do poço número 1 – o poço que iria mudar os destinos de um país e arrancá-lo de sua eterna anemia econômica para lançá-lo na larga avenida do Progresso Sem Fim" (ibidem, p.160).

Essa "avenida do progresso sem fim", que começou a ser percorrida a partir do poço do Visconde, expulsara, portanto, aqueles que não estavam capacitados moral e economicamente para a vida modernizada e racional. O coronel Teodorico – representante da aristocracia "gorda" e mórbida economicamente, como o próprio Lobato

se referia – é descrito como “um homem moreno gordo, duns sessenta anos, com uma verruga no nariz e forte chumaço de cabelo nos ouvidos” (ibidem, p.183). Essa descrição remete a uma visão negativa dessa personagem, que vende suas terras, sem nenhum valor agrícola, mas apenas industrial, porque havia uma possibilidade de extração de petróleo naquela área: “A fazenda do Coronel Teodorico, um sapezeiro sem valor nenhum, foi vendida por 10 milhões de cruzeiros” (ibidem, p.175). O coronel, depois de acreditar ter feito um ótimo negócio vendendo suas terras, partira para o Rio de Janeiro, ou como ele mesmo dizia, para a “corte”. E comenta numa visita que faz a Dona Benta:

> – Como está passando a comadre? Disse ele apertando-lhe a mão. Desde que saiu o petróleo, eu ainda não tive um minutinho para chegar até cá. Só agora.
>
> – É verdade então, compadre, que vendeu a sua fazenda por 10 milhões de cruzeiros?
>
> – O povo exagera seu pouquinho, comadre. Vendi, sim, não por dez, mas por um milhão e duzentos mil cruzeiros. Foi negócio, hein?
>
> – Foi e não foi, compadre. A fazenda antes de sabermos que havia petróleo aqui, era uma propriedade do valor duns setenta contos, não acha?
>
> – Verdade. Foi o preço que sempre pedi por ela – e não achei. O melhor que me chegaram foram sessenta e cinco. Agora me ofereceram um milhão de cruzeiros, e como eu fizesse cara muita esquisita (era de espanto), eles pensaram que eu estivesse achando pouco e foram chegando mais 200 mil. Eu não quis saber de histórias. Me veiu uma tontura na cabeça, e foi quasi sem eu querer que minha boca respondeu: “Fechado!” No dia seguinte “vinheram” passar a escritura e bateram em cima da mesa os pacotes... (ibidem, p.183-4)

Logo no início dessa passagem vimos como a crença na mudança da vida agrária para a vida industrial alterara significativamente a conduta das personagens. O coronel alega a falta de tempo para visitar a comadre Dona Benta, só consegue visitá-la para se despedir

dela, porque com o dinheiro do sítio entraria no "negócio dos bondes" no Rio de Janeiro, onde investiria quase todo o dinheiro que sua fazenda lhe rendera. Dona Benta alerta o compadre, dizendo que esse fizera um péssimo negócio vendendo suas terras porque também poderia ganhar muito mais dinheiro extraindo petróleo da sua área.

> – O coronel coçou a cabeça, com um risinho de esperteza matuta nos lábios.
>
> – Eu, a ser verdadeiro, comadre, nem entendo, nem acredito em nada dessas histórias. Sou homem da roça, como meu pai e meu avô, criadores de porcos e plantadores de milho. De ciência não pesco um xiz – nem acredito. Minha fazenda não valia mais de setenta mil cruzeiros. Peguei por ela um milhão e duzentos mil. Que mais eu poderia querer?
>
> – Compadre, disse Dona Benta, o seu mal sempre foi a falta de estudos. Se os tivesse, ou se frequentasse aqui os nossos serões, para ouvir as conversas geológicas do senhor visconde, juro que não venderia a fazenda nem por 10 milhões. Aquilo vale ouro, compadre. A sua invernada de engorda está no eixo do nosso anticlinal. (ibidem, p.185)

Modificar a mentalidade desse coronel, apesar das tentativas e dos conselhos de Dona Benta, era impossível, e por isso a velha boa senhora desiste e o deixa partir com o triste pensamento de que aquele lugar estava muito mudado: ali já fora uma roça, antes do petróleo, mas agora tinha ares de cidade grande:

> O coronel despediu-se também dos meninos. Montou a cavalo e partiu. Dona Benta ficou de olhos nele até que se sumisse na volta da estrada. Sim, o petróleo começava a mudar tudo, não havia dúvida. Os velhos conhecimentos, os velhos hábitos, as velhas tradições – tudo isso tinha de desaparecer diante da americanização que a indústria traz. E Dona Benta sentiu uma ponta de saudade do sossego antigo. (Lobato, 1950, p.187)

O coronel deixa a vila sobre um cavalo, não fazia uso dos equipamentos modernos conquistados por meio do petróleo, não conseguira modernizar seus hábitos, por isso partiu para a "corte".

Outra figura que aparece na história do Poço do Visconde e que também pretende deixar a Vila do Tucano Amarelo é Chico Piramboia, "que também vendera o sítio e se preparava para afundar no mundo! Era um caboclão dos legítimos, chucro até mais não poder" (Lobato, 1950, p.188).

Dona Benta diz ao "caboclo" que não fizera bem em vender o sítio, pois quem havia pago 230 mil cruzeiros pelo seu "sapezal" iria tirar alguns milhões de seu subsolo:

> – A senhora está se referindo ao tal "criozene"? Ah, então a senhora, que é uma velha de juízo, também "aquerdita" nisso? "Criozene" nada. O que deu nessa gente foi loucura, isso ninguém me tira da cabeça. Eu vou fugindo daqui com os cobres antes que eles se arrependam e me assentem a casa p'ra pegar outra vez nos pacotes.
>
> – Então guarda consigo o dinheiro, Chico? Não sabe que é perigosíssimo?
>
> – Onde eu "havéra" de guardar então?
>
> – No banco, homem de Deus! Para isso é que há nos bancos.
>
> Chico Pirambóia deu uma grande risada, muito parecida com a do Coronel Teodorico.
>
> – Banco! Banco!... Tinha graça eu guardar 230 mil cruzeiros, dinheirinho novo, num banco – p'r'os outros tomar conta dele. Ah, ah, ah!... (ibidem, p.188)

Nesse sentido, a narrativa pretende enfocar o "atraso mental" de uma parcela da população presente no sítio, mas também sugerir que o progresso econômico traria uma nova moralidade e disposição mental. Tudo ocorreria automaticamente – o capital desempenharia o seu papel civilizador. O primeiro a deixar a "nação moderna" é Elias Turco, que nunca fora aceito por falsificar e por cobrar preços abusivos dos produtos comercializados em sua venda. O "Turco ladrão", como se referiu Tia Nastácia, partiu para a Turquia e nunca mais voltou.

Também com esse tipo de mentalidade, vista como arcaica pelo texto, temos a personagem do coronel Teodorico, que sai da Vila do Tucano Amarelo pensando no *glamour* da "corte", como ele mesmo se referia ao Rio de Janeiro, e pretendendo investir no comércio de bondes, por acreditar ser dinheiro fácil. No entanto, coronel Teodorico não consegue êxito no novo negócio, e como Dona Benta já o havia alertado, o "povo da cidade" é muito mais esperto do que ele que passara a vida toda na roça.

> Com o coronel Teodorico então aconteceu uma que até parece pilhéria. Ele nunca havia ido ao Rio de Janeiro, de modo que admirou tudo, principalmente os bondes elétricos. E tanto admirou os bondes elétricos e falou daquilo, que afinal o "dono dos bondes" apareceu, fez camaradagem com ele e acabou levando-os a um bar. Lá fez vir cerveja e contou o excelente negócio que era ter bondes que cobram 20, 30 e 40 centavos de cada pessoa que entra neles para ir daqui até ali. (ibidem, p.189)

O coronel, sem pensar em nada, achando o investimento muito rentável, decidiu fechar negócio, mas acaba caindo mesmo é num golpe de uma quadrilha especializada em enganar as pessoas "vendendo os bondes". De modo que o compadre de Dona Benta se dá mal no negócio urbano.

Quanto ao caboclo Chico Piramboia que, como sempre afirmara a narrativa, tinha medo da civilização, foi tratando, com a chegada do progresso, de afundar-se no mato. Com ele, a catástrofe foi ainda maior, porque não havia guardado o dinheiro no banco, como alertou Dona Benta; fora assaltado, em pleno dia: "Moeram-no a pancadas. Não fosse a sua natureza extraordinariamente rija de caboclo criado na miséria do sapezeiro e já estaria no outro mundo" (ibidem, p.189).

O ritmo de vida na Vila Tucano mudara completamente, a partir desse momento ocorriam assaltos à mão armada, em pleno dia, e quem se dera mal por essas mudanças foi justamente o caboclo Chico Piramboia, avesso a elas.

Modernidade versus comunidade: o novo encanto com a mecânica

A vida dos habitantes do sítio foi totalmente alterada depois do petróleo, o Brasil passou a ser o maior produtor de petróleo do mundo, superando até os Estados Unidos.

> As transformações operadas no Tucano Amarelo foi [sic] maravilhosa. Aquela vilinha de 200 anos de idade e que jamais passara de mil habitantes, cada qual mais feio, pobre, bronco, virou uma esplêndida cidade de 100 mil habitantes, com ruas pavimentadas com o asfalto produzido ali mesmo, dez cinemas, cinco hotéis de luxo, escolas magníficas e a Casa de Saúde Dona Benta, que apesar de ser absolutamente gratuita punha num chinelo as casa de saúde das capitais, que cobram 50 cruzeiros por dia, fora os extraordinários. Os doentes saiam invariavelmente curados e gordos. A Escola Técnica Narizinho tornou-se um padrão copiado pelo país inteiro. Os rapazes e as raparigas que lá se diplomavam em inúmeros ofícios, eram disputados a peso de ouro. "Aqui se aprende de verdade" era o letreiro que havia na fachada do estabelecimento – e aprendia-se mesmo. (Lobato, 1950, p.222)

Depois das "maravilhosas" transformações ocorridas na Vila Tucano, a vilinha de mais de 200 anos de idade, velha e carcomida, de habitantes pobres, feios e broncos, surge uma nova cidade, com 100 mil habitantes, mas agora era pavimentada, tinha teatro, cinema, hotel, casa de saúde, escolas de qualidade etc., tudo o que qualquer centro urbano/industrial desenvolvido possuía ou deveria possuir.

Esse lugar deixou de ser agrário/arcaico, passou a ser industrial/moderno, se modernizou de alto a baixo, rapidamente, não deixando resquícios do seu passado antes do petróleo. O pensamento e a forma de viver tradicional seriam típicos do Sítio/Brasil agrário, já o pensamento e a forma da vida moderna seriam característicos de um sítio/país que se tornara industrial. Porém, talvez pudéssemos apostar na manutenção do sentimento de comunidade, de junção e

harmonia assimétrica entre o povo e seus dirigentes intelectuais e políticos nessa nova e imaginária nação lobatiana.

Ante as mudanças operadas nesse *lugar* criado por Lobato, algumas personagens, como Tia Nastácia, Dona Benta, coronel Teodorico e Chico Piramboia, apesar das comodidades, sentem falta do sossego da "vidinha" que levavam antes do petróleo. Numa conversa entre Narizinho, nomeada a diretora comercial da Companhia de Petróleo do Sítio, e Dona Benta percebemos essa nostalgia da velha senhora que, apesar de apoiar os netos em relação às inovações que queriam propor para a nação brasileira, tinha os pés fincados no tempo em que nascera:

> E agora? Murmurou Dona Benta. Que fazer desta dinheirama?
>
> – Construir um palácio, propôs Narizinho, cheio de quadros preciosos e estátuas, e um jardim de inverno e estufas para flores raras – e tanta coisa, vovó...
>
> – Minha filha, disse Dona Benta, nossa vida aqui tem sido tão feliz que meu medo é que esta riqueza nos traga desgraça. Um palácio? Mas julga você que num palácio possamos viver mais felizes que nesta casinha gostosa? Ah, vocês não calculam como os milionários e os reis se aborrecem em seus palácios de ouro, no meio da criadagem solene, perfilada como soldados de casaca... Veja esse Eduardo VIII da Inglaterra, o mais poderoso rei do mundo, que se enjoou de palácios e criados e etiquetas a ponto de mandar tudo às favas, para ir viver com sua mulherzinha a vida livre dos homens comuns. Não. O acertado é não mudarmos e nosso viver. Se somos felizes, que mais queremos?
>
> – Mas se não gastarmos o dinheiro, ele entupirá todas as suas canastras e acabará sem valor – ficando dinheiro recolhido.
>
> – Sim, isso se o não gastarmos. Temos de gastá-lo, não há dúvida. O dinheiro foi feito para circular, não para apodrecer nas arcas; mas em vez de gastá-lo egoisticamente só conosco, como fazem os maus ricos, podemos gastá-lo de modo a beneficiar os milhares de pobrezinhos que nunca tiraram petróleo.
>
> – Está aí uma boa ideia! Exclamou Pedrinho. E a gente diverte-se mais gastando o dinheiro assim do que só com a gente. (ibidem, p.212)

Os responsáveis pelo petróleo no Sítio/Brasil decidem gastar o dinheiro arrecadado com a exploração do combustível em melhorias para o povo da Vila do Tucano Amarelo. Constroem escolas, casas de saúde, estradas etc. Preferem viver como viviam antes das mudanças causadas com o petróleo, como a própria Dona Benta diz, optaram pela "vidinha simples" que levavam anteriormente.

Talvez pudéssemos considerar que a narrativa aposta numa ideia de passar aos leitores uma espécie de responsabilidade social, e o papel de elite econômica que expõe o que deve ou não ser feito com o lucro advindo com a exploração do petróleo. Percebemos também que Monteiro Lobato poderia estar de certa forma tentando diminuir o ritmo do arroubo progressista iniciado no momento em que o petróleo começa a jorrar nas terras de Dona Benta. Esta última, por temer que a modernização acabasse com seu sossego de sempre, opta, juntamente com seus netos, por um país moderno, socialmente justo e educado, mas que levasse em consideração o bem-estar de todos.

As estradas construídas por Dona Benta atraíam muitos turistas, eram de concreto, iluminadas e, além disso, eram rodeadas por casas de abrigo. Dona Benta e as crianças, aproveitando-se das comodidades da vida moderna, saíam para longos passeios num automóvel que rebocava um trailer muito confortável. Num desses passeios, onde seguiam a estrada do progresso, reencontraram o coronel Teodorico:

> – Viva, compadre! Exclamou Dona Benta. Que novidade a sua presença por estas bandas?
>
> O coronel estava avelhentado, cheio de rugas na testa, com ar de quem tinha sofrido muito.
>
> – Pois é, comadre. Quem é vivo sempre aparece. Ouvi tanta história disto por aqui, que criei coragem e vim ver. Mas antes não viesse...
>
> – Por quê?
>
> – Porque tudo me confirma as suas palavras daquele dia, lembra-se? Eu fui um bobo, confesso. Vendi minha fazenda, pensando em fazer um negocião, mas o que fiz foi negócio de sandeu.
>
> – Eu bem disse...

> – Disse, sim comadre, e se eu pusesse tento nas suas palavras, tudo teria corrido muito bem. Mas eu era presunçoso, tinha confiança demais em mim e... (ibidem, p.224)

Além desse patético episódio dos bondes, o coronel havia se viciado no jogo do bicho e acreditado nos falsos encantos de uma suposta francesa, Odete, que lhe roubara tudo que tinha e, então, vendera a casa e voltara para Vila do Tucano Amarelo. Dona Benta perguntou o que ele pretendia fazer a partir desse momento, e ele respondeu: "– Homem, não sei. Estou assuntando. Para que presta um velho louco e bobo como eu? – Presta para muita coisa, disse Dona Benta. Apareça lá no sítio a semana que vem que lhe arranjo um bom empreguinho" (ibidem, p.227).

Aquela elite plantadora de café de que falávamos no início do texto reaparece na literatura infantil de Lobato derrotada, falida e, como sempre, não consegue se libertar da sua mentalidade arcaica. O coronel, ao partir para o Rio de Janeiro, imaginou um futuro diferente e com muito dinheiro, mas a cidade grande não lhe rendera nada, apenas derrota, o bom mesmo era viver como Dona Benta, aproveitando as "regalias" da vida moderna, mas com o pé fincado na terra, ou mais além, no subsolo. As últimas palavras que o coronel troca com Dona Benta é para expressar sua admiração pela sabedoria da velha senhora e também seu arrependimento por não ter dado importância aos seus conselhos: "Despediram-se. Pedrinho pôs o carro em movimento – e lá se foi o trailer com a boa senhora na janela, a dizer adeus de mão para o pobre compadre" (ibidem, p.227).

Mais adiante deparam com Chico Piramboia, "outro velho, este de boné na cabeça", pararam o carro e Dona Benta chamou-o. Ele dissera que depois do assalto passara um ano no hospital e depois o soltaram na rua, sem nenhum tipo de ajuda, estava sozinho no mundo e sem dinheiro, até que conseguiu um emprego nas obras do petróleo no seu antigo sítio, onde o chefe das obras dissera a ele:

> – Bem, se é assim, então o caso muda – e posso ajudar você. Nossa companhia está construindo muitas obras lá na antiga fazenda do coronel Teodorico, onde precisamos duma boa turma de guarda--poços. Vá lá com este cartão e procure o chefe do serviço. Para guardar poço de noite você serve. Não há nada que fazer – é só não ferrar no sono. Dormir é de dia. (ibidem, p.229)

Dona Benta diz ao seu conhecido que ele não poderia se queixar, pois estava curado e com seu "empreguinho" graças ao petróleo. Ela perguntou a ele qual era o valor do seu salário, ele respondera "trezentos cruzeiros", e dissera que estava ótimo, porque na época que era dono do sítio não conseguia "tirar" nada, só se endividava na venda do Elias Turco. A velha conselheira afirma:

> – Isso mesmo. E agora está com 300 por mês, graças ao petróleo. Pois lamba as unhas. Apesar de não haver petróleo no seu sítio, você pode dizer que foi um dos que tiraram petróleo. É ou não é?
>
> – Lá isso é, concordou o guarda-diurno.
>
> – E que está escrito no seu boné?
>
> Antes que ele dissesse, Narizinho respondeu:
>
> – C.G.P. – Companhia Guaxunduba de Petróleo, a tal que está furando na fazenda do coronel. (ibidem, p.230)

A narrativa sugere que Chico Piramboia, apesar das peripécias enfrentadas, conseguiu se restabelecer na vida pessoal e profissional, pois curara seu estado de inércia que lhe era entranhado antes e veio para a "civilização", só que agora numa posição vista como superior: vigia dos poços de petróleo, do "tal criozene" que antes ele não acreditara.

Dessa parcela arcaica, o único a não voltar para a "civilização do petróleo" foi Elias Turco, que partira não deixando nenhuma saudade ou comoção por parte daqueles que ficaram agora na Vila do Tucano onde, provavelmente, não existiriam mais vendas, mas sim mercados, com produtos de primeira linha, sem falsificações e com o preço justo.

O coronel e o caboclo Chico Piramboia foram obrigados a assumir uma nova postura exigida pela nação moderna e racional que surgiu num ritmo muito rápido na Vila do Tucano Amarelo.

"Até" Tia Nastácia, que antes de começarem as perfurações dormira em todas as aulas do sabugo de milho Visconde, também aderira às "facilidades da vida moderna". "A negra no começo arrenegou de tantas novidades; por fim acabou gostando" (ibidem, p.223).

> – A gente não tem remédio senão ir na onda, dizia ela. E no fim gosta, por que é bom mesmo. Quando seu Pedrinho veiu com a história do tal supergás lá na cozinha, eu danei, pensando que era peta. Mas deu certo. Acabou aquela endrômina de acender o fogo de lenha, e assoprar, assoprar, com os olhos ardendo. Agora basta torcer uma torneirinha e sai um ventinho que pega um fogo azul – e quente como o diabo! Que limpeza! Uma criatura até fica vadia com tantas facilidades de hoje. E a geladeira, então? É só botar as coisas ali dentro, puxar um ferrinho e fechar a porta. Gera um frio lá dentro que até parece o tal polo que seu Pedrinho conta. A água vira vidro, de tão dura. Diz que é gelo, e a carne e o peixe não estragam ali – podem ficar um tempão. E esta casinha em cima de rodas que anda por toda parte? Coisa boa, sim. Diverte a gente. A gente varia, vê caras novas. Estou gostando, estou gostando sim. (ibidem, p.223-4)

Nesse trecho citado, notamos como a lógica do trabalho racional, técnico e especializado é compreendido por Tia Nastácia que sempre esteve acostumada com o trabalho braçal, que ia desde pôr a lenha no fogão, acendê-la para depois iniciar a preparação dos seus "deliciosos pratos". Como ela mesma interpreta, "uma criatura fica até vadia com tantas facilidades", pois não precisa mais acender o fogão antes de começar a cozinhar. As facilidades da vida moderna encantaram a cozinheira e um dos "milagres" conquistados com o surgimento do petróleo, disse Narizinho, foi justamente a mudança de gênio de Tia Nastácia:

> Olhe o jeitinho dela com o Visconde. Assim que o trailer parou para a senhora falar com Pirambóia, correu para aquele córrego com o Visconde – foram pescar. E veja como está alegre, contente da vida e remoçada. Até parece uma negra americana do cinema, das sabidas...
>
> Logo depois Tia Nastácia voltou com uma traíra pescada pelo visconde. Vinha arreganhando de gosto, com o peixe no ar.
>
> – Veja que linda, sinhá! Isto recheadinho dá um suco...
>
> Dona Benta olhou-a bem e perguntou:
>
> – Nastácia, é verdade que você se sente feliz?
>
> – Que pergunta, Sinhá, respondeu a negra – virou a cara para que não lhe vissem os olhos molhados... (ibidem, p.232-3)

Tia Nastácia se emocionara com tantas novidades em sua vida; entretanto, Dona Benta continuaria sempre sendo a sua "Sinhá", era assim que tinha sido até então e era assim que continuaria sendo.

O petróleo conseguira fazer no Sítio o que nenhum governante fizera pelo Brasil: desenvolveu e modificou até mesmo o "semblante do povo", que antes vivia descrente, anêmico, triste e desconfiado do progresso, mas a partir das mudanças ocorridas agora tinha acesso à boa educação, alimentação, saúde e ao trabalho industrial. Tudo isso por conta da sabedoria e cientificidade do Sabugo de Milho Visconde que, como diria Dona Benta, era "rigorosamente certo".

Essa rigorosidade e certeza em relação ao Sabugo, entretanto, só pôde ser colocada em prática por meio do aval dos norte-americanos, cujo reconhecimento e estima por parte das personagens não deixam de esconder uma espécie de "dependência" da técnica e da mão de obra especializada desse país. Talvez, no futuro, fosse possível uma mudança desse quadro, uma vez que mecanismos aprimorados de educação eram uma das propostas dos habitantes do sítio para que o povo fosse instruído e especializado tendo em mente sempre o progresso nacional.

O Sítio do Pica-pau Amarelo, o "lugar" onde sempre existirá ciência

Depois da descoberta do petróleo no sítio, que abalou completamente o "país" e a vida de todos, os ensinamentos científicos das crianças não pararam de acontecer. No livro seguinte a *O poço do Visconde*, *Serões de Dona Benta* (1937), que dá continuidade à série do Sítio do Pica-pau Amarelo, as crianças continuam sendo formadas por meio da ciência prática. Quem assume agora o lugar de mestre é Dona Benta, que ministrará suas aulas por meio de *Serões científicos*:

> Dona Benta havia notado uma mudança nos meninos depois da abertura do Caraminguá n. 1, o primeiro poço de petróleo no Brasil. Aprenderam um pingo de geologia e ficaram ansiosos por mais ciência.
>
> – Sinto uma comichão no cérebro – disse Pedrinho. Quero saber mais coisas. Quero saber tudo quanto há no mundo...
>
> – Muito fácil, meu filho – respondeu Dona Benta. A ciência está nos livros. Basta que leia.
>
> – Não é assim, vovó – protestou o menino. Em geral os livros de ciência falam como se o leitor já soubesse a matéria que tratam, de maneira que a gente lê e fica na mesma. Tentei ler uma biologia que a senhora tem na estante mas desanimei. A ciência de que gosto é falada, a contada pela senhora, clarinha como água do pote, com explicações de tudo quanto a gente não sabe, pensa que sabe, ou sabe mal-e-mal. (Lobato, 1957a, p.3)

O tipo de ciência que Pedrinho gostaria de aprender deveria se pautar pela simplicidade e oralidade da linguagem e, ainda, ser "clarinha" e transparente como a água, ou seja, deveria ser ensinada com exatidão sem obedecer aos preceitos livrescos e abstratos.

Nesse livro, Lobato critica de forma intensa as questões sociais que ele considera como principais: a falta de apego à ciência por parte do povo e a falta de indústrias para pôr em prática essa ciência.

No capítulo onde Dona Benta ensina lições sobre o solo, as crianças passam por um processo de formação e conseguem discernir entre as formas arcaicas e modernas de vida. Tinham consciência de que como viviam no sítio era a forma mais correta de se viver, pois tinham indústria, não abandonaram a terra e aprendiam ciência na prática. Entretanto, nas redondezas do Sítio, existiam pessoas que, conforme as personagens, não conseguiam abandonar os velhos hábitos, como as queimadas, a falta do uso do adubo no solo e o pensamento tradicionalista.

Nessa passagem do livro, as personagens diferenciam dois tipos de agricultores: os conscienciosos e os ladrões. Os primeiros seriam representados por Manoel da Ilha que, que conforme Dona Benta, nunca deixa de usar adubos, apesar de ser "ignorantão", isso fazia que, além de prosperar economicamente, também prosperava moralmente.

> – E anda de botas com esporas de prata – acrescentou Emília, tem a besta linda, e aquele cavalo de pampa tão gordo, e fuma cigarros da cidade e só bebe cerveja.
>
> – Isso prova, Emília, que o adubo não somente prospera as plantas como também o homem que cultiva. As botas do Manoel, suas esporas reluzentes, a besta ruana, o pampa e a cerveja que ele bebe, tudo vem daquela esterqueira construída perto do curral grande... (ibidem, p.189)

Diferentemente dessa postura moderna de Manoel da Ilha era a postura de Chico Piramboia que, antes de começar a trabalhar como vigia noturno num poço de petróleo, vivia vagando pela mata e praticando queimadas. A respeito dessa personagem, Pedrinho afirma: "Nunca estercou um palmo de terra – e por isso aquilo lá é só samambaia e sapé, e ele anda descalço, fedendo pinga e a querer impingir nos outros a égua lazarenta..." (ibidem, p.188).

Percebemos como o aspecto físico das personagens é enfatizado na narrativa, aquele que conforme Dona Benta é um "produtor rural consciencioso", como Manoel da Ilha – não anda descalço

e nem "cheirando a pinga", como Chico Piramboia, o "ladrão da terra" – anda com botas, toma cerveja, fuma cigarro da cidade e possui uma besta e um cavalo bem tratados. Essa seria uma personagem atraída pela urbanidade e modernização, que conforme a narrativa, apesar de "ignorantão", tem acesso àquilo que vem da cidade. Na construção narrativa, esses usos aparecem como símbolo de distinção e *status*, o que não deixa de ser uma alusão ao pensamento de que aquilo que vem de fora do campo é melhor e mais "desenvolvido".

Numa outra passagem desse livro, Dona Benta recebe a visita do compadre coronel Teodorico novamente, mas como a senhora estava ocupada com os preparativos da volta de Pedrinho para a cidade, quem o recebe é Emília com a seguinte fala: "Dona Benta já vem, Coronel; está acabando uma carta para a mãe de Pedrinho. O infeliz vai para a cidade hoje sabe?" (ibidem, p.199). Aqui fica claro que bom mesmo era morar no sítio, mas ter acesso às "benesses" urbanas.

Ainda nessa passagem, Emília contou ao coronel sobre os serões e ele respondeu:

> – Eu ouço falar nessa tal história de ciência, mas o que sei é que os sábios são uns pulhas, uns sem-vintém, ao passo que homens como eu, criados no trabalho e na ignorância, vivem gordos e fartos, com dinheiro no banco. A falar a verdade, Dona Emilinha, não acredito muito nessa tal ciência.
>
> – Parece que não acredita, Coronel, mas acredita tanto quanto nós. Quando o senhor deseja mandar fazer um serviço qualquer, que camarada escolhe: um que sabe fazer o serviço ou um que não sabe?
>
> – Está claro que escolho um que sabe; do contrário vem asneira e levo na cabeça.
>
> – Logo, o senhor acredita na ciência desse camarada. Saber é ter ciência na cabeça.
>
> – Bom, se a senhora considera isso ciência, então tudo muda. Quando falo de ciência não me refiro ao que a gente sabe, e sim a essas coisas que os livros dizem – essas lorotas. (ibidem, p.200)

Dona Benta retorna para a sala e vem falar com o coronel, esse lhe conta que acha exagero a quantidade de ciência que ela anda ensinando às crianças e ela lhe responde lembrando o caso dos bondes no Rio de Janeiro:

> – Nesta vida, compadre, a gente às vezes enriquece sem saber como nem por quê – mas quando perde tudo quanto ganhou, é sempre por uma razão: ignorância.
>
> Eu procuro ilustrar o espírito de Pedrinho, não para que ele ganhe dinheiro, já que isso depende de sorte, mas para que não o perca, se acaso ganhar. Para que não compre bondes...
>
> O coronel avermelhou. Sempre que faziam alusões ao célebre caso dos quatro bondes por ele comprados no Rio de Janeiro, o Coronel fica cor de pimenta. E desconversou. (ibidem, p.202)

Aqui, novamente, a narrativa faz uma alusão à elite agrária brasileira, sua incapacidade de administração por não saber onde e como gastar (ou investir), como foi o caso do coronel, homem rico que perdera todo o dinheiro com a venda de suas terras por ignorância e falta de desenvoltura com mercado moderno. O coronel perdera tudo, agora não tinha quase nada, voltara para o meio rural, mas não tinha como se sustentar, nem como sustentar suas plantações, por isso vai à procura de Dona Benta para pedir-lhe emprestado um pouco de milho para dar aos seus porcos, já que sua colheita fora fraca.

Dona Benta, como sempre um "poço de bondade", atendera ao pedido do coronel e, além disso, fizera melhor, cedera o milho e ensinara o coronel a cuidar dos porcos com o auxílio da ciência. A senhora explicara ao coronel que a zootecnia tinha feito progressos maravilhosos, os porcos tinham capacidade de pesar 30 arrobas cada um, mas o coronel disse que só acreditaria vendo. Viu e "derrubou o queixo" de tanto espanto, pois nunca imaginou que um porco chegasse naquele tamanho:

> – Estou tonto com o que meus olhos estão vendo, comadre! – exclamou ele. Porco assim até parece arte do diabo. Diga-me: como consegue isso?
>
> – Aplicando a ciência, nada mais. O compadre só consegue porcos de 10 arrobas porque se guia pela rotina – só faz o que os outros fizeram, sem nenhuma atenção aos progressos realizados no mundo pela zootécnica, que é a técnica, a ciência de lidar com os animais. Faça o que a zootécnica manda e obterá os mesmos resultados que eu. (ibidem, p.204)

Novamente, nessa passagem do livro, percebemos a crítica lobatiana à mentalidade que, conforme ele, era petrificada e descrente em relação à ciência e a tudo que vinha de fora do seu círculo de convivência arcaico. Essa elite vencida e superada que aparece representada pela figura do coronel Teodorico é aos poucos isolada do Sítio do Pica-pau Amarelo.

Neste capítulo, procuramos analisar por meio da figura do intelectual de ação, nesse caso o Visconde de Sabugosa, a ideia de ciência como elemento do progresso nacional, em termos de desenvolvimento econômico, social e moral. Olhando sob o prisma do pensamento social brasileiro do momento, a década de 1930 marcou um diferencial na forma como se pensar o país, pois se buscava a partir desse momento a industrialização como alternativa para uma independência financeira, os intelectuais anunciavam uma mudança de modelo econômico, de país agrário e exportador, almejava-se o *status* de industrializado e moderno.

A figura de um Visconde na obra de Lobato, como sábio capacitado, demonstra inicialmente um contexto demarcado por mudanças e permanências de uma ordem social a ser superada. Lobato o coloca como representante do conhecimento iluminista e progressista e, talvez, pudéssemos pensar que o autor se utilizasse de uma espécie de metáfora para afirmar a inexistência de intelectuais capacitados para essa empreitada complexa. Somente um Visconde, corporificado por uma espiga de milho, herdeiro de um país rural e escravocrata, sem recursos financeiros, porém

detentor do saber apurado e sofisticado, mas especialmente científico, representaria a síntese do atrasado e do moderno. No entanto, observamos que o atraso advém apenas do seu título nobiliárquico e de sua indumentária clássica, ou seja, o atraso é elemento de superficialidade na narrativa, pois a importância mesmo é atribuída ao seu pensamento pragmático, que consegue enxergar aspectos que vão além do simples interesse pessoal, como um modesto lugar nos cargos públicos da nação, como acontecia com os nossos sábios desse momento. Visconde queria muito mais, e também queria para um coletivo, suas ideias ultrapassavam seus interesses pessoais, seu desejo era ajudar o país; portanto, a todos.

As crianças, também educadas de maneira crítica em relação ao atraso econômico e industrial do país, sugerem a Visconde que ele ministre aulas sobre geologia e, desse interesse inicial, vemos surgir uma nova ideia de independência econômica e social, o que nos levaria a ter um progresso material capaz de concorrer livremente, e em pé de igualdade, com os países mais avançados economicamente.

Juntamente a esses progressos, a nação desenhada nesse novo contexto do sítio, não abriria mão da educação, da saúde e do bem-estar social. Prerrogativas que até esse momento tinham funcionado muito bem no *Sítio do Pica-pau Amarelo*, pois tinham uma educação abrangente que, a cargo de Dona Benta e Visconde, se mostrava muito eficaz, e seria por conta desse ensino que uma mentalidade coletiva crítica e inovadora despertara fazendo que a nação se desenvolvesse.

É também pensando no bem-estar coletivo que Dona Benta, Visconde e as crianças decidem investir o dinheiro do lucro advindo com a exploração do petróleo em educação, a fim de formar e capacitar mais técnicos e profissionais qualificados e pragmáticos. O povo também não deixaria de ter sua parte nesses investimentos, pois casas, hospitais, creches, escolas técnicas, estradas, cinemas e teatros seriam construídos a fim de oferecer à "caboclada bronca" o mínimo de civilidade e também de participação nos lucros da nação.

Sob a administração das crianças, o novo modelo econômico do sítio não deixava de planejar os seus rendimentos visando a

um futuro também pautado por essa "modernização solidária" e consciente das verdadeiras necessidades do país. As crianças continuariam traçando os planos e projetos no sítio, cada um com seu papel reservado e sempre sob o signo da liderança. Como resultado disso, direitos, deveres, liberdade de mercado, racionalidade, trabalho livre e a cidadania seriam conquistas dessas personagens que teriam visto além daquilo que era imediato, teriam conseguido modificar um presente falido e planejar um futuro nacional mais desenvolvido em muitos aspectos.

No final da narrativa de *O poço do Visconde*, onde percebemos com maior nitidez o papel e a atitude do sábio, ao lermos, temos a impressão de uma nova nação que renasceu sob o paradigma da modernidade e do bem-estar de todos, que festeja as conquistas e demonstra a forma como cada personagem cumpriu seu papel. Ou seja, além do progresso econômico, aqui importa também o progresso moral como percebemos na atuação de Chico Piramboia, caboclo que vagueava de sítio em sítio, sem morada fixa e alimentação apropriada para sua saúde e, além disso, tinha o vício do cigarro e da bebida. No final do livro, Chico aparece agora revigorado, pois teria um emprego, trabalharia como vigia noturno de uma empresa de petróleo; não era mais um dependente que vivia de favores, agora tinha uma profissão, casa confortável e estava livre do vício. Aprendera que sem a especialização e o estudo não acompanharia os progressos da nação e, a partir desse momento, havia sido incorporado pela nova forma de economia que erigia no *Sítio*.

Também o coronel Teodorico, antes mal educado, egoísta e dono de uma prepotência ignorante, aprendera que sem educação, ciência e planejamento nada se mostra eficaz. Mas só aprendera isso depois de ter perdido quase tudo que tinha por acreditar na possibilidade de dinheiro fácil no Rio de Janeiro. Desamparado e arrependido da própria ignorância, retorna à *Vila do Tucano Amarelo* e encontra a ajuda por intermédio de sua fiel comadre, Dona Benta, "um poço de bondade" que, como vimos, possui a gratidão de muitos, do coronel Teodorico, Tia Nastácia, Chico Piramboia, enfim, do povo todo por ter viabilizado, junto com seus

netos e seus agregados fantásticos (Visconde, Emília e Quindim) a construção de benfeitorias coletivas.

A participação da personagem de Visconde de Sabugosa no projeto de nação que Monteiro Lobato desenhou em seus livros demonstraria, portanto, como uma ciência clara e aplicada poderia servir para seus pequenos leitores: por um lado, era uma educação científica mais eficaz e próxima desses; e, por outro, já sugeria o papel para esses mesmos leitores na construção do Brasil futuro. Pode-se dizer que por meio de sua literatura infantil Lobato demonstrou um modo de se expressar mais sedutor que a sua literatura voltada para os adultos, cujo tom é de uma crítica explícita e engajada. Nos livros infantis, a mágica parece viabilizar uma nova forma de expressão, onde as críticas estão presentes no tom da brincadeira e da maneira humorada que muitas personagens são descritas. Mas, observe-se que críticas importantes não deixam de ser expressas, mesmo de forma implícita.

2
Emília, Narizinho e Pedrinho: As crianças construindo o caminho do futuro nacional

"A criança é a humanidade de amanhã. No dia em que isto se transformar num axioma – não dos repetidos decoradamente, mas dos sentidos no fundo da alma – a arte de educar as crianças passará a mais intensa preocupação do homem."

(Monteiro Lobato, "A criança é a humanidade de amanhã", in: Conferências, artigos e crônicas)

As obras infantis de Monteiro Lobato, como afirma a maioria de seus estudiosos, sempre tiveram seus objetivos delimitados pelo autor de forma explícita, sendo os principais: oferecer às crianças uma literatura capaz de despertar uma mentalidade questionadora, o uso de uma linguagem coloquial e inovadora e, por fim, a valorização do ambiente nacional.

No universo literário infantil lobatiano, as crianças representadas por Narizinho, Pedrinho e a boneca Emília podem ser vistas como emblemas de uma mentalidade a ser construída tendo como base a crítica e o questionamento em relação aos problemas sociais do Brasil, num contexto em que o país passava por diversas transformações no cenário político, econômico e cultural. Em suas obras,

a criança é colocada também como agente capaz de realizar ações transformadoras da sociedade. Como afirmam Lajolo e Zilberman (1986), a literatura infantil escrita e publicada entre 1920 e 1945 esteve "plenamente integrada" aos problemas e ideais do período, entretanto, não se pode dizer que esse gênero "reflita" mecanicamente tais fatores.

Nossa proposta neste capítulo é compreender como o texto e as personagens lobatianas mostram uma tentativa de consolidação de um projeto nacional pautado pela perspectiva do futuro, uma vez que seus principais atores seriam as próprias crianças, auxiliadas sempre por adultos presentes e responsáveis.

Considerando os aspectos gerais da obra no que se refere à educação, que de acordo com a narrativa tende a despertar na criança um interesse maior pelo conteúdo, uma vez que dispensa o caráter abstrato e livresco da escola tradicional, acreditamos procedente uma distinção da atuação das personagens infantis, tentando ressaltar suas particularidades no que concerne à ação de cada uma no decorrer da narrativa, o que demonstra que, apesar da formação educacional ser uniforme, até mesmo para a boneca Emília, a apropriação daquilo que cada uma faz do conteúdo ensinado é diferente, além do diferente papel que se ocupa na obra.

Emília: o fim do amor romântico e o advento de uma heroína futura

Nos livros escolhidos para a nossa análise, é a boneca criada por Tia Nastácia a personagem principal das ações realizadas pelas crianças. É Emília, com sua irreverência, petulância e vontade própria, a concretizadora dos planos considerados improváveis e impossíveis. No início de *Reinações de Narizinho* (1931), antes de começar a falar e tornar-se humana, a boneca era guiada e conduzida por Narizinho, que sempre tivera preferência pelo brinquedo de pano simples e "ordinário", dispensando as bonecas mais bonitas e feitas com material refinado. Como veremos, depois que

a boneca de pano adquiriu fala, e, portanto, o *status* de pessoa, a relação entre ambas muda e Emília se torna o centro das atenções das histórias.

No começo da narrativa ficamos sabendo que certo dia, quando as duas personagens andavam pelo quintal do sítio, encontraram uma novidade, o Príncipe das *Águas Claras*. Para curar a mudez da boneca, o nobre sugere uma visita ao Doutor Caramujo, cujas pílulas ofereciam a cura para todos os problemas de saúde. A mudez de Emília é solucionada no momento em que ela ingere a pílula e começa a falar imediatamente. Falou por três horas sem parar e pôde, a partir desse momento, conversar "como gente", para espanto de todos. Narizinho percebeu no primeiro instante de vida da boneca que:

> a fala da Emília ainda não estava bem ajustada, coisa que só o tempo poderia conseguir. Viu também que era de gênio teimoso e asneirenta por natureza, pensando a respeito de tudo de um modo especial todo seu. – Melhor que seja assim – filosofou Narizinho. As ideias de vovó e Tia Nastácia a respeito de tudo são tão sabidas que a gente já as advinha antes que elas abram a boca. *As ideias de Emília hão de ser sempre novidades.* (Lobato, 1959d, p.34, grifos nossos)

Desse modo, percebemos como a boneca passa a ser encarada a partir desse momento: se antes era "apenas" uma boneca de pano, preenchida com macela e confeccionada por Tia Nastácia, depois que passa pelo crivo da ciência com as pílulas do Doutor Caramujo ganha independência e passa a ser vista como dinâmica, esperta e possuidora de características humanas específicas, sendo a maior delas a espontaneidade. Narizinho, ao comunicar a Dona Benta e Tia Nastácia que a boneca a partir daquele momento adquirira a fala deixa as duas senhoras muito admiradas, a ponto de Tia Nastácia acreditar que o "mundo está perdido". Esta última ainda justifica o fato de a boneca falar tantas bobagens e loucuras por conta do material que a criou:

> Dona Benta voltou-se para Tia Nastácia.

> – Esta Emília diz tanta asneiras que é quase impossível conversar com ela. Chega atrapalhar a gente.
>
> – É porque é de pano, Sinhá – explicou a preta – e dum paninho muito ordinário. Se eu imaginasse que ela ia aprender a falar, eu tinha feito ela de seda, ou pelo menos dum retalho daquele vestido a ir à missa.
>
> Dona Benta olhou para Tia Nastácia dum certo modo, como que achando aquela explicação muito parecida com as da Emília. (ibidem, p.38)

Tia Nastácia se sente responsável pela boneca, e atribui a sua mentalidade exagerada ao fato de ter sido confeccionada com restos de tecido ordinário. Entretanto, não é do material com o qual a boneca fora feita que provém a liberdade de falar tudo o que vem imediatamente ao seu raciocínio, mas sim o fato de não encontrar correspondência imediata com a realidade. De acordo com Marisa Lajolo (2001, p.131), por meio da fala, Emília ultrapassa sua condição de ser inanimado, mas, ao manter-se como boneca, se beneficia de uma liberdade muito superior que a dos seres humanos, dos quais é mero simulacro: "Com a boneca, o fantástico no melhor Monteiro Lobato rompe a tradição do maravilhoso tradicional, e opera pela via da ciência e da tecnologia, o que não é pouco para uma heroína de saias".

A boneca Emília, no decorrer da narrativa, ganha cada vez mais espaço e vontade própria. Certa vez confessa a Narizinho que seu maior objetivo era ter um título nobiliárquico, de condessa ou de marquesa, não queria ser apenas uma boneca. Portanto, tal como o Visconde de Sabugosa, também criado por Tia Nastácia, possuía um título nobre, Emília, da mesma forma, faria tudo para conquistar essa distinção social. Assim, as personagens mágicas cujas perspectivas remetem ao futuro, pois estão capacitadas para abrirem poços de petróleo utilizando a mágica do "faz-de-conta" rendendo ao país uma modernização das bases econômicas, representam nesse ponto uma certa ambiguidade, porque ao mesmo tempo que rompem com muitas amarras do passado tradicional,

priorizam características de uma "elite ilustrada" apegada aos títulos nobiliárquicos como forma de distinção social.[2]

Para Emília, como veremos, não importam os meios para atingir algum título da nobreza, mas o importante é a conquista dessa distinção. Suas formas de ação para alcançar esse primeiro objetivo são modernas, porém aquilo que ela mais deseja poderia ser encarado no contexto do sítio como arcaico, uma vez que a narrativa prioriza uma sociedade pautada pelo capitalismo avançado, portanto impessoal, situação em que um título nobiliárquico não seria mais sinônimo de diferença.

Aqui podemos enfatizar que Lobato vivencia esses dois momentos distintos, no qual a oligarquia, mesmo falida economicamente, gozava de privilégios na sociedade. Entretanto, essa sociedade também privava por se consolidar como desenvolvida de acordo com os modos de produção capitalista, que a rigor é impessoal. Desse modo, essa situação que tangencia uma admiração da nobiliarquia na sua aparência prestigiosa e que também anseia a uma economia moderna é o "território" ambíguo no qual Lobato se encontra para compor seu país imaginário.

A forma apresentada por Narizinho para que Emília se torne princesa, marquesa ou condessa legítima, e não somente autodenominada, como até então era, é o casamento com outro personagem mágico, o Marquês de Rabicó, que, na verdade, não passava de um porco glutão. Segundo a menina:

> – Senhora Condessa, acho que é tempo de mudar de vida. Precisa casar, se não acaba ficando tia. Amanhã vem cá um distinto cavalheiro pedir a mão de Vossa Excelência. Emília andava bem de saúde, gorda e corada. Tia Nastácia havia enchido de macela nova

---

2 Nesse sentido, apostamos que a postura da boneca, que muitas vezes se mostra descomedida, por isso pode transitar do moderno ao tradicional com liberdade absoluta, como se o tempo do autor fosse justamente esse: a modernidade parece fazer parte do seu horizonte, mas havia muitos elementos de tradicionalismo na vida nacional e ele transita ora numa posição de avanço, ora na posição de permanência, ou às vezes até concilia ambas.

> a perninha que fora saqueada no passeio ao Reino das Abelhas e Narizinho havia consertado uma de suas sobrancelhas de retrós, que estava desfiando. Além disso, pintara-lhe nas faces duas rodelas de carmim, bem redondinhas.
>
> Emília não se mostrava disposta a casar. Dizia sempre que não tinha gênio para aturar marido, além de que não via lá pelo sítio ninguém que a merecesse. (ibidem, p.83)

Narizinho acaba por convencer Emília que, ingenuamente, acredita que Rabicó seria um príncipe legítimo que uma fada má transformara em porco, que assim permaneceria até encontrar um anel mágico escondido na barriga de certa minhoca. Era por isso que o porquinho vivia fossando a terra atrás de minhocas: "Emília ficou pensativa. Ser princesa era o seu sonho dourado e se para ser princesa fosse preciso casar-se com o fogão ou lata de lixo, ela o faria sem vacilar um momento" (ibidem, p.84).

A boneca aceita receber então o suposto pai do príncipe que, conforme Narizinho, além de príncipe era marquês, o que renderia a Emília um segundo título: "– Não pode haver futuro mais bonito para uma *coitadinha que nasceu na roça* e nem em escola esteve. Você vai ser a Gata Borralheira das bonecas!" (ibidem, p.85, grifos nossos).

Narizinho, obedecendo aos preceitos e atribuições femininas, afirma ao suposto pai do noivo (representado por uma espiga de milho, a qual mais tarde se transformaria no Visconde de Sabugosa) que Emília era muito bonita e prestimosa, além disso, também sabia fazer tudo, cozinhar, lavar e ler livros como professora, e como destino imediato de quem morava na roça era o casamento, já estava encaminhada. A exigência da boneca para aceitar esse casamento armado pela menina era continuar morando no sítio com ela. Ao informar isso ao "noivo", ele titubeia, mas acaba por concordar mediante a seguinte afirmação: "– Não tem mas, nem meio mas! Quem manda neste casamento sou eu. O Marquês fica por lá e eu fico por cá – declarou Emília, toda espevitadinha e de nariz torcido" (ibidem, p.90).

Notamos que a boneca procura romper com os cânones do matrimônio ao propor que seja ela a mandar no casamento, além de viverem em casas separadas. Sempre que a boneca fala por si mesma, consegue deixar claras as suas vontades, pois em seu mundo não haveria normas nem regras fixas. Entretanto, quando Narizinho entra em cena, os "padrões femininos" aceitos são colocados como caracterizadores da conduta de Emília, fazendo dessa uma mulher comportada, disposta a cuidar do esposo e da casa.

Finalmente, o dia do casamento chegou e Emília se vestiu de branco e véu, e Rabicó estava com uma cartola e faixa de seda ao redor do pescoço. Casaram-se, foram para a festa e, aproveitando a distração de todos que discutiam o local mais apropriado para a lua de mel, Rabicó devorou a mesa de doces estragando a comemoração. Emília chorou e ficou com muita raiva do porco:

> – É isso! Eu bem não estava querendo casar com Rabicó! É um tipo muito ordinário, que não sabe respeitar uma esposa.
>
> Narizinho interveio e consolou-a.
>
> – Isto não quer dizer nada. Rabicó é meio ordinário, não nego, mas com o tempo irá criando juízo e ainda acabará um excelente esposo. Depois, é preciso não esquecer que qualquer dia ele vira príncipe e faz você princesa.
>
> Mas Pedrinho, que estava danado com a feia ação de Rabicó, estragou tudo, dizendo:
>
> – Príncipe nada, Emília! Narizinho bobeou você. Rabicó nunca foi nem será príncipe. É porco e dos mais porcalhões, fique sabendo.
>
> Ao ouvir aquilo, Emília caiu para trás, desmaiada... (ibidem, p.94)

Assim Emília continuou casada formalmente com um porco, mas separada efetivamente, à procura de alguém que pudesse lhe oferecer outro título importante: "Emília andava com a secreta esperança de ser raptada por algum famoso pirata, que comesse Rabicó assado e se casasse com ela. O sonho de Emília era tornar-se mulher de pirata – para 'mandar num navio'" (ibidem, p.249). Percebemos que a boneca, por meio de sua "autonomia fictícia", consegue transgredir

as normas destinadas à mulher dos anos 1920 e 1930, aquelas que transgredidas davam margem a julgamentos e condenação moral, quando não legal.

O importante aqui é destacar que a narrativa rompe com os cânones da heroína romântica e sofredora, atribuindo a Emília o papel de independência em relação à preeminência masculina. Esse efeito da narrativa – de atribuir à boneca uma autonomia superior à das outras personagens – deixa a impressão ao leitor de que ela pode muitas coisas além do que poderia obter uma mulher real desse período. De acordo com Elena Belott (1979, p.104), as figuras femininas da literatura infantil sempre estiveram ligadas à ideia de passividade e aceitação da ordem masculina e patriarcal, conforme a autora:

> As figuras femininas das histórias infantis pertencem a duas categorias básicas: as boas e incapazes e as malvadas. "Calculou-se que nos contos de Grimm oitenta por cento das personagens negativas são mulheres". Não existe, por mais que se procure encontrá-la, uma figura feminina inteligente, corajosa, ativa e leal. Mesmo as fadas benfazejas não usam os próprios recursos pessoais, mas um poder mágico que lhes foi conferido e é positivo sem motivos lógicos, assim como nas bruxas é mau. Falta absolutamente a figura de uma mulher cheia de motivações humanas, altruísticas, que escolha lucidamente e com a coragem o próprio comportamento.

Poderíamos intuir que talvez Emília tivesse essas características até então não existentes na literatura infantil; entretanto, ela também pode ser vista como livre por conta de não ultrapassar a condição de boneca, que busca por meio do matrimônio o poder e a distinção social e nunca a submissão ou o amor: Emília escolhe seu futuro esposo de acordo com seus interesses. Também a menina real, Narizinho, realiza-se como mulher independente e livre das convenções por intermédio da boneca. Exemplo disso pode ser notado quando afirma para o príncipe Escamado no momento em que esse visita o sítio:

> – Eu quero tanto bem a Emília – explicou Narizinho – que tenho vontade de desmanchar o seu casamento com o Marquês para casá-la com o Gato Felix. Emília não está sendo feliz no primeiro casamento.
>
> – Por que, se não é indiscrição?
>
> – Os gênios não se combinam. Além disso, Emília não se casou por amor, *como nós*. Só por interesse, por causa do título. Emília não é mulher para Rabicó. Merece muito mais. (ibidem, p.128, grifos nossos)

Aqui o papel feminino mostra certa superioridade ao masculino, pois Rabicó é desmerecido e visto por todos por meio de suas características animalescas: come demasiadamente, é desastrado e em todas as suas aparições causa algum transtorno, dano ou prejuízo no que se refere à comida. Portanto, Rabicó seria uma figura pouco dotada, desde o que concerne à sua origem, pois não era nobre, e também pouco "educada e civilizada", e por mais que Emília fosse uma boneca feia e feita de trapos, era esperta e julgava-se autossuficiente e capaz de arranjar um casamento mais apropriado para sua capacidade intelectual.

Retornando à nossa questão central, o importante ao enfocarmos essa questão ligada ao gênero é enfatizar o fato de a boneca Emília poder ser vista como uma ruptura de um padrão ideal de indivíduo. Em Dantas (1973, p.115), vemos de forma explícita a opinião do autor sobre a boneca:

> Literatura é voz e Emília foi a minha voz. O meu arranco, o meu espanto e será a minha despedida. Dei meus gritos através dela me salvando da loucura e de tantos aborrecimentos. Emília sempre esteve comigo, filha amada e zombeteira, minha boneca de pano contra as burrices do mundo e contra a "estupidez humana"...

Emília: a liberdade de ação e a aplicação da mágica como condicionante da modernidade

No livro *O poço do Visconde* percebemos que as inovações da boneca Emília não se resumem às questões sentimentais; também no que concerne à economia, é ela a responsável por ajudar a nação no seu desenvolvimento. Visconde de Sabugosa, ao iniciar a abertura dos poços de petróleo no sítio, juntamente com Pedrinho e Narizinho, percebe a fragilidade econômica para tamanho empreendimento e, por isso, solicitam a Emília que ela faça uma aplicação do "faz-de-conta", que realiza com muita presteza e habilidade:

> – Ferramentas miúdas e mil coisas. É indispensável uma boa oficina mecânica para reparos dos maquinismos. O melhor é você encomendar uma sonda mixta completa, com a capacidade aí para uns 1.500 metros. E que venham os tubos e revestimentos necessários.
>
> Pedrinho foi à máquina de escrever redigir a carta de encomenda.
>
> – Por carta, Pedrinho? Reclamou Emília. Leva muito tempo, rapaz! Peça logo por telegrama urgente e exija que a ferralha esteja aqui amanhã bem cedo.
>
> – Absurdo, Emília, não dá tempo.
>
> – Dá, sim, insistiu ela. Eles que se utilizem do meu poderoso "Faz-de-conta n. 77", o maior avião de carga do mundo. Dessa maneira teremos tudo aqui amanhã antes do almoço.
>
> Pedrinho compreendeu que realmente não havia outro jeito e redigiu o telegrama.
>
> Restava calcular o preço da encomenda e mandar os dólares.
>
> – Venha fazer a conta, Narizinho, você que é a matemática.
>
> Narizinho calculou pelos preços do catálogo a importância total do pedido.
>
> – Anda em 105.742 dólares, disse ela mostrando a conta.
>
> E agora? Onde o dinheiro para a remessa? Só mesmo a Emília. Pedrinho chamou Emília.

– Olhe, Emilinha, encarregue-se você desta parte financeira. Dê um jeito do dinheiro ser entregue hoje mesmo à firma McGowen & Tuttle de Nova York. Veja um bom banco para fazer a remessa.

– Banco? Não me fio em bancos, Pedrinho, vou fazer o dinheiro chuviscar em cima da cabeça de Mister Gowen. Quer ver? E voltando-se para o céu, gritou:

– Nuvensinhas, nuvensonas, que cochilando passais pelo céu azul! Correi até à casa de Mister Mc... Mc o que, Pedrinho?

– McGowen, gritou o menino de fundo do escritório.

– ... de Mister McGowen e despejai-lhe na cabeça uma chuva de 105.742 pingos dolaricos – por conta da Campanha Donabentense de Petróleo. (Lobato, 1950, p.104-5)

Notamos que a boneca consegue raciocinar de forma bastante pragmática, de acordo com as necessidades capitalistas que envolvem agilidade, prática e economia de tempo, mas para a realização dessas necessidades impossíveis para a realidade econômica do sítio, a mágica é acionada como solucionadora dos problemas. Além disso, Emília está acima das burocracias econômicas, pois descarta a participação dos bancos em suas transações, tanto que Dona Benta, ao questionar a aplicação dos seus futuros rendimentos advindos da participação nos rendimentos do petróleo, obtém a seguinte resposta:

– Botá-lo a juros para ir juntando sempre mais, mais, mais...

Aquela resposta espantou a todos. Emília sempre fora uma ciganinha, mas ninguém jamais supôs que também fosse usurária.

– A que juros? Perguntou Dona Benta, por curiosidade.

– O mais alto possível – 10% ao mês, se não puder ser a 12...

– Explique-se, Emília. Não estou entendendo bem.

– Minha ideia é esta. A verdadeira vocação dos homens é escravizarem-se ao dinheiro. Assim que uma pessoa sacode no ar do pacote de notas, gritando: "Quem quer? Quem quer?" imediatamente aparecem mil mãos estendidas, dizendo: "Eu quero! Eu quero!" E o dono das notas distribui o dinheiro mas prende

> aquelas mãos com algemas de aço – os juros. Os homens, dono dessas mãos, tornam-se escravos do dador do dinheiro; passam a viver para ele, a trabalhar para ele, a só pensar nele, porque o juro é uma coisa que cresce, cresce sempre, dia e noite, faça sol ou faça chuva, seja Domingo de Ramos ou terça-feira de carnaval. Essas criaturas ficam escravas pelo resto da vida – por gosto, por vontade própria, só porque alguém lhes mostrou dinheiro e elas não resistiram a tentação de pegá-lo. Todo mundo faz dívidas – as gentes, as empresas, os municípios, os estados, as nações, os impérios. E todo mundo anda pedindo dinheiro emprestado, isto é, estendendo as mãos para os donos do dinheiro as algemem. E se acontece que um desses escravos pague a dívida, a tentação é de fazer outra – e faz, e escraviza-se novamente. Saudades da escravidão!... Ora, isso quer dizer que a vocação, o gosto supremo dos homens é tornarem-se escravos do dinheiro. Muito que bem: pois se é assim, quando eu ficar milionária vou dar aos homens o gosto imenso de se escravizarem ao meu dinheiro, bem algemadinhos com juros de 10 ou 12% ao mês. Tia Nastácia não diz sempre que o que é de gosto regala a vida? (ibidem, p.110)

Todos, incluindo Dona Benta, se espantam e acham absurda a resposta de Emília, que, apesar de muitos julgarem-na analfabeta e uma simples boneca de retalhos, sabia raciocinar de forma lógica e sempre de acordo com seus interesses e vontades. Depois que fora apelidada por todos como uma "torneirinha de asneira", que precisava ser fechada, a boneca afirma:

> Asneira! Asneira! Acham asneira tudo quanto eu falo – mas nos momentos de aperto quem salva a situação é sempre a asneirenta. Só uma coisa eu digo: se eu fosse refazer o mundo, ele ficava muito mais direto e interessante do que é. *Os homens são todos uns sábios da Grécia, mas o mundo anda cada vez mais torto. Juro que com isso que chamam asneirenta eu transformava a terra num paraíso...* Dona Benta ficou pensativa. Quem sabe se Emília não tinha razão. (ibidem, p.216, grifos nossos)

A própria boneca, de forma irônica, se julga autossuficiente e também muito eficiente, pois por meio de suas ações mágicas o Sítio/ Nação foi capaz de encontrar um caminho para o desenvolvimento econômico de forma moderna e adiantada em relação a muitos países do mundo. A narrativa anterior alerta para o fato de o país realizar empréstimos e por conta disso ficar devedor dos outros Estados, por isso não conseguia ultrapassar sua posição de dependência. No Sítio esse estado será superado por meio da produção de petróleo, que seria capaz de substituir a dependência. Essa era a crença naqueles anos, a industrialização seria fundamental para alterar a posição do Brasil, como observa Octávio Ianni (2002, p.52):

> Esta era a nova tese sobre a história e o desenvolvimento do Brasil: "industrialização substitutiva de importações". Essa tese nasce, expande-se e enraíza-se em forma intensa e generalizada nos anos 1930-64, para estabelecer uma cronologia aproximada. Mas já vinha gestada anteriormente. E adquire efetividade nos anos que se seguem à Revolução de 1930. Assim surge o projeto de "capitalismo nacional", buscando interiorizar os centros decisórios sobre os problemas de economia política e redefinindo amplamente os laços com a economia dos países mais fortes ou imperialistas, dentre os quais se destacam a Inglaterra e os Estados Unidos.

Dessa forma, percebemos que Lobato estava, por meio de seus livros, oferecendo uma resposta aos seus críticos, que não acreditavam no petróleo e não investiam em seu projeto. Na dimensão social, a narrativa está defendendo o pragmatismo em oposição ao conhecimento clássico e abstrato. Ou seja, as palavras de Emília pedem por uma ciência aplicada à tecnologia e uma tecnologia a serviço do desenvolvimento da economia, esse seria o recado dado às crianças em formação no momento em que seus livros se destinam a elas.

Narizinho, a permanência da ética feminina moderna na nação

Diferentemente da boneca Emília, a atuação de Lúcia, mais conhecida e tratada como Narizinho, seria uma demonstração de conduta feminina infantil a ser seguida por aquelas que se desejam empreendedoras, modernas, mas que não dispensam características como a amabilidade, a boa educação e a disciplina. Esses aspectos são sugeridos logo no início do livro *Reinações de Narizinho*:

> Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas – Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho como todos dizem. Narizinho tem sete anos, é morena como jambo, gosta muito de pipocas e já sabe fazer uns bolinhos de polvilhos bem gostosos. (Lobato, 1959d, p.11)

Todos gostam muito de Narizinho, pois ao contrário de sua inseparável boneca Emília, procura sempre respeitar os mais velhos e opta sempre pelos diálogos em vez dos xingamentos impulsivos. A maior fantasia e "reinação" de Narizinho é o *Reino das Águas Claras*, lugar onde realiza todos os seus desejos, mesmo os mais impensados.

Em sua primeira visita a esse reino, ela conhece o Príncipe Escamado, que também era rei, o que faz a menina vibrar com a revelação. Além disso, o "príncipe-rei", já apaixonado, pretendia tratá-la como uma princesa, por isso encomenda a Dona Aranha que lhe faça um lindo vestido de gala para o baile do Reino, onde orgulhosamente entraria de braços dados com a menina. Dona Aranha já havia costurado para todas as fadas e princesas do reino, como Cinderela e Branca de Neve, e o vestido da nova princesa não ficou atrás em termos de beleza: "E estava mesmo linda. Linda, tão linda no seu vestido de teia cor-de-rosa com estrelinhas de ouro, que até o espelho arregalou os olhos, de espanto" (ibidem, p.25).

Notamos que a costureira da menina possui grande fama no mundo mágico da vestimenta nobre, diferentemente de Tia Nastácia, a costureira oficial de Emília, cujas roupas são feitas com

restos de tecidos, demarcando características de comportamento distintivas entre as personagens. Narizinho, mesmo no universo da mágica, é regrada e segue os bons modos. Ao retornar para o Sítio, Narizinho sonhava todas as noites com o Príncipe Escamado, Dona Aranha, Doutor Caramujo e os outros, pretendendo viver lá, nesse lugar onde tudo era possível.

Tudo o que se passava nesse Reino a boneca contava para Dona Benta e Tia Nastácia, que se sentiam deslocadas desse mundo criado pela menina:

> Dona Benta, de fato, nunca dera crédito às histórias maravilhosas de Narizinho. Dizia sempre: "Isso são sonhos de criança". Mas depois que a menina fez a boneca falar, Dona Benta ficou tão impressionada que disse para a boa negra: "Isso é um prodígio tamanho que estou quase crendo que as outras coisas fantásticas que Narizinho nos contou não são simples sonhos, como sempre pensei".
>
> – Eu Também acho, Sinhá. Essa menina é levada da breca. É bem capaz de ter encontrado aí uma varinha de condão que alguma fada tenha perdido... Eu também não acreditava no que ela dizia, mas depois do caso da boneca fiquei até transtornada da cabeça. Pois onde é que já se viu uma coisa assim, Sinhá, uma boneca de pano, que eu mesma fiz com estas pobres mãos, e de um paninho tão ordinário falando, Sinhá, falando que nem gente!... Qual, ou nós estamos caducando ou o mundo está perdido...
>
> E as duas velhas olhavam uma para outra, sacudindo a cabeça. (ibidem, p.39)

Com a chegada de Pedrinho no sítio para passar as férias escolares, Narizinho conta com alguém de sua idade para dividir seus segredos. O menino se surpreende com a esperteza da prima quando essa advinha os presentes trazidos da cidade para ela, Dona Benta e Emília: "Aquela prima, apesar de viver na roça, estava se tornando mais esperta do que todas as meninas da cidade" (ibidem, p.55).

O casamento de Narizinho

Ao contrário de Emília, Lúcia, a menina do nariz arrebitado, não é dotada dos mesmos arroubos de transgressão, nunca se casaria visando simplesmente um interesse imediato, somente por amor. No entanto, Narizinho não se livra de um casamento malogrado tanto quanto o de sua boneca. Porém, diferentemente de Emília, Narizinho casar-se-ia com o Príncipe Escamado seguindo os cânones do amor romântico: o seu pretendente é descrito como aquele que sofre com a ausência da amada em seu *Reino das Águas Claras*. Em certo momento, o príncipe adoentado ouve o seguinte diagnóstico, proferido pelo Doutor Caramujo:

> – Vossa majestade está sofrendo de "narizinho-arrebitadite", doença muito séria, cujo único remédio é o casamento com uma certa pessoa.
>
> O príncipe arregalou os olhos, cheio de espanto. Era a primeira vez que aquele médico não receitava pílulas.
>
> – Tens razão, Caramujo! – disse ele. Minha moléstia não é do corpo, mas da alma. Desde que Narizinho deixou o Reino não mais houve sossego para mim. Perdi o apetite, o sono, a coragem e não tenho gosto para coisa nenhuma...
>
> – Pois é! – confirmou o médico, muito contente de ter acertado. A doença de Vossa Majestade não passa de amor recolhido e só pode sarar com casamento. Se Vossa Majestade me permite, farei uma tentativa para obter esse precioso remédio. (ibidem, p.97-8)

O pedido de casamento a Narizinho é enviado por meio de uma carta que seria encontrada por Pedrinho dentro de uma concha:

> – Hum! Carta para Lúcia. Há de ser namoro – e voltou para casa a correr.
>
> – Narizinho! – foi gritando logo da porta da rua. Uma carta para você!...

> A menina estava ajudando Tia Nastácia a enrolar rosquinhas de polvilho. Assim que ouviu aqueles berros, largou a massa, limpou as mãos no avental da preta e disse:
>
> – De quem será, meu Deus do céu? (ibidem, p.102)

A menina responde ao Príncipe que aceita casar-se com ele e aproveita para mandar-lhe de presente uma das rosquinhas que estava preparando. O presente agradou tanto o Príncipe que, em vez de comê-la, mandou transformá-la em uma linda coroa coberta de diamantes. Além da coroa, incumbiu novamente Dona Aranha Costureira de fazer o vestido para a noiva e esta, ao vê-lo, sentiu-se mal de tanta emoção:

> Era um vestido que não lembrava nenhum outro desses que aparecem nos figurinos. Feitos de seda? Qual seda, nada! Feito de cor – e cor do mar! Em vez de enfeites conhecidos – rendas, entremeios, fitas, bordados, plissês ou vidrilhos – era enfeitado com peixinhos do mar. (ibidem, p.112)

Percebemos que os preparativos do casamento indicavam uma festa impecável, tradicional e representativa da fantasia de qualquer menina que sonha com um lindo ritual de casamento. A cerimônia tem início mas no momento em que o venerando se prepara para coroar o príncipe com a coroa de rosquinha coberta de diamantes, o precioso ornamento some e começa uma grande confusão. Então, as crianças acham melhor voltarem para o sítio, pois o príncipe estava furioso e os convidados sabiam que quando o príncipe surrava alguém com o cetro era sinal de fim de mundo. Já em casa e de fôlego recuperado, Emília conta a Narizinho que o porco Rabicó é quem tinha comido a coroa do seu nobre quase marido.

Dessa forma, percebemos como está sedimentada a diferenciação da narrativa entre Emília e Narizinho. A menina Lúcia, diferentemente da boneca, tem a possibilidade de ter um casamento digno de uma princesa, com um vestido feito especialmente para ela e com uma festa preparada por um príncipe. Quanto à boneca, cuja

única intenção é a de se casar para tornar-se marquesa, bastam os restos de tecido oferecidos por Tia Nastácia, além de uma mesa de quitutes. Em ambos os casos, os casamentos não acontecem, mas é válido ressaltar aqui como o processo que envolve o casamento das personagens é narrado nas histórias: o de Emília é prosaico, destituído de gala e se desfaz por sua própria vontade; já o de Narizinho é cercado de pompa e circunstância, além de romantismo, e só não se realiza por culpa alheia, isto é, do glutão Rabicó, que aparece sempre nas histórias de modo estratégico para finalizá-las devorando tudo que possa ser comestível.

Narizinho e sua participação na economia do país

Outro diferencial entre Narizinho e Emília é que esta interfere em todos os acontecimentos do sítio, já Narizinho se mostra mais discreta em suas ações. Exemplo disso, no livro *O poço do Visconde*, quando o menino questiona como abririam os poços sem dinheiro, a menina responde: "– Isso é lá com você que é homem, respondeu a menina. Dinheiro é assunto masculino – arrume-se" (Lobato, 1950, p.71).

Percebemos que com essa afirmação a menina demarca as diferentes funções ligadas ao gênero, tanto é que Pedrinho se encarrega de atribuir o que cada um faria para que o poço de petróleo fosse viabilizado no sítio. A menina fica encarregada de cuidar do alojamento para os operários e, com as aplicações do "faz-de-conta", defende o conforto dos trabalhadores:

> A menina também aplicou o faz-de-conta, de modo que num instante surgiu da terra um excelente barracão de madeira, com telhado de zinco, para as máquinas; e a cem metros dali uma série de casas para operários, muito bonitas e higiênicas, tão bonitas que Pedrinho achou demais.
>
> – Demais não! Protestou ela. Quanto melhor acomodarmos nossos homens, melhor eles trabalham. Não concordo com o sistema de

> tratar os operários como se fossem pedras insensíveis. As casinhas têm tudo dentro – até geladeira e rádio...
>
> – E esta casa aqui? Perguntou Pedrinho, vendo uma distanciada da vila operária.
>
> – Pois aqui é o escritório – o seu escritório, Pedrinho, já que é você o Superintendente do campo. (Lobato, 1950, p.100)

Dessa passagem pode-se extrair que a função do cuidado maternal (que também poderia ser lido de outra forma, como um recurso disciplinador do trabalho operário) aparece representado por Narizinho, que prioriza o conforto e o tratamento sensível para os trabalhadores, atestando à figura feminina uma preocupação que vai além dos afazeres do lar, mas aquém da igualdade entre os sexos. A menina aparece ligada às conhecidas brincadeiras e organização do lar, enquanto o menino define qual serviço deve ser realizado e ainda avaliza a tarefa feita.

A atuação de Narizinho, portanto, pode ser definida para além dela, ou seja, visando a outrem, diferentemente de Emília que o tempo todo afirma uma individualidade bastante a frente do tempo histórico da narrativa. Narizinho possui uma função social que segue os passos do primo, mas, ao mesmo tempo, também está capacitada para ser no futuro uma mulher que administra os negócios financeiros da família, porém com docilidade, ética e benevolência em relação à população que a cerca. Isso pode ser percebido quando ela afirma a Dona Benta que todos os seus rendimentos adquiridos com a venda do petróleo seriam destinados ao benefício da população:

> – Meu sonho é construir hospitais, escolas, creches, bibliotecas, coisas de utilidade geral. Há tanta pobreza e desgraça na terra...
>
> – Quer dizer que será uma rockefellerzinha. O velho Rockefeller, depois de ter ganho montões e montões de ouro, ficou sem saber o que fazer daquilo. E fundou o instituto Rockefeller, cuja função é gastar os seus milhões em coisa de benefício universal. Esse instituto beneficia todos os países, inclusive o nosso. A grandiosa escola de medicina de São Paulo, lá defronte ao cemitério do Araçá, foi

> presente dele. Não há país do mundo, seja a França ou a China, onde o Rei do Petróleo não despeje benefícios. (ibidem, p.108)

A menina cumpriu a promessa de investir na educação e na saúde do povo, pois acreditava que, dessa forma, a "caboclada bronca" que vivia na roça poderia ser "aproveitada" pelo mercado de trabalho em formação. Além disso, a menina também propõe a construção de casas "decentes" a fim de substituir os casebres de sapé e barro, que "envergonhavam nossa terra". Essas novas "casas decentes com higiene e coisas modernas seriam vendidas a prestações bem baixinhas". Assim, depois da descoberta do petróleo e com uma administradora consciente de sua "responsabilidade social", como mostrava ser Narizinho, ninguém sairia perdendo, "o povo sofrido da roça" só teria a ganhar.

Além de todos esses benefícios ao povo, proposto pela menina, ela também sugere que o petróleo seja vendido a um preço menor:

> Com este sistema de pão-pão, queijo-queijo, a renda de Dona Benta ficou uma coisa colossal: 48 mil cruzeiros diários. No começo o visconde fizera o cálculo de petróleo a 30 cruzeiros o barril. Mas Narizinho entendeu de ajudar o país e reduziu o preço a 12 centavos por barril de 160 litros.
>
> – Petróleo quanto mais barato mais ajuda a pátria, dizia ela. Para vovó 48 mil cruzeiros por dia já são dinheirama tamanha que ela nem sabe o que fazer dela. Podia vender pelo dobro – mas para quê? Ciganagem é coisa que não entra em nosso sítio. (ibidem, p.210)

Assim, além de beneficiar milhares de pessoas com escolas, creches e saúde, Narizinho também ajuda no crescimento econômico do país, aspectos que sugerem uma modernização completa, pois o petróleo traria o desenvolvimento das capacidades morais e econômicas da nação.

Pedrinho: o seu empreendedorismo prático aplicado na construção do futuro

Pedrinho é a única personagem do Sítio proveniente da cidade; é ele quem comanda a maioria das aventuras das personagens, como a abertura dos poços petrolíferos, dá início às histórias narrativas de Tia Nastácia, com o objetivo de conhecer a mentalidade do povo, a busca pelo Saci etc. O menino sempre demonstra estar capacitado para a realização de qualquer tarefa e todos os dias faz questão de ler os jornais recebidos por Dona Benta:

> Ao receber o jornal, Pedrinho sentou-se na varanda com os pés em cima da grade. Narizinho, que estava virando a máquina de costura de Dona Benta, disse:
>
> – Vovó, eu acho uma grande falta de educação essa mania que Pedrinho pegou dos americanos, de sentar-se com os pés na cara da gente. Olhe o jeito dele...
>
> Dona Benta suspendeu os óculos para a testa e olhou.
>
> – Certos sábios afirmam, minha filha, que quando uma pessoa se senta com as extremidades niveladas, a circulação do sangue agradece, e a cabeça pensa melhor. É por esse motivo que os homens de negócios da América procuram nivelar as extremidades, sempre que tem que resolver um assunto importante. A coisa fica mais resolvida – dizem eles. (ibidem, p.1)

Foi acreditando nessa ideia que o menino tentou resolver o problema brasileiro de falta de exploração dos recursos naturais equacionando os "negócios" brasileiros aos norte-americanos. Foi ao ler os jornais, sentado da mesma forma como esses se sentavam, que Pedrinho se indignou com a falta do petróleo no Brasil, e junto com Visconde iniciou o projeto do primeiro poço de extração de petróleo em território nacional.

Nas aulas ministradas por Visconde, que também foram sugeridas por Pedrinho, este se mostra impaciente para colocar em prática tudo o que aprende, exige sempre uma ciência aplicada e

comprovada, fazendo assim uma crítica aos conhecimentos livrescos e acadêmicos. Por conta de sua praticidade, as obras foram iniciadas e o menino passava o tempo todo no lugar escolhido para a empreitada, sempre anotando, questionando e observando tudo o que Visconde ensinava. Além disso, tomava todas as providências em relação aos equipamentos que faltavam.

> Pedrinho aproveitou-se da vantagem para desenhar em várias folhas de papel-cartão emendadas o *Corte Geológico dos Terrenos de Vovó*, de acordo com as indicações de MR. Champignon. Marcava no papel, com riscos horizontais, as camadas atravessadas, indicando a espessura de cada uma e o material de que eram compostas. Esse *Corte Geológico* foi pregado na parede da sala de jantar, em diversas secções, ocupando-a toda. (Lobato, 1950, p.149)

O menino estava sempre atendo às novidades e se preocupava em compreender tudo da forma mais detalhada possível. Ele dizia que seu maior desejo era viajar para conhecer o mundo, pois sabendo o que já existe e o que poderia existir nele, poderia empregar seus capitais conquistados com a venda do petróleo de acordo com as necessidades.

Pedrinho, além dos empreendimentos econômicos que sempre sugere, também se envolve em aventuras que demonstram a sua coragem e esperteza. Exemplo disso está no livro *O Saci* (1921), no qual o menino tem a ideia de caçar na mata virgem:

> – Vovó, eu ando com a ideia de ir caçar na mata virgem. Dona Benta, ali na sua cadeirinha de pernas cotós, entretida no tricô, ergueu os óculos para a testa.
>
> – Não sabe que naquela mata há onças? – disse com ar sério. Certa vez uma onça pintada veio de lá, invadiu aqui o pasto e pegou um lindo novilho da vaca mocha.
>
> – Mas eu não tenho medo de onça, vovó – exclamou Pedrinho fazendo o mais belo ar de desprezo.
>
> Dona Benta riu-se de tanta coragem.

> – Olhem o valentão! Quem foi naquela tarde entrou aqui berrando com uma ferrotoada de vespa na ponta do nariz?
>
> – Sim, vovó, de vespa eu tenho medo, não nego – mas de onça, não! Se ela vier do meu lado, prego-lhe uma pelotada do meu bodoque novo no olho esquerdo; e outra bem no meio do focinho; e outra...
>
> – Chega! – interrompeu Dona Benta, com medo de levar também uma pelotada. Mas além de onças existem cobras. Dizem que até urutus há naquele mato.
>
> – Cobra? e Pedrinho fez cara de pouco caso ainda maior: Cobra mata-se com um pedaço de pau, vovó. Cobra!... Como se lá eu tivesse medo de cobra...
>
> Dona Benta começou a admirar a coragem do neto, mas disse ainda:
>
> – E há aranhas caranguejeiras, daquelas peludas, enormes, que devoram até filhotes de passarinhos.
>
> O menino cuspiu de lado com desprezo e esfregou o pé em cima.
>
> – Aranha mata-se assim vovó – e seu pé parecia mesmo estar esmagando várias aranhas caranguejeiras. (Lobato, 1972, p.21-2)

Sem que ninguém soubesse, Pedrinho, acreditando nessa valentia, vai para a mata virgem e, com a ajuda do saci, que também não temia, consegue livrar-se de todos os animais perigosos que surgem. Foram os dois companheiros de aventura que "salvaram" Narizinho do encanto da Cuca que, disfarçada de velha, ofereceu à menina uma flor que, ao cheirá-la, a transformou em uma grande pedra. Só com muito esforço e diversos desafios, Pedrinho e o Saci conseguiram trazer Narizinho para sua forma de gente, para o grande alívio de Dona Benta, que:

> Depois fez-lhe grandes elogios, quando soube do muito que ele tivera de lutar para que a horrenda Cuca revivesse a menina.
>
> – Vejo, Pedrinho, que você é um verdadeiro herói. Essa proeza que acaba de realizar até merece aparecer num livro como uma das mais notáveis de um menino da sua idade ainda praticou. (ibidem p.108-9)

Percebemos que muitos atos do menino estão sempre voltados para uma demonstração de coragem, livre iniciativa e empreendedorismo, o que cria uma imagem da criança independente, inteligente e crítica. Pedrinho, Narizinho e Emília podem ser lidos, como apontou Marisa Lajolo (1985), como "crianças modelos", que não dispensam as características infantis mas, ao mesmo tempo, são formadas de acordo com o desejo de mudança das estruturas arcaicas e tradicionais da nação, desejo esse que Monteiro Lobato idealizou em muitos de seus escritos, mas que sua literatura infantil talvez seja o emblema maior.

Emília, a quem o autor disse em seus depoimentos ser a sua maior voz, goza de maior liberdade na narrativa; além disso, é a chave para a resolução de muitos conflitos, é a única personagem que não é caracterizada por um diminutivo, ao contrário do que ocorre com Narizinho e Pedrinho, o que talvez pudesse ser sugestivo de uma fragilidade da dupla de crianças reais. Já Emília, apesar de possuir apenas 40 centímetros de altura, representa grandeza e destaque em todos os seus atos. Nesse sentido, apesar de boneca, pode ser lida como um guia da infância que, ao mesmo tempo, não pode ser alcançada por nenhuma delas, quem sabe esse não seja o seu maior diferencial?

O comportamento livre da sujeição autoritária

Percebemos por meio das passagens da narrativa enfatizadas aqui que as crianças seriam, no projeto de nação de Lobato, uma espécie de protagonistas nas ações que envolvem na prática planos e propostas vistas como mirabolantes por muitos. Sob o aval e também incentivo da avó e do Sabugo de Milho Visconde, conseguem realizar benfeitorias para a nação, e além disso, planejar um futuro plausível com a ideia de infância, cidadania e direitos humanos.

Como vimos, as propostas muitas vezes aparecem sob o signo da divisão sexual do trabalho e, também, respeitando, como no caso de Narizinho, a ideia de que ao papel feminino estaria reservada

a bondade e cumprimentos das tarefas domésticas, além de um casamento bem feito, de acordo com os sonhos de menina. Quanto a Pedrinho, os assuntos masculinos, como o comando das obras externas, a recepção dos técnicos para o início das obras, as viagens de negócios etc. seriam o *lugar* de principal atuação. Em relação à boneca Emília, questões de gênero não seriam preponderantes no seu ciclo de ação, ela estaria acima tanto do homem quanto da mulher do presente, pois na posição de boneca, age de acordo com suas próprias concepções e opiniões, chegando até a acreditar na ideia de que seus atos, desde que levados a sérios por todos, possam "consertar" tudo o que há de errado no mundo.

Como podemos observar nos livros *A reforma da natureza* (1941) e *A chave do Tamanho* (1942), a boneca se julga competente para acabar com os males causados pela Segunda Guerra Mundial. No primeiro livro, Emília, por ter permanecido no sítio sozinha quando Dona Benta, Tia Nastácia, Narizinho e Pedrinho foram convidados para irem até a Europa para aconselhar e ensinar aos grandes ditadores mundiais noções democráticas e de organização de um país – já que o sítio era visto pelo mundo como o exemplo de felicidade a ser conquistado por todos –, decide por conta própria reformar a natureza que, na sua concepção, estava totalmente equivocada quanto ao tamanho das coisas. Sua hipótese era: quanto menor as coisas, mais aperfeiçoadas seriam. Para isso, toma como referência o seu próprio tamanho (40 centímetros) e o do Visconde (dois palmos de altura) e decide, por vontade própria, "reformar a natureza". Muda a disposição dos lugares das frutas, o tamanho das árvores, as características dos animais etc. Exemplo dessas mudanças, remetendo aos arroubos feministas da boneca, foi o seguinte:

> Os homens sempre abusaram das mulheres, Dona Benta diz que nos tempos antigos, e mesmo hoje entre os selvagens, os marmanjos ficam no macio, pintando nas redes, ou só ocupam dos divertimentos da caça e da guerra, enquanto as pobres mulheres fazem toda a trabalheira, e passam a vida lavando e cozinhando e varrendo e aturando os filhos. E se não andam direitinhas, levam pau no lombo.

> Os machos sempre abusaram das fêmeas, mas agora as coisas vão mudar. Este tico-tico, por exemplo, tem que tomar conta dos ovos. A fêmea fica com o trabalho de botá-los, mas o macho tem que tomar conta deles. (Lobato, 1973a, p.93)

No livro *A chave do tamanho*, que oferece uma sequência da mesma temática narrativa – os prejuízos causados à humanidade por conta das Guerras Mundiais –, Emília resolve, ao ver a tristeza de Dona Benta, pelos males ocasionados com os conflitos entre os homens, encontrar a chave capaz de "trancar" a guerra. Para tanto, lança mão do "superpó" desenvolvido por Visconde. Ao chegar à casa das chaves "que regulam" o mundo, a boneca pensa: "Não havia diferença entre as chaves. Todas igualzinhas, nada de letreiros ou números, como saber qual a chave da guerra?" (Lobato, 1973b, p.11). Por isso, aplicou o método experimental de Visconde e mexeu sem saber exatamente qual era a chave correta, obtendo como resultado a mudança de tamanho das pessoas, justificada por ela da seguinte forma:

> – Para que esse trambolho do Tamanho? Não há tantos e tantos milhões de seres que vivem sem tamanho? Tamanho é atraso. Quer uma coisa mais atrasada que um brontossauro ou mastodonte? Tão atrasados que levaram a breca, não aguentaram a "glaciação", como o Walt Disney mostrou na *Fantasia*. Compare a estupidez desses monstros tamanhudos com a leveza inteligente duma abelha e as formigas andam por toda parte de bilhões. Eu acabei com Tamanho entre homens e fiz muito bem. Um dia a humanidade nova me há de agradecer o presente, depois que a raça nova dos "homitos" se adaptar. (ibidem, p.45)

A boneca, portanto, é capaz de realizar os atos vistos pelos seres humanos como os mais impossíveis, e ainda acredita ter acabado com a Guerra e "consertado" o mundo da forma mais eficaz possível, pois sem o tamanho normal ninguém poderia fazer a guerra. Dona Benta ficou furiosa com essa invenção de Emília e exigiu que

sua Reforma fosse desfeita, mas ouve dessa o seguinte comentário: "Ela era democrática quando saiu daqui. Depois que lidou com os ditadores da Europa, voltou totalitária e cheia de 'vás'. 'Pois eu não vou' – e não foi! As abóboras e jabuticabas tiveram de arrumar-se sozinhas" (ibidem, p.107).

Emília só decide "desconsertar o mundo" depois que Dona Benta lhe pediu com educação e não ordenou simplesmente. Desse modo, vemos que as vontades dessa boneca estão acima de tudo e de todos, até mesmo da autoridade máxima de Dona Benta. Mencionando novamente os prefácios e entrevistas de Lobato, ele afirmava que muitos queriam que o país real se tornasse como o Sítio do Pica-pau Amarelo, onde todos eram "comunistas à sua moda" e onde estavam "realizando a República de Platão", por intermédio de uma mulher: Dona Benta.

Nesse livro citado, vemos essa ideia de modo bastante claro. Ao diminuir o tamanho de todos, Emília minimizara também a capacidade de ação contra aquelas atitudes vistas como antidemocráticas e totalitárias. Assim podemos intuir que Lobato apostou alto na democracia que se inicia imediatamente no sítio onde crianças e adultos passam a ter relações simétricas. Não é à toa que Emília se ofende com a maneira, considerada ofensiva por ela quando Dona Benta ordena que retorne ao tamanho normal as pessoas. Essa atitude independente e "igualitária" entre adultos e crianças pregada pela boneca também pode ser notada ao retornarmos ao livro *O poço do Visconde*, quando a velha senhora reclama da forma como empregava a linguagem:

> – Emília, as professoras e os pedagogos vivem condenando esse seu modo de falar, que tanto estraga os livros do Lobato. Já por vezes tenho pedido a você que seja mais educada na linguagem.
>
> – Dona Benta, a senhora me perdoe, mas quem torto nasce ou nunca se endireita. Nasci torta, sou uma besteirinha da natureza – ou dessa negra beiçuda que me fez. E, portanto, ou falo como quero ou calo-me. Isso de falar como as professoras mandam, que fique para Narizinho. Pão para mim é pão; besteira é besteira – nem que venha da Inglaterra ou dos Estados Unidos. Cá comigo é ali na batata.

> Dona Benta suspirou. Impossível domar aquela pequena selvagem... (Lobato, 1950, p.63)

Emília não muda sua forma de falar nem com os mais velhos, especialmente com Tia Nastácia que, apesar de ter sido sua criadora, será várias vezes chamada de "negra beiçuda" ignorante, como adverte o tempo todo ao ouvir os comentários da cozinheira. Nesse caso, talvez pudéssemos supor que a boneca sugere um novo tipo de conduta infantil, que dispensa a ama-de-leite, ou a figura maternal, configurando o espaço de independência em relação ao mundo adulto regrado.

Por meio de sua atuação, percebemos o quanto a participação infantil nos livros de Lobato é importante, especialmente no que se refere à consolidação de um futuro construído por Emília, que se mostra desenvolvido econômica, moral e intelectualmente, o que faz que essa personagem tenha característica visionária, capaz de extravasar o tempo corrente. E como responsável de todos esses aspectos, a própria boneca nos diz: "– O nosso segredo é o Faz-de-conta. Não há o que se consiga quando o processo aplicado é o Faz-de-conta. O nosso grande segredo é esse" (Lobato, 1973b).

Ou seja, por intermédio de Emília, Lobato teria tentado estimular um comportamento livre dos condicionamentos autoritários e hierárquicos que, provavelmente, julgava atrasado e colonial. O indivíduo moderno – condizendo com o novo país que se pretendia forjar – seria pragmático, independente e capaz de questionar sem as amarras da tradição, é a Emília a quem cabe esse papel, localizado no futuro, e na utopia.

3
As personagens negras como emblema do passado na nação futura

> *"– Outro milagre do petróleo, disse a menina, é a mudança de gênio de Tia Nastácia. [...] E veja como está alegre, contente da vida e remoçada. Até parece uma negra americana do cinema, das sabidas... [...] Dona Benta olhou-a bem e perguntou:*
> *– Nastácia, é verdade que você se sente feliz?*
> *– Que pergunta, sinhá, respondeu a negra – e virou a cara para que não lhe vissem os olhos molhados..."*
>
> *(Monteiro Lobato, in:* O Poço do Visconde*)*

De acordo com Octávio Ianni (2004), alguns livros publicados nos anos 1930 (momento em que Lobato publicou os livros analisados aqui) oferecem a ideia de "fecundidade intelectual" dos desafios que a sociedade brasileira estava enfrentando. Para o autor, os indícios que levam a pensarmos numa renovação intelectual que buscava situar o país numa temporalidade moderna estavam esboçados desde a Semana de Arte Moderna (1922), vista como uma ruptura com o padrão cultural bacharelesco.

Uma das questões de fundo colocadas por esses intelectuais era em relação ao povo que constituiria o futuro do Brasil, formado em

sua maioria por negros e mestiços, ex-escravos ou descendentes desses. Entretanto, essa grande parcela – que havia sido desvalorizada com a Abolição da escravatura e com o início da modernização econômica, foi preterida pela mão de obra especializada, constituída em sua maioria por imigrantes europeus – retorna nos anos de 1930 como expressão da nossa nacionalidade. De acordo com Ianni (2004, p.133):

> O abolicionismo e a política de incentivo à imigração europeia alteram o quadro inicial. Introduzem uma crescente valorização do imigrante, implicando a proposta de europeização, isto é, branqueamento da população. Ao lado da idealização do índio, em contraposição ao português e negro, desenvolve-se a idealização do europeu, também em contraponto com o negro.

A definição do conceito de "raça" até esse momento era fortemente baseada num tom "biologizante" e, dessa forma, aqueles que mais se distanciavam do padrão físico europeu – os negros e índios – eram considerados inferiores e pertencentes às raças rudimentares; por isso, não poderiam mais constituir a nossa força produtiva.

Nos anos 1930, essa noção biológica em relação às diferentes etnias passou por uma mudança de paradigma, foi a chamada "virada culturalista". Nesse contexto, elementos de matriz cultural africana assumem papel importante na formação nacional. Paradoxalmente, comidas, danças e demais elementos dessa matriz deixam de significar apenas o atraso, a inferioridade e a transgressão da ordem, para serem redimidos simbolicamente, como típicos da cultura nacional. Essa nova ideia moderna de nação e povo fez muitos autores apostarem na ideia de uma cultura brasileira híbrida e simétrica entre as diferentes etnias no Brasil.

Gilberto Freyre, um dos intérpretes mais importantes do Brasil, foi o autor que mais apostou nessa ideia. Em seu *Manifesto regionalista*, considerou o Nordeste brasileiro a região que fornecia a nossa autenticidade e originalidade raciais. Como defensor da cultura regionalista, Freyre considerou a oligarquia rural-açucareira nordestina como uma das que mais contribuíram para a formação do

país, pois possuía o respaldo de ser a região mais antiga e o berço do próprio país, dispensando assim a ideia dos modernistas paulistanos de 1922 que asseguravam São Paulo como o Estado renovador das antigas formas econômicas e expressão máxima de uma cultura urbana e industrial.

Dois movimentos artísticos e sociais importantes estavam, portanto, em voga nos anos 1920 e 1930, o regionalista de tradição nordestina, e o modernista, cujos principais representantes se afirmam como herdeiros das vanguardas europeias:

> No entanto, não é difícil perceber o mascaramento do real que se esconde por trás das ordenações nacionalistas, desse novo mito ufano-naturalista. O Nordeste das tradições patriarcais é o tutor da unidade nacional. E neste particular colocam-se em fronteiras contrárias o Regionalismo e o Modernismo. Escolhido o campo oposto, os antagonistas são nomeados: "o movimento modernista" e "os rapazes do Sul". A briga será pela legitimidade de representar o Brasil mais Nacionalmente. (D'Andrea, 1992, p.97-8)

Monteiro Lobato, como muitos comentadores já afirmaram,[1] não participou da Semana de Arte Moderna, pois, em sua concepção, era um movimento marcado pela importação de modelos estéticos estrangeiros, o que negava a arte genuinamente nacional que fosse capaz de incorporar nossos temas. Entretanto, muitos assuntos discutidos nesse período pelos intérpretes regionalistas ou modernistas perpassam a literatura de Lobato, por isso, a nossa intenção neste capítulo é demarcar como esse pensador via a participação do negro, representante do povo no *Sítio do Pica-pau Amarelo*, na consolidação do projeto nacional que acreditamos existir em sua obra.

Apostaremos numa abordagem cronológica das obras que se referem à questão da participação do negro, pois dessa forma as

---

1 Tadeu Chiarelli (1995), em *Um Jeca nos vernissages*; Enio Passiani (2005), em *Na trilha do Jeca*; André Luiz Vieira de Campos (1986), em A *República do Pica-pau Amarelo*.

mudanças ou permanências existentes em seu pensamento poderão ficar enfatizadas de forma mais viva. Além disso, esse esforço é válido por se tratar de um autor de inúmeras obras, cujos aspectos destoantes poderão ser observados e destacados.

Demonstrar a questão social que envolve o negro na literatura de Monteiro Lobato, por se tratar de uma realidade própria inerente à obra, é tarefa complicada, pois a obra de arte tendo liberdade de criação – possibilitando à ficção uma capacidade de "atuação" muito maior que a dos indivíduos na vida social concreta – pode se afastar sistematicamente do nosso cotidiano por ser ficcional e imaginativa. Portanto, simplesmente classificar um autor de obra tão vasta, que vivenciou as mudanças cruciais da virada do século XIX para o XX, de racista ou não racista, por exemplo, seria um reducionismo, que não é nossa intenção.

Discutirmos, entretanto, a relação existente entre brancos e negros em sua literatura infantil, relacionando-a com a literatura adulta, significa, na nossa concepção, estender a discussão para uma situação pouco afrontada pela literatura que discute a obra de Lobato. Reconhecemos o fato de nossa análise estar sendo realizada *a posteriori* e, por isso, encontrar-se em uma situação muito distinta daquela na qual estava o autor, já que as discussões sobre políticas compensatórias para os descendentes de escravos estão na ordem do dia e fazem parte da pauta reivindicatória dos movimentos de consciência negra.

De acordo com Terry Eagleton (2001), em seu livro intitulado *Teoria literária: uma introdução*, a categoria de literatura não pode ser encarada como objetiva, porque não é eterna e nem imutável. O fato de interpretarmos as obras até determinado ponto, à luz dos nossos próprios interesses, e o fato de sermos incapazes de interpretá-las de outra forma podem ser algumas das razões pelas quais certas obras parecem conservar seu valor ao longo de séculos:

> Todas as obras literárias, em outras palavras, são "reescritas", mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as lêem; na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma "reescritura". Nenhuma obra, e nenhuma avaliação atual dela, pode

> ser simplesmente estendida a novos grupos de pessoas sem que nesse processo, sofra modificações, talvez quase imperceptíveis. E essa é uma das razões pelas quais o ato de se classificar algo como literatura é extremamente instável. (Eagleton, 2001, p.17)

Dessa forma, retornar à obra lobatiana tentando compreendê-la sociologicamente envolve o estudo dos diversos grupos e culturas que estavam localizados num mesmo "lugar"; nesse caso, no Sítio de Dona Benta.[2] Como observamos e como tentaremos mostrar, nesse lugar imaginário se desenvolvem relações entre brancos e negros que, por estarem na obra, podem ser entendidas como reflexo[3] do período em que Lobato escreveu, portanto, como ideias que encontram referência naquele período social e histórico. Sob esse prisma, a nossa tentativa é atualizar a leitura da obra literária de Lobato tentando perceber momentos em que o autor demonstra na sua escritura o pensamento social e político do seu tempo, trazendo para a obra problemáticas da sociedade em que estava inserido e que foram modelo para constituição de seus livros.

De escravos a criados, o negro e sua incorporação no futuro nacional

Se nas obras infantis de Lobato Tio Barnabé representa uma espécie de "negro fiel" da família de Dona Benta, na literatura adulta do autor encontramos o jardineiro Timóteo como "exemplo de criado", que permanecera na fazenda mesmo depois que seus donos

---

2 Entendido aqui como uma espécie de metáfora da nação, isto é, *topos* que desenha o país numa acepção utópica o que atribui a esse lugar imaginário criado por Lobato uma alteração de sentido pela comparação explícita ou implícita do Brasil real vivenciado no momento em que ele escreve para as crianças. Essa alteração de sentido formula ou reorganiza artisticamente dados do real, que sofrem alteração de acordo com a imaginação criativa do artista.

3 O termo reflexo aqui utilizado não se remete à ideia de inversão da realidade no espelho, mas sim como um sintoma dessa na obra.

foram embora. Esse conto, homônimo à personagem principal, faz parte do livro *Negrinha*, e foi escrito em 1920:

> O casarão da fazenda era ao jeito das velhas moradias: – Frente com a varanda, uma ala e pátio interno. Neste ficava o jardim, também à moda antiga, cheia de plantas antigas cujas flores punham no ar um saudoso perfume d'antanho. Quarenta anos havia que lhe zelava dos canteiros o bom Timóteo, um preto branco por dentro. Timóteo plantou quando a fazenda se abria e a casa inda cheirava reboco fresco e tintas d'óleo recentes, e desd'ai – lá se iam quarenta anos – ninguém mais teve licença de pôr a mão em "seu jardim". (Lobato, 1987)

Timóteo, para homenagear o seu "dono", plantou um pé de jasmim do Cabo e nunca permitiu que outra planta ultrapassasse a sua altura, pois "simbolizava o homem que o havia comprado por dois contos de réis, dum importador de escravos de Angola" (Lobato, 1987, p.29). Não queria que nenhuma planta "olhasse de cima para o Sinhô velho".

O jardineiro registrava em seu espaço tudo o que acontecia de novo na casa, "anotava nos canteiros". Certo dia, os senhores de Timóteo falaram de fazer uma reforma no seu jardim, modernizá-lo:

> – Precisamos mudar isto, lembrou o moço, de volta dum passeio a São Paulo. Há tantas flores modernas, lindas, enormes, e nós toda a vida com estas cinerárias, estas esporinhas, estas flores caipiras... Vi lá crisandalias magníficas, crisântemos deste tamanho e uma rosa nova, branca tão grande que até parece flor artificial. (ibidem, p.32)

Pior que essa notícia para Timóteo foi a venda da fazenda, que esse recebera como quem recebe uma sentença de morte. "Na sua idade, tal mudança lhe equivalia a um fim de tudo. Correu e agarrou-se à moça, mas desta vez nada puderam contra as armas do dinheiro os seus pobres argumentos de poeta" (ibidem, p.53).

Todos foram embora, dizendo apenas adeus. Dessa vez, Timóteo não regara o jardim, só pensava numa coisa: "Branco não tem

coração". Os novos donos da fazenda e que seriam agora seus patrões eram "gente da moda", apegados ao luxo e às novidades, consideravam tudo velharias, queriam só o que era moderno.

O novo senhor ordenou que ele acabasse com o jardim, mas não tivera coragem, pois não era um criminoso. Iria embora, mas morreria lá na porteira como um "cachorro fiel" aos antigos donos e a seu jardim, além disso, rogaria muitas pragas contra as vacas, os pés de café, as galinhas e à família.

Percebemos que o jardineiro representa nesse texto o passado de uma cultura que se contrasta com a cultura moderna dos novos donos que chegaram à fazenda com o plano de modernizá-la. A dedicação e a fidelidade desse personagem em relação aos antigos senhores não valeram de nada, pois fora abandonado e, como não aderiu e nem foi integrado ao processo de modernização, teve um fim trágico que, traduzindo em termos "extraliterários", pode ser representativo da impossibilidade de sobrevivência de determinados segmentos da população a partir do processo de modernização.

Quanto à obra infantil de Lobato, como representante da fidelidade e consideração pelos antigos senhores, tem-se a participação de Tio Barnabé, que diferentemente de Tia Nastácia não aparece de forma frequente em todos os livros da série infantil. Somente no livro *O Saci* (1921) ele tem uma participação maior, e é descrito como "um negro de mais de oitenta anos que morava no rancho coberto de sapé lá junto da ponte" (Lobato, 1962b, p.23).

Nesse livro, Pedrinho queria desbravar a mata virgem que existia ao redor do Sítio, para caçar onças, cobras e o saci. O menino estava com a ideia fixa e foi consultar Tia Nastácia sobre o assunto:

> Quando consultou Tia Nastácia, a resposta da negra foi, depois de fazer o pelo-sinal e dizer "Credo!":
>
> – Pois saci, Pedrinho, é uma coisa que branco da cidade nega, diz que não há – mas há. Não existe negro velho por aí, desses que nascem e morrem no meio do mato, que não jure ter visto saci. Nunca vi nenhum, mas sei quem viu.
>
> – Quem?

> – O Tio Barnabé. Fale com ele. Negro sabido está ali! Entende de todas as feitiçarias, e de saci, de mula-sem-cabeça, de lobisomem – de tudo. (ibidem, p.22)

Tio Barnabé, portanto, é caracterizado como quem nunca saíra do mato, e que por isso sabe dos seus segredos; mas, ao mesmo tempo, é definido como supersticioso por acreditar em saci, lobisomem etc. Pedrinho decide perguntar a ele sobre o saci, pois a obsessão do menino nesse momento era ver para ter certeza de sua existência. Tio Barnabé responde as inquietações do menino:

> – Pois, seu Pedrinho, saci é uma coisa que eu juro que "exéste". Gente da cidade não acredita – mas "exéste". A primeira vez que eu vi saci eu tinha assim sua idade. Isso foi no tempo da escravidão, na fazenda do Passo Fundo, que era do defunto Major Teotônio, pai desse Coronel Teodorico, compadre da sua avó Dona Benta. Foi lá que vi o primeiro saci. Depois disso, quantos e quantos!... (ibidem, p.24)

Tio Barnabé guarda em sua memória os anos da escravidão e, como foi privado da sua inserção efetiva na modernidade, permanecera na mata, tendo como companhia apenas seu cigarro de palha, o saci, o lobisomem e suas lembranças. Diferentemente de Tia Nastácia, que mora no interior da casa com a família proprietária do Sítio, Tio Barnabé não trabalha sob a lógica do trabalho disciplinado, mas realiza as atividades imediatas que garantem sua sobrevivência.

Como diferencial do jardineiro Timóteo, que morre de desgosto com a ingratidão de seus antigos donos, Tio Barnabé possui destino mais ameno, pois Dona Benta não abandonara o sítio e seu sossego em troca das "novidades modernas", e, além disso, cedera ao agregado fiel um lugar onde pudesse construir sua casa de sapé e viver até o fim da vida.

A composição que Lobato faz dessas duas personagens serve para exaltar a "fidelidade" do negro ao regime paternalista que, por essa mesma condição, tem o dever de "cuidar" dos negros até a sua

velhice, oferecendo a eterna "proteção". Entretanto, esse não é o reconhecimento da igualdade da norma burguesa, pois a dominação está implícita e poderia ser lida também sob a forma da autoridade paternal.

O jardineiro Timóteo, longe de ser reconhecido pelos antigos "donos", permaneceu na fazenda com a partida deles, deparando com uma situação que ele via como descaso e insensibilidade em relação aos anos que se dedicou ao jardim da *casa-grande*.

A morte desse jardim poderia ser vista como uma espécie de referência ao fim da serventia de seu trabalho, pois novas "flores" estavam brotando na mentalidade da elite brasileira. Se no passado o jardineiro compreendia, admirava e especialmente cuidava do jardim de forma eficaz, no momento de mudança e de novidades trazidas pelos novos patrões, ele se sentia traído, e de certa forma esquecido, pois já não conseguia acompanhar o que lhe era exigido pela modernidade. Timóteo pertencia, portanto, ao passado, se alimentava desse tempo, mas seus novos patrões vislumbravam o futuro, e esse, pela sua nova lógica social, cultural, econômica e moral, não o incluía.

Quanto a Tio Barnabé, ele conservou seu "lugar" no sítio, pois ao contrário dos patrões de Timóteo, Dona Benta não era totalmente adepta do moderno e muito menos injusta com o negro velho e cansado. Em seu sítio existe sim uma incorporação dos braços negros na consolidação da nação; entretanto, percebemos que cada vez mais a presença de Tio Barnabé sugere um isolamento do mundo coletivo. Vivendo em sua casinha de sapé, ele guarda ainda muitas histórias e lendas interessantes do tempo da escravidão, conhecimento esse passado às crianças quando se mostram interessadas e curiosas por saber da existência de um mundo diferente daquele vivenciado por elas.

Se no Brasil a "situação racial" não mostrava uma segregação rígida entre senhores e escravos, ou brancos e negros por conta de o regime se pautar por um modelo patriarcalista, além de escravista, a situação se mostrava de maneira diversa nos Estados Unidos, como ressaltou o narrador lobatiano pouco tempo depois dos livros publicados. Ao escrever o livro intitulado *O presidente negro*, em

1926, nosso autor demonstrou ser menos tolerante com a posição do negro na sociedade. Esse é o caso do seu único romance escrito com o intuito de ser divulgado nos Estados Unidos, cuja primeira edição saiu com o subtítulo de *O choque das raças*.

Lobato, o negro no Brasil e o negro nos Estados Unidos

De acordo com Regina Crespo (1997), Monteiro Lobato, ao aceitar o convite de servir ao governo brasileiro como adido comercial nos Estados Unidos, pensou em algo mais além: fazer sucesso nesse país como escritor do seu primeiro romance. Lobato esperava encontrar a eficiência como princípio organizador da nação e um dos fatores, na visão do pensador, que conduziam à grande organização do país norte-americano era o fato de que brancos e negros sempre tiveram *status* e *lugares* diferentes e muito raramente se misturavam, diferentemente do caso brasileiro, onde a "mistura racial" nos caracterizava como nação.

O enredo se constitui por três personagens principais: o primeiro, quem narra a história é Ayrton Lobo, funcionário de uma firma comercial que sofre um acidente de automóvel e é resgatado pelo cientista e professor Benson, cuja residência parecia mais com um laboratório onde fizera a descoberta do tempo, a previsão do futuro distante. Tais descobertas ainda eram segredos que ele compartilhara apenas com sua filha, Miss Jane. Com as frequentes visitas de Ayrton ao castelo do professor, esse decide revelar-lhe o segredo do futuro. O enigma que mais chama a atenção do aprendiz é o choque das raças nos Estados Unidos, que se passaria no ano de 2228. Conforme Miss Jane, essa previsão renderia um ótimo romance e, por isso, pede a Ayrton que o escreva. Seria uma narrativa como as de Wells, porém verdadeiro, conforme Miss Jane:

> Desde já asseguro uma coisa: sairá novela única no gênero. Ninguém lhe dará nenhuma importância no momento, julgando-a

> pura obra da imaginação fantasista. Mas um dia a humanidade se assanhará diante das previsões do escritor, e os cientistas quebrarão a cabeça no estudo de um caso, único no mundo, de profecia integral e rigorosa até nos mínimos detalhes. (Lobato, 1957b, p.183)

O professor Benson morre e quem assume o seu posto é sua filha, que continua a fornecer os dados do futuro para Ayrton. Para Miss Jane, os Estados Unidos formariam a zona mais feliz em sua composição humana desde o início da humanidade, pois atraíram os elementos mais eugênicos das melhores raças europeias:

> Um país não é povoado como se quer, senhor Ayrton, ou como apraz os idealistas. Um país povoa-se como pode. No nosso caso foi o clima que estabeleceu a separação. Dos europeus só os portugueses se aclimavam na zona quente, onde graças às afinidades com o negro, continuaram o velho processo de mestiçamento, acabando por formar um povo de mentalidade incompatível com a do sul. (ibidem, p.216)

Miss Jane narra que o grande problema que gerou o choque das raças nos Estados Unidos foi o fato de os negros pedirem a divisão do país em duas partes, o sul para os negros e o norte para os brancos. Entretanto, estes últimos não queriam essa divisão e sim a manutenção da situação em que viviam, marcada pelo preconceito em relação aos negros, cuja ideia principal era a de exportá-los (cem milhões) para o sul da Amazônia. Como medida de ação, os negros decidem participar das eleições, o candidato era o ativista negro Jim Roy que, para desespero de todos os brancos, ganhara a disputa com Kerlog, candidato preferido dos brancos. Assim se instaura uma guerra entre as "raças": "A pantera negra recolheu as garras e a águia branca enluvou as unhas" (ibidem, p.273). A raça branca vence, portanto, a negra e, como diria Kerlog: "Não há moral entre raças, como não há moral entre povos. Há vitória e derrota. Tua raça morreu Jim..." (ibidem, p.316). Jim Roy seria esterilizado, nunca mais poderia reproduzir-se e sua "raça" chegaria ao fim:

> O choque das raças fora prevenido, o que valeu por nova vitória da eugenia. A sociedade, livre de tarados, viu-se no momento de embate isenta de perturbadores ao molde dos retóricos e fanáticos cujas palavras outrora impeliam as multidões aos piores crimes coletivos. A exasperação branca do primeiro momento breve desapareceu. O bom senso tomou pé e o ariano pode filosofar com a necessária calma. A opinião corrente admitia não passar a vitória negra de um curioso incidente na vida americana. (ibidem, p.319)

Esse livro não foi publicado nos Estados Unidos, pois os editores alegaram que se tratava de um país problemático no que concerne às relações interétnicas. Para Crespo (1997), apesar do fracasso e das críticas que a obra obteve, ela não deixa de ser uma novidade, pois um autor de tom regionalista se dedicou a escrever uma obra de ficção científica, a primeira do gênero no Brasil até então. Ainda segundo a autora, em *O presidente negro*, Lobato recorre a diversos arquétipos científicos da época, e o livro pode ser pensado, para além de um romance malsucedido, como uma espécie de recompilação de elementos e questões teóricas que incomodavam o autor.

> Para o Lobato de *O Choque*... seria a chegada de mais uma onda migratória o que resgataria o lado de baixo do país de uma situação de permanente atraso e discussões ociosas. Os imigrantes europeus chegariam para cumprir um papel de resgate que, até então, Lobato poucas vezes havia reconhecido. (Crespo, 1997, p.213)

O que podemos perceber no livro *O presidente negro* é uma influência muito grande da divisão entre os brancos e os negros que marca a cultura norte-americana. Se nos livros infantis, onde o contexto brasileiro é o referencial do autor, temos a incorporação da cultura negra na narrativa, representada por Tia Nastácia, no contexto dos Estados Unidos percebemos o total desprezo dessa na consolidação da nação pragmática que Lobato tanto admirava. Essas, aparentemente distintas, posturas de Lobato

ante a população negra nos conduz a uma reflexão sobre a diferença entre os dois tipos de discriminação racial, a brasileira e a norte-americana.

Para Oracy Nogueira (1985), um dos pioneiros nessa análise, os Estados Unidos e o Brasil formam dois diferentes tipos de "situações raciais", enquanto no primeiro país o preconceito racial é manifesto e insofismável, no Brasil o próprio reconhecimento do preconceito oferece margem a uma controvérsia difícil de ser superada.

A diferença entre esses dois países é de intensidade, na falta de uma melhor designação; o preconceito, como se mostra no Brasil, foi denominado por marca, reservando-se para os Estados Unidos a designação do preconceito de origem. A formulação preconceito de marca não ultrapassa a denominação "preconceito de cor". As denominações desses diferentes tipos de racismo não passam de dois conceitos ideais que indicam situações que podem corresponder a casos concretos, mas não coincide ponto por ponto. Conforme o autor:

> Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para suas manifestações, os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca; quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico, para que sofra as consequências do preconceito, diz-se que é de origem. (ibidem, p.79)

Dessa forma, o preconceito racial de marca demonstra uma preterição, já o de origem, uma exclusão incondicional dos membros do grupo atingido. Para se definir quem é negro ou não no racismo de marca, o critério seria o fenótipo ou a aparência racial, já onde é o racismo de origem, presume-se que o mestiço, seja qual for sua aparência, tenha as potencialidades hereditárias do grupo discriminado, e, portanto, filie-se a ele racialmente.

No caso da narrativa de *O presidente negro*, o referencial de composição da obra é outro, os Estados Unidos, marcados por uma diferença explícita entre brancos e negros, onde assumidamente

cada um tem o seu papel e território diferenciados, demarcado sempre pelas distinções étnicas. A proposta de Lobato nesse livro era realizar uma busca de explicações para o fato de essa sociedade ser desenvolvida econômica e socialmente, diferentemente do Brasil. A sua aposta principal era a de que as relações raciais pudessem explicar, em parte, as diferenças econômicas e sociais entre Brasil e Estados Unidos da América. Para os autores do livro *Monteiro Lobato, furacão na Botocúndia*:

> Francamente eugenista, a trama urdida por Lobato em *O choque*, onde a inteligência dos brancos acabava vencendo, vem destacar posições ambíguas do escritor. Mas se neste livro ele abraça ideias acerca da superioridade racial, em outros momentos resgata o elemento de origem africana e reconhece seu papel na cultura brasileira – como na caracterização de Tia Nastácia e Tio Barnabé, personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo representantes do saber popular. (Azevedo et al., 1997, p.222)

Como veremos mais adiante, entretanto, essa relativa aposta nos personagens negros da obra infantil como representativos da influência africana do nosso saber popular é passível de questionamentos, uma vez que os conhecimentos de Tia Nastácia, bem como sua atuação, na maioria das vezes, provocam o riso e não um reconhecimento do seu saber como uma cultura proveitosa para a nação. Conforme Crespo (1997, p.145):

> A subalternidade da personagem funciona como algo natural no universo das histórias. A sua surpresa caricata frente às novidades tecnológicas, o seu apego à religiosidade e às crendices que os demais personagens rechaçam ou veem com condescendência olímpica ilustram as marcas indeléveis que a mistura entre raça e progresso deixaram em Lobato.

Lobato escreveu os textos que utilizamos nas análises que se seguem a partir da década de 1930. Portanto, é importante

atentarmos para o fato de que seu pensamento, no contexto brasileiro, passou por algumas mudanças que se fazem presentes na forma narrativa: se ora o discurso aponta a participação de Tia Nastácia como uma espécie de detentora de um saber superado, ora sua sabedoria é relativizada e utilizada como exemplo nas aulas ministradas por Dona Benta às crianças, como veremos a seguir.

Tia Nastácia e o novo modelo de infância

No primeiro livro que constituiu a série do *Sítio*, intitulado *Reinações de Narizinho*, a narrativa demonstra que além de Dona Benta e a neta Lúcia (Narizinho), que não se separa da sua boneca Emília, também mora na casa Tia Nastácia, "negra de estimação que carregara Lúcia quando pequena" e cozinheira de deliciosos quitutes elogiados por todas as visitas e conhecidos por toda a região. Dessa forma, Tia Nastácia é a primeira personagem que aparece na obra que pode ser vista como pertencente à camada da população mais pobre do sítio, uma vez que, descendente de escravos, provavelmente, permanecera na casa de Dona Benta para prestar seus serviços braçais em troca de meios de subsistência.

Tia Nastácia e Dona Benta são as personagens mais velhas do sítio, são elas que em muitos casos opinam, solucionam, ou criticam os problemas causados pelas crianças, os verdadeiros protagonistas da ação na narrativa, os construtores do Sítio do futuro (e igualmente do Brasil como pretendia Lobato dos seus pequenos leitores). Entre essas duas senhoras existe uma relação de lealdade e intimidade, mas tal afinidade é estabelecida pela convivência, e não por laços sanguíneos e/ou familiares.

Como veremos, essa relação íntima é muitas vezes demonstrada como assimétrica, já que os laços estreitos não são suficientes para ofuscar ou apagar a distância social e cultural existente entre Dona Benta e Tia Nastácia. Esse aspecto pode ser notado, em primeiro lugar, na forma como a cozinheira se refere a Dona Benta: "Sinhá", que segundo o dicionário *Houaiss da Língua Portuguesa*

significa a forma de tratamento com que os escravos designavam a senhora ou patroa: siá, sá, sinhá, sinhara, pronúncia de senhora dos escravos brasileiros. Gilberto Freyre (2004), em *Casa grande & senzala*, considera entre a herança dos africanos na família brasileira a mudança na língua portuguesa, pois as "negras velhas", por terem tido uma influência na formação das crianças filhas dos senhores, teriam "amolecido" a linguagem mais rígida que os jesuítas tentaram introduzir. O que resultou numa disparidade entre a língua escrita e falada, como as expressões *nhô nhô, nhá nhá*, e seus diminutivos.

O livro *Reinações de Narizinho* já nos mostra de que forma seria constituída a relação entre Tia Nastácia e os outros habitantes da casa durante quase toda a série. No episódio em que Emília ganha voz por causa das pílulas falantes do Doutor Caramujo, Dona Benta chama a "criada" para prestigiar o grande acontecimento, e espantoso para todos, como podemos notar na seguinte passagem:

> – *Corra, Nastácia*! Venha ver este fenômeno...
>
> A *negra* apareceu na sala, *enxugando as mãos no avental*.
>
> – Que é, Sinhá? – perguntou.
>
> – A boneca de Narizinho está falando!...
>
> A *boa negra* deu uma risada gostosa, com a *beiçaria* inteira.
>
> – Impossível, Sinhá! Isso é coisa que nunca se viu. Narizinho está mangando com mecê.
>
> – Mangando seu nariz! – gritou Emília furiosa. Falo, sim, e hei de falar. Eu não falava porque era muda, mas o Doutor cara-de-coruja me deu uma bolinha de barriga de sapo e eu enguli e fiquei falando e hei de falar a vida inteira, sabe?
>
> A *negra* abriu a maior boca do mundo.
>
> – E fala mesmo Sinhá!...exclamou no auge do assombro. Fala que nem uma gente! Credo! O mundo está perdido...
>
> E encostou-se à parede para não cair. (Lobato, 1959d, p.35-6, grifos nossos)

Notamos no início da citação que Tia Nastácia surgiu da cozinha – espaço que pertencerá a essa personagem de forma exclusiva – obedecendo ao chamado imperativo, de Dona Benta – e foi para a sala. Tia Nastácia possui um figurino próprio que é descrito algumas vezes na narrativa, o avental, que é sua indumentária básica e que simboliza a sua função de cozinheira e criada da família. Além disso, seu pertencimento étnico é afirmado o tempo todo pelas outras personagens, o vocábulo *preta* é usado com frequência na sua forma adjetiva para caracterizar sua atuação, o que talvez pudesse sugerir uma condição diferenciada das demais "pessoas", demonstrando ser estranha à cultura dominante branca.

Tia Nastácia mostra na narrativa uma idade avançada. Numa passagem do livro em que se esforça para arrancar um ferrão de abelha da língua de Narizinho, sente muito, por "já ter vista fraca", como consequência da idade.

Diferentemente de Dona Benta, não possui herdeiros, o que torna sua relação com os outros habitantes mais próxima. Essa relação intima é que fez que Tia Nastácia fizesse uma boneca de pano para Narizinho com um dos seus retalhos que ela mesma julgara "ordinário". Como ela mesma diz, se imaginasse que Emília pudesse tornar-se uma menina real, a teria feito com pedaços de seda ou, pelo menos, com um retalho do melhor vestido de Dona Benta, aquele de ir à missa: "Pois onde é que já se viu uma coisa assim, Sinhá, uma boneca de pano, que eu mesma fiz com estas *pobres mãos*, e de um paninho tão ordinário, falando, Sinhá, falando que nem uma gente!.. Qual, ou nós estamos caducando ou o mundo está perdido" (Lobato, 1959d, p.39, grifos nossos).

Tia Nastácia admirara o resultado de sua própria criação, pois não imaginava que das suas "pobres mãos" e dos restos de seus retalhos saísse algo tão inusitado. Nesse livro percebemos que o mundo adulto está separado do "mundo infantil", a tal ponto de Dona Benta e Tia Nastácia se admirarem a cada momento das novidades das crianças. Tia Nastácia, diferentemente de Dona Benta, sempre aposta que as reinações de Narizinho, Pedrinho e Emília são resultados de alguma feitiçaria, o que lhe confere uma mentalidade

religiosa ou mítica e, no mínimo, incapaz de acompanhar o tempo das crianças, ao contrário da patroa, que sempre aposta na criatividade infantil como resultado dessas travessuras.

No dia em que Emília pescou uma traíra no riacho, Narizinho entra na sala e conta para a avó:

> – Vovó – gritou ela ao entrar – adivinhe quem pescou esta trairinha...
>
> – Dona Benta olhou e disse:
>
> – Ora, quem mais! Você minha filha.
>
> – Errou!
>
> – Tia Nastácia, então.
>
> – Qual Nastácia, nada!...
>
> – Então foi o saci – caçoou Dona Benta.
>
> – Vovó não advinha! Pois foi a Emília...
>
> – Está bobeando sua avó, minha filha?
>
> – Juro! Palavra de deus que foi Emília. Pergunte a Tia Nastácia se quiser.
>
> – A preta vinha entrando com a trouxa de roupa lavada à cabeça.
>
> – Não foi mesmo, Tia Nastácia? Não foi a Emília quem pescou a trairinha?
>
> – Foi, sim, Sinhá – respondeu a preta dirigindo-se para Dona Benta. Foi a boneca. Sinhá não imagina que menina reinadeira é essa! Arranjou jeito de botar a boneca pescando na beira do rio e o caso é que o peixe tá aí...
>
> Dona Benta abriu a boca.
>
> – Bem diz o ditado, que quanto mais se vive mais se aprende. Estou com mais de sessenta anos e todos os dias aprendo coisas novas com minha neta de chifre furado...
>
> – Criança de hoje, Sinhá, já nasce sabendo. No meu tempo, menina assim desse porte andava no braço de uma ama, de chupeta na boca. Hoje!... Credo! Nem é bom falar...
>
> E com a menina dançando a sua frente, Tia Nastácia lá foi para a cozinha fritar a traíra. (ibidem, p.48)

Tia Nastácia admira-se com as coisas que as crianças são capazes de fazer e relembra do seu tempo de criança e compara com Narizinho que, cada vez mais, era independente e criava coisas inimagináveis para o seu tamanho. A cozinheira não consegue acompanhar as novidades, estava acostumada com a postura dependente da criança que ficava aos cuidados da ama de leite. Já Dona Benta afirma continuar seu aprendizado, mesmo depois de velha.

Aqui podemos inferir que Dona Benta é capacitada para aderir às novas formas de comportamento que as crianças passam a ter, especialmente após a construção de uma forma de vida mais próxima daquela burguesa, em razão da industrialização e da urbanização crescentes na sociedade brasileira do momento que Lobato escreve. E o autor, ao tornar esse dado do real em literatura, também incorpora em seu projeto a ideia de que a modernização só traria benefícios à população em geral, incluindo os trabalhadores braçais que, como percebemos no Capítulo 1, que trata da abertura dos poços de petróleo e de uma consequente industrialização, teriam maior facilidades para o trabalho. É o caso de Tia Nastácia, pois certas benesses também foram trazidas para a sua cozinha, diminuindo seu esforço físico. A geladeira e o fogão a gás foram as novidades inicialmente estranhadas por ela, mas aos poucos, percebendo suas utilidades e familiarizando-se com o seu manuseio, essas acabaram sendo bem-vindas, chegando até a afirmar que uma criatura com todos essas "regalias" poderia ficar até "vadia".

As atitudes das crianças antes vistas como "reinações" e "loucuras" pela criada, aos poucos, portanto, no desenvolvimento do enredo da série, vão passando a ser consideradas como boas ideias necessárias a todos.

É possível perceber que uma nova ideia de infância estava em surgimento, o que significa que a convivência entre adultos e crianças também se altera: se antes Tia Nastácia possuía uma visão de infância ligada ao modelo patriarcal, as crianças demonstram por meio de suas ações que a independência e a criatividade eram novas formas de conduta resultantes do novo modelo de sociedade que emergia.

O lugar da ciência e do conhecimento popular na nação moderna

Nos livros selecionados para nossa análise, a posição de Tia Nastácia no que se refere ao conhecimento, de maneira genérica, é caracterizada pela narrativa como pertencente à cultura popular, ao senso comum. Em *Reinações*, num dos sonhos de Narizinho, que se passara no *Reino das Águas Claras*, Emília perdera parte da macela (material que servia como preenchimento para dar corpo à boneca) que sustentava suas pernas. Narizinho, muito preocupada, pede ao Doutor Caramujo que lhe consulte e assiste ao fornecimento do seguinte diagnóstico:

> É grave! – exclamou. A Senhora Condessa está sofrendo de anemia macelar no pernil barrigoide esquerdo. Caso muito sério.
>
> – E que receita, Doutor? Pílula de sapo outra vez? – indagou a menina.
>
> – Esta doença – explicou o grande médico – só pode sarar com um regime de superalimentação local.
>
> – Alimentação macelar – eu sei – disse a menina rindo-se da ciência do Doutor. Tia Nastácia sabe aplicar esse remédio muito bem. Em dois minutos, com um bocado de macela e uma agulha com linha, ela cura Emília para o resto da vida.
>
> – Tia Nastácia! – exclamou o médico escandalizado. Com certeza é alguma curandeira vulgar! Macela! Alguma mezinha vulgar também! Oh, santa ignorância! Admira-me ver uma princesa tão ilustre desprezar assim a ciência de um verdadeiro discípulo de Hipócrates a entregar a Condessa aos cuidados duma reles curandeira!...
>
> – Reles curandeira? – exclamou a menina indignada. Chama então Nastácia de reles curandeira? Se tem algum amor à casca, retire-se, senhor cascudo, antes que eu faça o que fiz a tal Dona Carochinha. Reles curandeira! Já viu Emília, um desaforo maior? (Lobato, 1959d, p.66)

Nesse trecho notamos a defesa por parte da menina dos conhecimentos e curas caseiras de Tia Nastácia, vista pelo "médico" como uma "curandeira vulgar". Esse se admira com o fato de Narizinho, menina inteligente e esperta, acreditar nos conhecimentos não científicos. A menina se ofende ao ouvir a crítica que o médico faz a alguém que a "carregou no colo quando pequena", o que mostra a intimidade existente entre as duas partes, diferentemente do que ocorre em outros episódios onde Tia Nastácia é mais culpada pela sua "ignorância" do que defendida.

Esse sentimento benevolente de Narizinho em relação a Tia Nastácia também se modifica ao longo do enredo, como podemos perceber no momento em que Dona Benta pede à cozinheira para matar o porco Rabicó, o preferido da menina, com a intenção de prepará-lo como prato principal no jantar de aniversário de Pedrinho:

> Amanhã, dia dos anos de Pedrinho, temos de dar um jantaresco melhor. Há ainda algum leitão pronto?
>
> – Só Rabicó, Sinhá, mas esse Narizinho não quer que mate. É o ai Jesus dela.
>
> – Sim, mas você dá um jeito. Mata escondido, sabe? E piscou para a negra. As duas velhas eram danadas para se entenderem.
>
> A menina, entretanto, ouvira a conversa e fora correndo em procura do leitãozinho. Encontrou-o no pasto, fossando a terra – ron, ron, ron. Agarrou-o ao colo e disse ao ouvido:
>
> – Vovó deu ordem a Tia Nastácia para assassinar você amanhã. Mas eu não deixo, ouviu? Vou escondê-lo, bem escondido, num lugar que só eu sei, até que o perigo passe. (ibidem, p.82)

Dessa vez Rabicó escapara de ir ao forno conduzido por Tia Nastácia. Porém, no jantar de Ano Bom, ele era esperado para compor a mesa como prato principal, mas sumira na véspera e, na ausência desse, Tia Nastácia encontrara outro leitão para substituí-lo. Narizinho, ao ver na mesa um leitão assado e pronto para ser comido, pensando ser Rabicó, exclama furiosa:

> Não coma esse leitão, Pedrinho! É Rabicó! *Aquela diaba feia* nos enganou e assou ao forno o coitadinho...
>
> O menino, apesar de duro para chorar, ficou com os olhos cheios d'água, e ergueu-se da mesa furioso com a *preta*. (ibidem, p.95, grifos nossos)

Nesses episódios do livro, podemos notar que o sentimento das personagens em relação a Tia Nastácia é carregado de ambiguidades. Ora é defendida, quando Narizinho "entra" no mundo da fantasia e do sonho, *lugar* nunca frequentado por Tia Nastácia – pois como essa mesma diz, são loucuras de criança –, ora é atacada por ter supostamente matado o porco de estimação, o que desencadeia uma relação de mando também entre as crianças e a cozinheira. Narizinho afirma coisas que jamais afirmaria para a avó, pois obedece à hierarquia interna existente. A avó regulamenta suas *Reinações,* conferindo-lhe confiança e credibilidade, já Tia Nastácia, que duvida de tudo que ela apronta, não vê mal algum em matar um porco comum como os outros.

O problema é que, para a menina, o porco participa de suas fantasias. Portanto, apesar de Tia Nastácia ser defendida dos perigos externos e mágicos, ela é, ao mesmo tempo, destratada pela menina, no momento em que bem entende. Essa ambiguidade na forma de tratamento em relação à criada não resulta em nenhuma espécie de conflitos, pois procura estabelecer uma harmonia entre as diferentes partes que compõem o cenário do sítio.

Mas não se pode negar que a narrativa também oferece voz a Tia Nastácia, que expressa sua opinião sobre quase todos os fatos, como no episódio em que a turma do *Reino das Águas Claras* aparece no sítio de surpresa, para o espanto das duas senhoras:

> Nisto ouviu-se um rumor lá fora, seguido de batida na porta – uma batidinha muito delicada, *tique, tique, tique*...
>
> – Quem será? – exclamou Dona Benta estranhando aquele modo de bater. E gritou para a cozinha: "Nastácia, venha ver quem bate".

> A negra apareceu, de colher de pau na mão. Foi abrir, mas de acordo com seu costume espiou primeiro pelo buraco da fechadura. Espiou e ficou assombrada.
>
> – Que é filha de Deus? – Perguntou Dona Benta inquieta.
>
> – Credo! – exclamou a preta. O mundo está perdido, Sinhá!...
>
> – Mas que é, rapariga? Desembuche...
>
> – É uma bicharia, que não acaba mais, Sinhá! O terreiro está "assim" de peixe, de concha, de caranguejo, de quanto bichinho esquisito há lá no mar. Até nem sei se estou acordada ou dormindo...e beliscou-se para ver [...]
>
> – Eles são todos muito boa gente – continuou a menina. Vão passar aqui a tarde e garanto que não desarrumam coisa nenhuma. Vovó pode ficar descansada [...].
>
> – Não deixe, Sinhá! – interveio a preta. Não abra a porta. É tanto bicho esquisito que até estou tremendo de medo.
>
> Narizinho deu uma risada.
>
> – Eles não mordem, *boba*! São criaturinhas *civilizadas e de muito boa educação.*
>
> A preta não se convenceu. (ibidem, p.125, grifos nossos)

Mesmo assim, os "amigos" de Narizinho entraram na casa e logo as desconfianças e o medo de Tia Nastácia desapareceram, a tal ponto que acaba amiga de Miss Sardine, uma sardinha nascida nos mares canadenses que, "como boa norte-americana, Miss Sardine mostrava-se muito segura de si".

Aqui a narrativa demonstra que a admiração de Monteiro Lobato pelos Estados Unidos chega ao mundo mágico e fantástico criado a partir das Reinações de Narizinho. A sardinha vai até a cozinha de Tia Nastácia e fica perguntando – "com curiosidade de mulher velha" – sobre a utilidade dos instrumentos, como o fogão, o fogo, a panela etc. Tia Nastácia responde a todas as perguntas com sabedoria de mulher velha e com muita paciência, demonstrando muito conhecimento sobre o assunto.

Sobre esse aspecto, talvez pudéssemos intuir que Lobato estivesse tentando relacionar e aproximar as particularidades culturais

entre Brasil e Estados Unidos. Tia Nastácia representaria a legítima culinária nacional, pois prepara pratos admirados e saboreados por todos. Na posição de nacionalidade privilegiada, enfatizada pela narrativa, a presença da sardinha norte-americana poderia ser lida na história como uma propagadora das nossas particularidades culturais em "outros mares". Assim, percebemos que, enquanto os outros moradores do sítio apresentam aos demais convidados outras partes da propriedade, Tia Nastácia apresenta *o lugar* no qual o narrador lhe confere maior intimidade, podendo se expressar sobre os assuntos culinários, ambiente que efetivamente domina.

A conversa com a sardinha foi interrompida no momento em que Dona Benta pede a ela que venha até o galinheiro pegar o "pinto sura" para o Doutor Caramujo examinar. Esse oferece ao pinto uma de suas pílulas que serviam para qualquer doença:

> A pílula foi colocada dentro do canudinho e o canudinho foi enfiado dentro de uma garganta do pinto.
>
> – Preciso agora duma pessoa que assopre. Se não houver pessoa assopradeira, um fole serve.
>
> Assopre, Nastácia! – mandou Dona Benta.
>
> Tia Nastácia agachou-se, pôs a boca na ponta do canudinho e ia assoprar quando deu um berro, erguendo-se a tossir como uma desesperada.
>
> – Que aconteceu, Nastácia?
>
> A resposta foi uma careta de quem está engasgando com alguma coisa amarga. Depois falou.
>
> – Aconteceu Sinhá, que o pinto assoprou primeiro e quem enguliu a pílula fui eu!...
>
> Dona Benta não pode deixar de rir-se; a negra, porém, não achou graça nenhuma, e até se mostrou apreensiva, com medo de que a pílula lhe fizesse mal.
>
> – Não fará mal nenhum – asseverou o Doutor Caramujo. Até pode curar alguma moléstia que a senhora tenha lá por dentro sem saber.
>
> E assim foi. Tia Nastácia sarou duma célebre "tosse de cachorro" que a vinha perseguindo havia duas semanas, e tanta fé passou a ter

> nas pílulas do Doutor Caramujo, que as receitava para todo mundo. Até para o Chico Orelha, um pobre sem orelhas que por lá aparecia às vezes a pedir esmolas.
>
> – Tome uma dúzia, Seu Chico, que lhe nasce um par de orelhas novas ainda mais bonitas que as que lhe cortaram. (ibidem, p.132)

Aqui Tia Nastácia, a quem o Doutor Caramujo havia denominado reles curandeira, engole a pílula confeccionada sob as bases científicas e ainda a indica para Chico Orelha; portanto, passa a divulgar e acreditar na ciência do médico a partir da sua empiria, colocando o saber científico na posição principal na narrativa. O saber popular de Tia Nastácia a partir do contato com a medicina do Doutor Caramujo passa a incorporar os elementos da ciência, se antes ela temia por acreditar que um comprimido engolido por acidente lhe fizesse mal, a partir do momento em que cura sua tosse, passa a não temer mais os medicamentos; portanto, o conhecimento científico do "médico" toma o lugar de protagonista em relação à saúde da população do sítio e, desse modo, percebemos o triunfo da ciência sobre o curandeirismo caseiro.

Realidade, magia e a manutenção dos papéis sociais das personagens na nação

No primeiro livro de Lobato destinado às crianças notamos a convivência entre personagens mágicas de contos tradicionais europeus e as "personagens reais" criadas por ele. Nessa relação entre realidade e magia, os papéis continuam definidos da forma como ocorre no cotidiano. De acordo com Maria Cristina Soares de Gouvêa (2001, p.14), essa situação marcou a literatura infantil a partir da década de 1920 no Brasil:

> Por um lado, escrever ao leitor infantil era situar a narrativa para além dos tempos e espaços reais, opondo-se à realidade cotidiana a construção de universos paralelos, onde animais assumem

> características humanas, figuras se transformam, rompem-se o tempo e o espaço real, criam-se mundos onde as possibilidades são definidas pela imaginação do autor. Ao mesmo tempo, significou recorrer a histórias da tradição oral europeia, indígena e africana como matrizes das narrativas dirigidas à criança.

Num dos capítulos do livro, Gato Félix aparece no sítio e todos pedem para conhecer suas aventuras, porém como os ouvintes não gostaram muito de suas histórias – que consideram sempre exageradas e mentirosas –, decidem que a partir daquele momento todos teriam chance de narrar alguma aventura diferente.

Emília contou uma história que todos gostaram e, por isso, o gato mostrou-se muito enciumado e desmerecido: "Emília deu um balanço na rede e murmurou: – A inveja matou Caim... O gato mordeu os lábios e replicou com ar de desprezo: – Era só o que faltava, o célebre Gato Félix ter inveja duma boneca de pano feita por uma negra velha..." (ibidem, p.160).

Dessa forma, percebemos que também as personagens mágicas criticavam Tia Nastácia desmerecendo suas criações – mostrando que suas verdadeira arte e sabedoria estavam restritas aos saberes domésticos, sempre elogiados. Essa opinião do Gato Félix não deixa de coincidir muitas vezes com a opinião geral dos demais "moradores" do sítio. À primeira vista, Emília se mostra superior ao Gato, entretanto, por ser uma herança da arte popular, é criticada e ridicularizada por muitos em algumas situações. É como se a nossa arte genuína estivesse consolidada numa base tradicional e ultrapassada mas, simultaneamente a essa criatividade colonial, estava plantada uma crítica a essa arte, feita de restos e sem a capacidade criadora dos grandes artistas.

Emília não tinha as características físicas de uma grande princesa ou fada – talvez o aspecto mais espantoso para o Gato Félix –, mas tinha a esperteza e a inteligência muito superior a essas, pois nas histórias da boneca não existe o final "*foram felizes para sempre*", mas sim o questionamento sobre a realidade imediata do Sítio/Brasil.

As invenções de Tia Nastácia seguem no enredo desse livro como indignas de crédito pelas personagens iniciadas na arte erudita, como podemos notar no episódio que envolve também uma personagem externa à narrativa, desta vez o Pinnocchio. Dona Benta, em *Reinações*, como em quase todos os livros infantis de Lobato, é a contadora oficial de histórias para os netos, que gostam da forma como ela narra, pois traduz as palavras para a linguagem infantil, deixando-as mais didáticas. Certo dia, narrou para todos a história do Pinocchio, o que deixou em Emília a vontade de fazer o irmão do Pinocchio brasileiro. Essa ideia da boneca foi admirada por todos, incluindo Pedrinho, que queria muito encontrar um "pau-vivente" no sítio para montar o boneco. O menino, imaginando tê-lo encontrado, organizou um concurso para eleger o desenho mais interessante.

> Durante meia hora ninguém naquela casa cuidou de outra coisa senão de desenhar. Prontos que foram os seis desenhos, Pedrinho os pregou na parede para serem julgados. Que exposição mais engraçada! O desenho de Tia Nastácia não tinha forma de gente, parecia um coisa-ruim de carvão, tão feio que todos riram. O de Narizinho era bastante jeitoso, mas tinha o defeito de ser parecido demais com o Pinocchio. "Foi de propósito – explicou a menina. Fiz um irmão gêmeo". O de Dona Benta parecia um judas, no sábado de aleluia. O de Pedrinho saiu um retrato de um menino opilado que às vezes aparecia no sítio, acompanhando sua avó, Nhá Veva Papuda. O do Visconde saiu tão científico que não se entendia. Era cheio de triângulos copiados da geometria e tinha no nariz um X de Álgebra. O de Emília era um embrulho. Emília quis botar no boneco tanta coisa que virou uma trapalhada. (ibidem, p.198)

O desenho de Tia Nastácia, mesmo sendo considerado um coisa-ruim, foi o desenho vencedor do sorteio, apesar de Emília tentar enganar a todos para que o dela saísse vencedor:

> Foi um desapontamento geral. Ninguém esperou que a sorte fosse tão burra de escolher justamente a autora do desenho mais feio. Mas a sorte é a sorte, o que ela decide está decidido e ninguém pode mais reclamar. Em vista disso, a negra ficou encarregada de dar forma humana ao pedaço de pau vivente, pondo assim ao mundo o irmão de Pinocchio. (ibidem, p.200)

Emília sentiu-se injustiçada e furiosa com o sorteio e com a atitude de Tia Nastácia, que a condenou por ter tentado sabotar o concurso aconselhando Dona Benta a dar-lhe uma surra. A boneca arruma suas coisas para ir embora, levando apenas os presentes dados por Narizinho e deixando os que havia ganhado de Tia Nastácia jogados no chão. A boneca se lamenta sozinha: "– Não é à toa que ela é preta como carvão. – Mentira de Narizinho! Essa negra não é fada nenhuma, nem nunca foi branca. Nasceu preta e ainda mais preta há de morrer" (ibidem, p.200).

Emília se sente muito ofendida e só faz as pazes com Tia Nastácia, que se arrependeu de ameaçá-la com palmadas, depois de ela ter lhe dado o alfinete cobiçado pela boneca a vida inteira. Quanto ao boneco confeccionado por Tia Nastácia, todos acharam muito feio e desajeitado, Pedrinho chegou a afirmar: "– Que vergonha, Tia Nastácia! Você fez um monstro que não pode ser mostrado a ninguém. Desmoraliza a família" (ibidem, p.202).

Desse modo, a criação do irmão de Pinocchio feita por Tia Nastácia deixou todos insatisfeitos, pois a referência que ela tinha sobre seus bonecos era aquela, feita de restos artesanais, assim como Emília e Visconde que, como ela mesma dissera, eram feitos de um material ordinário, do qual o novo boneco também não escapara. De acordo com Walter Benjamin (2002), um desenho é capaz de ilustrar a atividade cotidiana de quem o faz e o que caracteriza sua autenticidade é tudo aquilo que contém e é originalmente transmissível, desde a sua duração material até o seu poder de testemunho histórico. Assim, a única maneira de Tia Nastácia testemunhar sua história é por meio de suas criações vistas por todos como bizarras. A criada desenhou o irmão do Pinocchio na cor negra e pintado

com carvão, talvez sua única ferramenta disponível, e também quem sabe por se autorreconhecer e transmitir para sua arte o seu pertencimento étnico.

Talvez a única "criação", além da culinária, importante e reconhecida pelas "personagens reais" do sítio realizada por Tia Nastácia fosse justamente a boneca Emília, mas como ela mesma reconhece, essa fugiu do seu controle depois que o "pano gerou a carne", fazendo dela a mais atropeladeira das pessoas. De certo modo, Emília é o vínculo mais forte que a criada pode ter, mas é ao mesmo tempo a mais livre de todas as personagens.

Em outras partes do livro, notamos com maior clareza que o restante dos personagens tenta explicar o fato de a criada ser negra, o que não era compreendido pelas criaturas mágicas que apareciam com frequência no sítio de Dona Benta, sempre convidadas pela imaginação criativa das crianças.

Numa certa ocasião, quando o Patinho Feio viera, Emília o advertiu dos supostos perigos que deveria se precaver e chamara sua atenção sobre a índole de Tia Nastácia: "não saia daqui, não vá à cozinha, ouviu? Lá mora *uma fada preta* que não tem nem piedade de frangos nem de patinhos. Pega os coitados e vai logo lhes torcendo o pescoço sabe para quê? Para assá-los no forno, imagine!..." (ibidem, p.179, grifos nossos).

As crianças passam essa imagem de Tia Nastácia como perversa em relação aos animais; entretanto, quando ela prepara os pratos maravilhosos e organiza a mesa para as refeições, todos da casa a enaltecem.

A narrativa segue sempre desautorizando Tia Nastácia para os convidados mágicos. Na sala onde se reuniram Narizinho, Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, entre outros, ouvimos o seguinte diálogo:

> As senhoras princesas e senhores príncipes – disse Narizinho, estão convidados para tomarem um café.
>
> E voltando-se para a cozinha:
>
> – Tia Nastácia! Traga um café bem gostoso para estes amigos.

Quando Tia Nastácia entrou na sala com a bandeja de café seus olhos se arregalaram de espanto.

– Credo! – exclamou. Não sei onde Narizinho descobre tanta gente importante e *tanta princesa tão linda*! A sala está que parece um céu aberto...

– Quem é ela? – perguntou Branca de Neve ao ouvido da boneca enquanto a negra servia café.

– Pois não sabe? – respondeu Emília com carinha malandra. Nastácia é uma princesa núbia que *certa fada virou em cozinheira*. Quando aparecer um certo anel, que está na barriga dum peixe, virará princesa outra vez. Quem vai danar com isso é Dona Benta, que nunca achará melhor cozinheira. [...]

Todos tomaram café, menos Cinderela.

– Só tomo leite – explicou a linda Princesa. Tenho medo de que o café me deixe morena.

– Faz muito bem – disse Emília. Foi de tanto tomar café que tia Nastácia ficou preta assim. (ibidem, p.182-3, grifos nossos)

Nessa passagem está circunscrita a visão que as personagens mágicas possuem sobre Tia Nastácia, alguém exótica demais para os contos de fadas europeus. Essa visão está pautada pelo estereótipo, pois Tia Nastácia só poderia ser aceita mediante uma explicação do motivo da sua cor, já que nos contos de fada a presença de negros era quase inexistente e, nas histórias do sítio, o negro aparecia associado aos trabalhos braçais.

A mesma situação se repetiu no momento em que um circo havia chegado aos arredores do Sítio, todos se animaram para ver o espetáculo e aguardavam ansiosamente, menos Tia Nastácia que, conforme Pedrinho, não sabia se vinha assistir, pois "está com vergonha, coitada, por ser preta". Narizinho, achando aquela explicação muito boba, dirigiu-se ao público justificando a demora das duas senhoras, Dona Benta e Tia Nastácia:

Afinal as duas velhas apareceram – Dona Benta no vestido de gorgorão, e Nastácia num que Dona Benta lhe havia emprestado.

> Narizinho achou conveniente fazer a apresentação de ambas por haver ali muita gente que as desconhecia. Trepou em uma cadeira e disse:
>
> – Respeitável público, tenho a honra de apresentar vovó, Dona Benta de Oliveira, sobrinha do famoso Cônego Agapito Encerrabodes de Oliveira, que já morreu. Também apresento a Princesa Anastácia. *Não reparem por ser preta. É preta só por fora*, e não de nascença. Foi uma fada que um dia a pretejou, condenando-a a ficar assim até que encontre um certo anel na barriga de um certo peixe. Então o encanto se quebrará e ela virará *uma linda princesa loura*. (ibidem, p.234, grifos nossos)

Por esse trecho percebemos a diferença de Dona Benta, sobrinha de algum "figurão" que provavelmente gozava de distinção social, e que é apresentada ao público sem embaraço pela menina. Já Tia Nastácia é apresentada ironicamente como uma princesa que, apesar de ser "preta por fora" – o que lhe causava vergonha –, era branca por dentro, pois estava sob os encantos de uma fada.

Quem sabe não pudéssemos indagar por meio desses trechos que a narrativa – ao internalizar as tendências e ideias do momento, ligadas às discussões sobre nossa formação populacional – estivesse propondo uma população futura formada apenas por brancos? Já que a única personagem negra da história estava negra, mas internamente era branca.

Essas passagens do livro citadas, ao assumir o disfarce da brincadeira, ou da piada, podem conduzir o leitor a interpretar de modo mais ameno a forma como Tia Nastácia foi inserida no universo da cultura do Sítio/Brasil. Mas, enfrentando mais a fundo a matéria sob a qual a narrativa foi composta, percebemos que a presença de uma negra no universo das fadas era tão inimaginável que merecia uma explicação. A única encontrada por Emília e Narizinho era que Tia Nastácia não *era* negra, mas *estava* negra por conta da maldade de uma fada. Radicalizando o assunto, o ser negro seria resultado de algo ruim e que também por meio da mágica deveria ser superado.

Sobre os estereótipos, recorremos à análise de Giralda Seyferth (1995) que afirma que a brincadeira ou a piada pode ser encarada

como instrumento de discriminação, especialmente quando situa o discriminado fora da humanidade e da civilização, não reconhecendo sua condição de pessoa, remetendo a estereótipos que evocam marginalidade e comportamentos sociais. Nesse sentido, a autora afirma:

> Objetivamente, não existe grande diferença entre os pressupostos contidos nas anedotas e aqueles que levaram eminentes cientistas e pensadores do início do século a imaginar uma sofisticada teoria de branqueamento: em ambos os casos está presente a crença na inferioridade racial dos que não são brancos. Aliás, existe uma diferença: os que se exprimem através de anedotas e estereótipos consagrados sempre podem pedir desculpas e passar o estigma como brincadeira. (Seyferth, 1995, p.200)

Consequentemente, a narrativa procura amenizar, por meio da anedota, a participação de uma "pessoa" negra nas histórias de fadas e princesas, preponderantemente compostas por brancas. Tia Nastácia aparece na sala para servir e Emília, acostumada com as brincadeiras mentirosas, encontra uma solução bem humorada para "explicar a cor" da criada, já que o padrão de normalidade aceito pelas personagens mágicas não incluía os negros.

Assim como no sítio de Lobato parece não haver lugar para as personagens negras, também no debate acerca do futuro da nação, que inquietava a *intelligentsia* brasileira, a população negra era um problema criado pelo pós-abolição e pela República. Nesse contexto, conforme Lilia Schwarcz (1998), a elite e intelectuais brasileiros atribuíam o atraso do país à sua composição racial e essa consciência resultou num projeto de "branqueamento", visível nas políticas e na legislação relativas à imigração.

Segundo a autora, diversos segmentos da sociedade, como antropólogos, pintores e cientistas, previam um futuro branco para o país. Essa ideia pode ser ilustrada, por exemplo, pelo evento que em 1929 foi organizado pelo antropólogo Roquete Pinto, o I Congresso Brasileiro de Eugenia, quando o antropólogo divulga sua estimativa

de que em 2012 a composição étnica brasileira seria 80% de brancos e 20% dos outros segmentos.

Dessa forma, os dirigentes evitaram a discussão e o enfrentamento da questão do preconceito no Brasil, pois priorizaram uma política imigratória europeia no final do século XIX e início do XX. Note-se que o futuro da nova República teria uma formação branca e europeia e, se fizermos uma comparação com o texto lobatiano citado, o que no contexto social era planejado por meio da ciência e políticas migratórias, na sua literatura, a solução para o mesmo "problema" era dada pelo reino da fantasia.

Tia Nastácia e a modernização do país

Na obra *O poço do Visconde*, a relação entre Tia Nastácia e as outras personagens permanece pautada pela distância cultural existente entre as partes. Note-se que esse livro é escrito cinco anos depois de *Reinações de Narizinho* e é destinado às muitas realizações das crianças no plano econômico e social. Tentaremos indicar como a personagem de Tia Nastácia participa desse processo de modernização do sítio.

Como já afirmamos antes, é nesse livro que se inicia o processo de exploração de petróleo no *Sítio do Pica-pau Amarelo*, uma ideia das crianças. Visconde foi eleito o professor de Geologia e também Tia Nastácia fora autorizada a participar das aulas, mas não conseguira acompanhar as digressões científicas do Sabugo:

> Todos concordaram que a lição do visconde fora boa, exceto tia Nastácia. A negra dormira o tempo inteiro. E quando Narizinho a censurou por causa disso, respondeu com a maior sinceridade:
>
> – Pra que ouvir, menina? *Não entendo nada mesmo*... (Lobato, 1950, p.18, grifos nossos)

Esse suposto desinteresse de Tia Nastácia é atestado o tempo todo pelas personagens, que parecem enfocar a sua condição de criada, naturalizada na narrativa e, além disso, tida como uma vocação.

Mas nesse livro também poderíamos enfocar uma mudança na forma como a população negra passou a ser encarada. Se em momentos antes, como abordamos na seção anterior, existia uma ideia da política de branqueamento, após uma releitura da nossa formação populacional, feita especialmente por Gilberto Freyre, o precursor de muitas análises sobre o negro no Brasil, esse segmento da população passou a ser encarado como divulgador de cultura, como no caso da culinária, da religião e da dança. Entretanto, como afirmaram muitos estudiosos da obra desse pensador, como Moema Selma D'Andréa (1992), essas contribuições assumiram a forma de folclore, até mesmo o analfabetismo dessa população que, segundo o pensador, seria mantido como patrimônio interessante da nação. Não é à toa que Gilberto Freyre se debruça sobre os estudos que envolviam a linguagem das mucamas, que popularizaram uma maneira coloquial da forma linguística de seus senhores, divulgando diminutivos e formas mais adocicadas de pronúncia das palavras ouvidas durante a convivência próxima e permanente. Semelhante era a convivência de Tia Nastácia com os outros habitantes letrados do sítio.

Em outra passagem desse livro, percebemos que o pensamento de Tia Nastácia se restringia às exigências da sua profissão, onde mais uma vez se afirmam sua verdadeira vocação:

> Depois, voltando-se para Tia Nastácia, que cochilara o tempo inteiro:
>
> – Que tal está achando a geologia do Visconde? Perguntou.
>
> Tia Nastácia abriu uma enormíssima boca vermelha e respondeu bocejando:
>
> – Ele só fala em peixe podre, sinhá. Peixe há de ser fresquinho. Quanto mais fresco melhor. E se vem ainda vivo, como aquele surubi que o coronel Teodorico mandou outro dia, então ainda melhor... (ibidem, p.30)

Nesse livro, Tia Nastácia continua demonstrando sua importância para o restante dos habitantes quando o assunto envolvia seus

pratos, momento em que desistiam dos conhecimentos científicos de Visconde para se deliciarem com os lanches da criada: "Estavam da pontinha as pipocas de tia Nastácia, de modo que todos se atiraram à peneira, concordando lá por dentro que se o Visconde era um sábio interessante, tia Nastácia era interessantíssima quando o arrolhava com pipocas" (ibidem, p.71). Dessa forma, a sua verdadeira sabedoria era aquela que dizia respeito ao seu conhecimento alimentar, que sustentava e mantinha em pé e forte a futura geração.

Conforme as mudanças se processavam no sítio rumo à abertura dos poços, todo um aparato técnico fora montado para dar início às obras, o que deixava Tia Nastácia abismada com tamanha novidade e mudança:

> Nossa Senhora! Exclamou Tia Nastácia ao ver a torre de perto. Quanto ferro! Neste andar seu Pedrinho muda o "semblante" do sítio, sinhá. A coisa já está ficando que a gente não conhece mais nada. Virando uma cidadinha estrangeira, com essas caras de operários e o "bangalão" do Mister. E as caras? Tudo esquisito. Aquele ali, vermelho como um presunto. Aquele lá, de cabelo igualzinho cabelo de milho novo. Credo! [...].
>
> Um verdadeiro movimento de mão de pilão que sobe e desce sem parar, fazendo *pum-pam, pum-pam, pum-pam*... O barulho de *pum* era a subida do trepano; o barulho de *pam* era a descida, com o choque na rocha. Só se ouvia esse barulho e só se via o pedaço de haste que ficava para fora do poço, a subir e a descer na extremidade do cabo.
>
> Quando Narizinho explicou a Tia Nastácia o que era aquilo, a negra fez cara triste.
>
> – Tenho dó das minhocas, disse ela. Esses malvados estão massetando as coitadinhas...
>
> – Boba! Lá na profundidade em que o trepano está não existem mais minhocas – só rochas.
>
> *– Credo! Murmurou a negra, que não sabia o que era rocha.* (ibidem, p.123-4, grifos nossos)

Narizinho se solidariza com a ignorância de Tia Nastácia, explica-lhe os segredos da máquina nunca vista e nem imaginada antes por ela; portanto, seu acesso aos conhecimentos técnicos só se realiza mediante a benevolência da menina educada. Percebemos que Tia Nastácia não participa desse processo de modernização de forma ativa, sua visão sobre as mudanças ocorridas na Vila do Tucano Amarelo é a de alguém privada dos conhecimentos necessários para a aceitação da nova ordem racional que se tentava instaurar no sítio que até então era apegado às tradições.

O conhecimento técnico e a aspiração pela modernização, como podemos notar por meio da narrativa, são aspectos que aparecem vinculados aos proprietários do sítio, Dona Benta e seus netos, que lutam por progresso, por indústria, por "aburguesamento" dos hábitos etc. Já Tia Nastácia viveria sob uma "imobilidade ficcional", a qual a coloca sempre com ares de espanto ante as tecnologias que lhe são apresentadas.

Em outra passagem, a narrativa chega a ridicularizar as observações da cozinheira em relação às novidades que chegavam à Vila, como o cinema, os cabarés, os teatros, as casas de jogo, as escolas etc.

> – Isso não está direito, comentou Tia Nastácia. Nossa vila sempre foi uma coisa quietinha, sossegadinha – agora está que nem aquela fita que eu vi uma vez, cheia de homens com cintos cheios de balas, que bebem nos balcões e de repente sacam do revólver e espatifam o lampião do forro e garram a moer gente com cada soco que parece martelada. Credo! Eu não tenho mais coragem de chegar até lá.
>
> Tia Nastácia em toda a sua vida, só tinha assistido a uma fita de cinema. "Os Bandoleiros do Far West", em que havia tanto tiro em lampião, a tantas lutas corpo a corpo e tantos murros de arrebentar cara, que ela nunca mais quis saber de cinemas. "Credo! Dizia lembrando-se da fita. Eu estava vendo a hora em que aqueles homões vinham de lá pra cima da gente nas cadeiras, de tiro e soco, não deixando um vivo. Suei frio daquela vez mas nunca mais. Cruz, credo, canhoto..." (ibidem, p.176-7)

Para Tia Nastácia, que só havia encontrado novidades dessa ordem no cinema, a vida havia se tornado muito diferente. Sem entender os motivos dessas transformações, cabia a ela o papel de questionar exigindo o retorno da velha ordem com a qual estava acostumada. Dona Benta, a boa senhora, demonstra um desinteresse ante a ignorância de Tia Nastácia, o que não a diferencia dos ex-senhores que não viam necessidade de alfabetizar ou fornecer melhores condições de inserção dos ex-trabalhadores escravos na nova ordem capitalista. Esse problema transitou para o país futuro na forma de herança, os agregados, novo contorno assumido pelos ex-escravos, não possuíam outra opção além da lealdade aos seus antigos senhores, em troca da proteção desses.

Dona Benta organizara uma festa para comemorar a exploração do petróleo no sítio e, nessa festa, todos fizeram discursos sobre a nova situação econômica que o país conquistara. A maioria dos "discursantes" agradeceu o incentivo de Dona Benta para que tudo se realizasse. Tia Nastácia trajava um vestido novo e engomado e, ao ser convidada a falar, disse:

> – Falar bonito como os outros eu não sei. *Só sei cozinhar...*
>
> – E botar minhoca no anzol do Visconde também! Aparteou Emília.
>
> – Isso também faz parte de cozinhar, respondeu a preta, primeiro a gente pega o peixe, depois escama e frita. Sei tudo que é da cozinha, e meu gosto é quando faço um prato e vejo a criançada lamber os beiços de gosto.
>
> – Beiço é de boi, aparteou Emília. Gente tem lábios...
>
> – Essa pestinha quer me atrapalhar, mas não me atrapalha, não. Quem fez ela fui eu. De pano – mas depois o pano gerou carne e hoje está gente pura – só que mais atropeladeira que os outros.
>
> *– Isso não é discurso, Nastácia, disse Narizinho. Dei a palavra a você para fazer um discurso como os outros.*
>
> *– Discurso não sei fazer, porque não tenho estudos. Dizer coisas bonitas sobre Dona Benta também não sei. Só sei beijar a mão dela – e correu, com os olhos rasos de lágrimas, a beijar a mão de dona Benta.* [...].

Dona Benta abraçou a preta, dizendo:

> – *Sim minha negra*. Você além de ser minha grande amiga, é a outra avó dos meus netos. (ibidem, p.242, grifos nossos)

Por essa passagem percebemos como a relação entre essas personagens é marcada pela ambiguidade. Tia Nastácia diz que só tem a agradecer pelas coisas que Dona Benta fez a favor dela, retribui da única forma que julga saber fazer e num gesto que poderíamos classificar como típico da relação patriarcal: beijar a mão da patroa protetora. Ou seja, Tia Nastácia parece ser incapaz de saber reconhecer um possível gesto de igualdade. Aqui, ela é convocada para fazer um discurso com a chamada "condescendência olímpica" de que falou Crespo (1997); entretanto, continua a colocar-se no devido lugar que acredita ser o seu: o de criada eternamente grata por ter recebido de sua patroa a generosidade e a suposta igualdade na forma de tratamento em relação a ela.

Nessa nação organizada por Dona Benta no sítio, Tia Nastácia aparece simbolizando o resquício de elementos passados; entretanto, são vestígios que denotam a bondade de alguém que um dia acreditou na modernização e investiu nesse projeto. Apostando sempre na benevolência da patroa, Tia Nastácia sabe que não será substituída por outra empregada especializada, pois sempre foi competente naquilo que fez, mas agora ela contaria e usufruiria das conquistas advindas com a tecnologia. Sua cozinha se transformou: agora tinha fogão a gás, geladeira etc. Portanto, permaneceu no seu lugar de direito, de onde nunca sairia, mas com as mesmas comodidades e facilidades de uma empregada doméstica pertencente à ordem burguesa e racional.

O reconhecimento do povo pela cultura erudita da nova nação

O livro intitulado *Serões de Dona Benta* (1937) modifica em alguns aspectos a relação entre os conhecimentos científicos – passados por Dona Benta aos netos – e os conhecimentos prático-empíricos de Tia Nastácia. O livro inicia seu enredo demonstrando a ansiedade das crianças por aprender mais sobre a ciência. Essa ansiedade fora causada, conforme a narrativa, depois da abertura dos poços de petróleo no sítio, momento em que Pedrinho, Narizinho e Emília ficaram encantados por saber mais, "tudo o que há no mundo".

Dona Benta inicia seus serões contrastando dois tipos de ciência, a do cotidiano, e a ciência que reconhece suas razões teóricas. Tia Nastácia faz parte do primeiro exemplo, pois segundo o seu criador, se utiliza de diversos aspectos científicos mesmo sem saber. Portanto, nesse livro, a forma de tratamento em relação à criada ganha novas nuanças em relação ao que vimos até o momento. Se até então seu pensamento não ia além da imediaticidade e da tradição, agora suas atividades como doméstica podem servir como emblema de um tipo de saber. Nas palavras de Dona Benta:

> Chegamos hoje a um ponto em que, para a menor coisa, recorremos a muitas ciências sem o saber. A *pobre* Tia Nastácia, quando vai assar um frango, recorre a uma porção de ciências, embora não o perceba. Para pegar o frango, para matá-lo, para depená-lo, para limpá-lo, para recheá-lo, para assá-lo, ela emprega inúmeros conhecimentos científicos adquiridos no passado e transmitido de geração em geração. (Lobato, 1957a, p.7, grifo nosso)

Sem saber, Tia Nastácia serve como exemplo mais ilustrativo de ciência cotidiana para as aulas de Dona Benta, mas mesmo assim não é convidada a participar das aulas dadas pela patroa, permanece na cozinha preparando os deliciosos pratos admirados por todos. A cada fim de lição ela aparece na sala anunciando alguma faceta de sua culinária: "– E chega por hoje, vovó – disse a menina. Tia Nastácia

está tocando a companhia – sinal dum frango assado que vai ser uma delícia. Vamos almoçar" (ibidem, p.39).

A divisão daquilo que é encarado como científico e daquilo que é demarcado como saber cotidiano está bem clara nesse livro. A primeira sabedoria é atrelada sempre a Dona Benta, ao Visconde de Sabugosa, a Pedrinho, a Narizinho e a Emília. Talvez a intenção da narrativa, pela fala e ação de Dona Benta, fosse a de delimitar em qual desses "territórios" do saber as crianças leitoras deveriam se localizar.

Responsável por tudo que envolve o trabalho braçal na casa de Dona Benta, Tia Nastácia, sob o disfarce do elogio, é chamada por Emília, no final de um dos serões, de "máquina de fazer comida":

> Agora temos que atender à campainha de Tia Nastácia, que está nos chamando para o café.
>
> Emília disse:
>
> – Está ali uma qualidade de máquina bem importante: a máquina de fazer comida. Sem ela, que seria de nós?... (ibidem, p.97)

A boneca, sob o signo da modernidade e da racionalidade, atribui à criada tarefa única e exclusivamente realizada por ela, cozinhar para todos, enquanto se educam apreendem cada vez mais a ciência exata, sob o respaldo teórico. O espaço cultural-culinário de Tia Nastácia é quase inatingível por todos (salvo Narizinho, que às vezes recebe algumas noções de culinária), assim como essa não consegue atingir o espaço da cultura letrada e científica das outras personagens. É seguindo essa divisão de papéis distintos que a ordem da casa é conquistada, cada parte ocupa seu diferente lugar.

Nesse momento histórico, meados dos anos 1930, os estudos sobre o negro no Brasil ganharam nova dimensão, como já dissemos, especialmente com a obra de Gilberto Freyre, *Casa grande & senzala*, que buscou a particularidade da identidade brasileira com a presença do negro na nossa economia, sociedade e, especialmente, cultura. Como resultado dessa inserção, a mestiçagem e o sincretismo tinham se tornado a nossa marca, e também os elementos

responsáveis pela ausência de um ódio entre as raças. Conforme Antonio Sérgio Guimarães (2002, p.117-18):

> A ideia fundamental da nova nação é a de que não existem raças humanas, com diferentes qualidades civilizatórias inatas, mas sim diferentes culturas. O Brasil passa a se pensar a si mesmo como uma civilização híbrida, miscigenada, não apenas europeia, mas produto do cruzamento entre brancos, negros e índios. O "caldeirão étnico" brasileiro seria capaz de absorver e abrasileirar as tradições e manifestações culturais de diferentes povos que para aqui imigraram em diferentes épocas; rejeitando apenas aquelas que fossem incompatíveis com a modernidade (superstições, animismos, crendices etc.). Tal ideia permite o cultivo de uma "alta cultura", propriamente brasileira, em sintonia com a "cultura popular", algo que eclode na Semana de Arte Moderna de 1922.

A participação do negro na cultura brasileira que passou a ser festejada a partir dos estudos de Gilberto Freyre, também é, portanto, uma característica importante a ser ressaltada nos livros de Lobato. Percebemos que se no livro *O poço do Visconde* os escassos conhecimentos de Tia Nastácia, de acordo com Narizinho, advêm de sua falta de interesse em aprender, em *Serões de Dona Benta* (1937), cujo espaço de tempo entre as obras é de apenas um ano, suas atividades domésticas são também consideradas pela narrativa como um tipo de saber que merece ser ressaltado como exemplo.

Exemplo de mudança da forma como Lobato encara a participação de Tia Nastácia também pode ser notado no livro intitulado *A reforma da natureza* (1941), onde a cozinheira de ignorante e sem cultura se torna, junto com Dona Benta, conselheira da Conferência Mundial da Paz, devido ao seu bom senso:

> Quando a guerra da Europa terminou, os ditadores, reis e presidentes cuidaram da discussão da paz. Reuniram-se em campo aberto, sob uma grande barraca de pano, porque já não havia mais cidades: todas haviam sido arrasadas pelos bombardeios aéreos [...].

O Rei Carol, depois de cochichar com o General de Gaulle, prosseguiu no seu discurso.

– Só conheço – disse ele – duas criaturas em condições de representar a humanidade, porque são as mais humanas do mundo e também são grandes estadistas. A pequena república que elas governam sempre nadou na maior felicidade.

Mussolini, enciumado, levantou o queixo.

– Quem são essas maravilhas!

– Dona Benta e Tia Nastácia – respondeu o Rei Carol – as duas respeitáveis matronas que governam o Sítio do Pica-pau Amarelo, lá na América do Sul. Proponho que a Conferência mande buscar as duas maravilhas para que ensinem o segredo de bem governar os povos. (Lobato, 1973a, p.89-90)

Nesse livro, Lobato aponta as preocupações em relação à Segunda Guerra Mundial, que deixara grandes males para a humanidade. Conforme Campos (1986, p.153), o Lobato desse momento passa a se desiludir com o progresso tecnológico que, em décadas anteriores, tinha sido o motivo maior de seus escritos e de seu pensamento:

Na verdade, podemos dizer que Lobato, durante toda sua vida, oscilou entre uma interpretação otimista e uma interpretação pessimista da História da Humanidade. Isso porque o autor certamente se dá conta da existência de uma contradição entre o avanço material da civilização e aquilo que considerava o maior obstáculo à conquista de um mundo melhor: a guerra.

Na discussão entre os "dirigentes da Humanidade" observou-se:

– Muito bem! – aprovou o Duque de Windsor, que era o representante dos ingleses. – A Duquesa me leu a história desse maravilhoso e pequeno país, um verdadeiro paraíso na terra, e também estou convencido de que unicamente por meio da sabedoria de Dona Benta e do bom senso de Tia Nastácia o mundo poderá ser consertado. No dia em que o nosso planeta ficar inteirinho como

é o sítio, não só teremos paz eterna como a mais perfeita felicidade (ibidem, p.90).

Durante a conferência, apesar da presença de Tia Nastácia, quem aconselha as mudanças que o mundo necessitava é Dona Benta, conhecida por ser a democracia em pessoa: "Sigam lá na Europa as minhas instruções que tudo dará certo" (ibidem, p.105).

Aqui, entretanto, poderíamos compreender uma alteração no pensamento de Lobato, pois, se em anos anteriores, Tia Nastácia se mostrava ignorante e com pensamento reduzido ao saber culinário, nesse livro ela é capacitada pela narrativa a representar o bom senso numa conferência mundial pela paz. Além disso, talvez Lobato se mostrasse na narrativa abalado com a situação deixada com o fim da Segunda Guerra Mundial. Se em anos anteriores a cozinheira era tratada como exemplo de ausência de conhecimento científico, técnico e artístico, nesse livro um dos recados deixados pelo autor era que, apesar de os países mais desenvolvidos economicamente que o nosso terem todas essas características, eram os mais prejudicados com a guerra idealizada por eles.

Lobato, como pertencente a um período histórico demarcado por transições nos aspectos culturais e sociais que enfocamos antes, não deixa de demonstrar, por meio de sua arte, as ambivalências presentes em seu tempo. Se em alguns momentos de sua obra notamos uma crítica ferrenha ao racismo violento em relação à criança escrava, como em seu conto *Negrinha*, de 1920 – que poderia servir como uma analogia da vida de Tia Nastácia na sua infância –, em outros momentos, como vimos em *O presidente negro*, percebemos todo o seu esforço para pregar um branqueamento e uma eugenia.

A participação de Tia Nastácia nos livros escritos no contexto da Segunda Guerra Mundial se difere daquela desenvolvida até então pela narrativa da série. Lobato, pensador atento às questões do seu tempo, não deixou de acompanhar as alterações ligadas às discussões raciais no mundo inteiro. Este é um momento de mudança proposta por intelectuais de todo o mundo que, preocupados com o ódio entre as distintas populações, tentaram substituir o conceito de "raça",

para definir as diferenças humanas, uma vez que com a ascensão do Nazismo escalas culturais foram formuladas e vistas como verdadeiras referências no quesito inferior e superior na hierarquia humana.

No final dos anos 1940, os intelectuais de todo o mundo contaram com o apoio da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) para a criação de projetos políticos com o objetivo de desmontar o conceito de raça, que contribuiu para o advento da intolerância em relação ao diferente. É nesse contexto de mudança de paradigma que encontramos os livros de Monteiro Lobato que encerram a série destinada ao público infantil. Assim é que em *A reforma da natureza* (1941) percebemos que Tia Nastácia e seus saberes se mostram aceitáveis, até mesmo pela Conferência da Paz Mundial. Talvez pudéssemos intuir que Lobato estivesse finalmente aceitando efetivamente a contribuição do negro em seu projeto nacional.

4
Dona Benta e a transmissão do conhecimento ilustrado na nova nação

"A ciência serve para nos revelar a maravilha que é a natureza. E hoje ainda sabemos muito pouco. Imagine quando soubermos tudo, tudo... Quando soubermos nos menores detalhes como é a prodigiosa engrenagem das coisas. Mas até lá o cérebro humano tem que tropicar muito – tem de desenvolver-se, adquirir novas faculdades. Com o poder atual do nosso cérebro chegamos até um certo ponto e paramos. Ergue-se diante dele uma escuridão – uma parede preta, que o filósofo inglês Spencer batizou de Incognoscível [...]. Devia dizer incognoscido, isto é, o que no momento ainda não podemos conhecer."

(Dona Benta, in: Serões de Dona Benta*)*

O livro que abre as aventuras infantis de Monteiro Lobato, Reinações de Narizinho (1931), aponta desde o início a presença de Dona Benta como "uma velha de mais de sessenta anos" que costura calmamente na varanda da casa. Como já dissemos, ela vive na companhia de Tia Nastácia e de Narizinho. No início desse livro, o leitor tem a impressão de que Dona Benta representa a mais "comum das vovós brasileiras": dedicada, carinhosa com os netos, que prioriza o sossego, frequenta a missa etc.

Prosseguindo, porém, a leitura da narrativa, nota-se que Dona Benta era muito diferente do padrão das avós. Nesse sentido, tentaremos demonstrar, neste capítulo, a participação ativa dessa "boa senhora" na consolidação das propostas de construção de uma nova nação. Incentivando sempre seus netos e aqueles que a rodeiam, Dona Benta poderia ser encarada como a "voz" da razão, pois na maioria das situações que envolvem sua participação é ela quem autoriza e aconselha as melhores opções.

Logo de início notamos algo de inusitado nas histórias infantis de Lobato, em vez de o cuidado da propriedade se restringir ao papel masculino, é ela, uma mulher, quem dirige seu pequeno sítio, como veremos, com muita competência. O diferencial que talvez provoque um maior encanto nos leitores por essa personagem é o fato de ela acreditar nas fantasias e nos planos – vistos como mirabolantes – de seus netos. Numa das fantasias das crianças, ela afirma: "– Você tem razão, minha filha – disse ela por fim. Esse mundo em que você e Pedrinho vivem é muito mais interessante que o nosso" (Lobato, 1959d, p.127).

Umas das formas de aproximação entre a avó e as crianças são as histórias dos clássicos infantis que ela narra com o intuito pedagógico, mas sempre se mostra preocupada com o aprendizado dos netos, por isso adapta as histórias narradas, deixando palavras complicadas mais compreensíveis:

> A moda de Dona Benta ler era boa. Lia "diferente" dos livros. Como quase todos os livros para as crianças que há no Brasil são muito sem graça, cheios de termos do tempo da Onça ou só usados em Portugal, a boa velha lia traduzindo aquele português de defunto em língua do Brasil de hoje. Onde estava, por exemplo: "lume", lia "fogo", onde estava "lareira", lia "varanda". E sempre que dava com um "botou-o" ou "comeu-o", lia "botou ele", "comeu ele" – e ficava o dobro mais interessante. Como naquele dia os personagens eram da Itália, Dona Benta começou a arremedar a voz de um italiano galinheiro que às vezes aparecia pelo sítio a procura de frangos. (ibidem, p.192)

Nota-se que Dona Benta procurava ler aos seus netos de forma simples, dispensando os padrões linguísticos e acadêmicos. De acordo com Antonio Candido (1989), no texto *A revolução de 1930 e a cultura*, percebeu-se nesse momento um enfraquecimento progressivo da literatura acadêmica, e também uma aceitação consciente ou inconsciente das inovações formais e temáticas, além de uma grande produção de literaturas regionais:

> Até 1930 a literatura predominante e mais aceita se ajustava a uma ideologia de permanência, representada sobretudo pelo purismo gramatical, que tendia no limite a cristalizar a língua e adotar como modelo a língua portuguesa. Isto correspondia às expectativas oficiais de uma cultura fechada, feita para ser vista pelos estrangeiros, como era em parte a da República Velha. (Candido, 1989, p.186)

A partir desse momento, o inconformismo e anticonvencionalismo se tornaram uma constante na escrita de muitos escritores que, assim como Lobato, almejavam uma espécie de "revitalização do falar brasileiro".

Percebemos que o papel de educadora – num sentido abrangente – cabia à Dona Benta que estava atenta às novidades do mercado de livros infantis e também às novidades das tendências literárias. Sempre que terminava de contar as histórias disponíveis, ela escrevia a um livreiro de São Paulo encomendando livros novos. Transferindo essa ideia no universo de uma personagem, Lobato reforçava o debate e conseguia fazer que as crianças leitoras tomassem partido dessa tendência literária e oral. Portanto, a nação moderna seria descomplicada também em termos linguísticos.

Apesar dos envolvimentos de Dona Benta com as aventuras das crianças, ela não deixava de cumprir seu papel de autoridade em situações julgadas como necessárias. Nesse livro, Dona Carocha apareceu no sítio para resgatar alguns pertences das personagens mágicas, deixados no sítio numa visita que eles fizeram às crianças:

> – Vim buscar a lâmpada de Aladino, a vara de condão de Cinderela e as botas do Gato de Botas. Esses maluquinhos, com a pressa de voltar, esqueceram-se desses objetos. Foi um desapontamento geral. Emília quis mentir, dizendo que não havia ali nem bota, nem vara, nem lâmpada nenhuma. Narizinho teve ímpetos de morder a velha. Pedrinho chegou a olhar o bodoque. Mas Dona Benta fazia muita questão de que seus netos respeitassem, os mais velhos. Por isso resignaram-se a entregar aquelas preciosidades. (Lobato, 1959d, p.189)

Contrapondo essa postura, em outra passagem do livro, Dona Benta se interessou em fazer uma viagem ao País das Fábulas, pois quando se referia ao Senhor La Fontaine – cujas obras havia lido em francês –, tinha uma grande admiração, considerava-o um dos melhores fabulistas e escritores do mundo:

> – Tive uma grande ideia, vovó – berrou ele. Levar a senhora lá!... Já sabemos o caminho e temos o burro falante para nos conduzir. Que acha?
>
> A grande ideia tonteou Dona Benta como se fora uma paulada no crânio.
>
> – Que despropósito, Pedrinho! Não sabe que sou uma velha de mais sessenta anos? Que não diria o mundo quando soubesse desta extravagância?
>
> – O mundo não precisa saber de nada, vovó. A senhora vai incógnita, como reis quando querem divertir-se. Deixe o negócio por minha conta, que sairá tudo direitinho...
>
> A ideia de conhecer pessoalmente o Senhor La Fontaine virou duma vez a cabeça da boa senhora. Três dias passou a pensar naquilo, vai, não vai, sem ânimo de decidir-se. Pedrinho, porém, tanto insistiu que...
>
> – Vou, menino, vou! – disse ela afinal. Mas pelo amor de Deus não me atropele mais.
>
> As crianças ficaram num delírio. Levarem sua querida vovó ao País das Fábulas foi coisa que nem em sonhos lhes passara pela cabeça. Era suco! – dizia Pedrinho dando pinotes.

> A semana passou-se assim, em discussões e preparativos, tudo em segredo para que Tia Nastácia não desconfiasse. Era preciso que nem a negra soubesse da "caduquice" de Dona Benta. Afinal chegou o grande dia. (ibidem, p.276-8)

Tia Nastácia, apesar dos cuidados tomados por todos, descobriu as reinações das crianças e da avó. A criada criticou a conduta de Dona Benta por ela ter mentido que iria à casa do coronel Teodorico em vez de falar a verdade sobre o Mundo das Fábulas. A mentira de nada adiantou, pois o Burro Falante contou tudo para Tia Nastácia. Dona Benta se sentiu envergonhada de tamanha "caduquice", baixou a cabeça e seguiu calada para o seu quarto.

Por meio dessa atitude de Dona Benta, talvez Lobato quisesse atentar para o fato de que a relação adulto/crianças nessa nação imaginária não se pautava somente pela obediência por parte das crianças e, na ordem, por parte dos adultos. Seria uma relação aparentemente democrática, pois os adultos ofereciam muita liberdade às aventuras comuns ao período da infância, o poder dos adultos imperaria apenas sobre as crianças em caso de necessidade extrema. De acordo com os autores do livro *O furacão na Botocúndia*:

> Caracterizando os dois principais adultos de suas histórias – Dona Benta e Tia Nastácia – como fontes do saber erudito e popular, ela quebra a hierarquia que separa a criança da gente grande e subverte as relações entre ambos. A autoridade da avó nasce de sua sabedoria e experiência e não do exercício do poder. Ela está ali para acolher efetivamente os menores com atenção e carinho. Sua disponibilidade em ouvi-los, responder às infindáveis perguntas sem censura ou má vontade não encontra paralelo na vivência real, ampliando extraordinariamente o campo das possibilidades para o aprendizado, que se transformava numa atividade lúdica e divertida. (Azevedo et al., 1997, p.317)

Nas terras de Dona Benta se constrói uma nova nação ilustrada

O livro *O poço do Visconde* (1937) apresenta um novo modelo de conduta das personagens no sítio, onde todos se empenham para uma modernização do país por intermédio do Sítio, e nessa obra Dona Benta poderia ser encarada neste livro como emblema de uma nova proprietária rural e, como afirma a própria narrativa, aquela que "enxerga mais longe" no sítio.

A preocupação lobatiana nesse livro apresenta uma problemática bastante discutida no pensamento social: a agricultura e a nação. A atuação de Dona Benta no corpo da narrativa levanta importantes pistas sobre essa questão, pois percebemos que Lobato não negava o papel da produção agrícola na economia brasileira; entretanto, esse campo ou essa nação não apareceria em seus livros infantis como aparecem em seus livros para os adultos. Nestes últimos, o seu foco principal é fazer uma narrativa que demonstra a decadência do sistema econômico agrário, especificamente da economia cafeeira. Já no *Sítio do Pica-pau Amarelo*, o ambiente agrário aparece com outras características: moderno, racional e nacional e com produção bastante diversificada.

Em seu conto intitulado "A colcha de retalhos", que integra o livro *Urupês* (1914), podemos contrastar a atuação de Dona Benta com a de Sinhá Joaquina, duas senhoras que, apesar de idosas, desempenham papéis muito diferentes. Esse conto conta a história de Pingo d'Água (Maria das Dores), menina que, como a neta de Dona Benta – Narizinho –, mora na roça, num sítio pequeno, mas diferentemente de Narizinho, não sabe ler nem escrever. O enredo se inicia com a visita de um narrador forasteiro ao sítio de José Alvorada, pai de Maria das Dores. O homem, ao chegar, vê a menina no córrego e lhe pergunta se o pai estava, a menina respondeu apenas "está", sem erguer os olhos, com isso o narrador conclui:

> Como a vida no mato asselvaja estas veadinhas! Note-se que os Alvoradas não são caipiras. Quando comprou a situação dos

> Periquitos, o velho vinha da cidade; lembro-me até que entrava em sua casa um jornal. Mas a vida lhes correu a áspera na luta contra as terras ensapezadas e secas, que encurta, a renda por mais que dê de si o homem. Foram rareando as idas à cidade e ao cabo de todo se suprimiram. Depois que lhes nasceu a menina, rebento floral em anos outoniços, e que a geada queimou o café novo – uma tamina, três mil pés – o velho, amuado, nunca mais espichou o nariz fora do sítio.
>
> Se o marido deu assim em urumbeva, a mulher, essa enraizou de peão para o resto da vida. Costumava dizer: mulher na roça vai à vila três vezes – uma a batizar, outra a casar, terceira a enterrar. Com tais casmurrices na cabeça dos velhos, era natural que a pobrezinha da Pingo d'Água (tinha esse apelido a Maria das Dores) se tolhesse na desenvoltura ao extremo de ganhar medo às gentes. Fora uma vez à vila com vinte dias, a batizar. E já lá ia nos quatorze anos sem nunca mais ter-se arredado dali. Ler? Escrever? Patacoadas, falta de serviço, dizia a mãe. Que lhe valeu a ela ler e escrever que nem professora, se des'que casou nunca mais teve jeito de abrir um livro? Na roça, como na roça. (Lobato, 1994, p.46-7)

Nota-se nesse conto que até a descrição das personagens ganha um tom de decadência, como se a vida acompanhasse o ritmo da natureza improdutiva. O forasteiro, ao ver Sinhá Ana, a esposa de José Alvorada, pensa: "Acabadinha, a Sinh'Ana. Todas rugas na cara – e uma cor... Estranhei-lhe aquilo" (ibidem, p.47). O homem, enquanto esperava o dono da casa, ouve as histórias da senhora Joaquina, a avó de Pingo d'Água, que mesmo velha trabalha, costura e cuida da casa. Estava finalizando a colcha de retalhos de Maria das Dores, uma colcha que seria a primeira peça do seu enxoval de casamento, feita com retalhos de peças de roupas da própria menina, desde que ela nasceu, há quatorze anos.

Dois anos depois o narrador forasteiro retornou ao sítio dos Alvoradas para outra visita e não encontrou ninguém, apenas Dona Joaquina, que lamentava a morte da filha, Sinhá Ana, e o sumiço da neta, que fugira com um rapaz e nunca mais voltara, a avó lamenta sobre a colcha, ainda não finalizada:

> Ia ser meu presente de noivado. Deus não quis. Será agora minha mortalha. Já pedi que me enterrassem com ela. E guardou-a dobradinha na caixa, envolta num suspiro arrancado ao imo do coração. Um mês depois morria. Vim a saber que lhe não cumpriram a última vontade. Que importa ao mundo a vontade última duma pobre velhinha da roça? (ibidem, p.53)

Nesse conto notamos que a personagem da avó Joaquina guarda em sua memória o triste destino da neta; além disso, não tinha seus desejos cumpridos nem em sua morte. Diferentemente de Dona Benta, que por ser a "mais feliz das avós", aparece sempre satisfeita com a vida, seu sítio é produtivo, os netos são alfabetizados e a sua aparência física demonstra vitalidade, era forte, mas não apenas para costurar, mas também para mudar totalmente os rumos da nação.

Nos contos destinados ao público adulto, Monteiro Lobato sempre colocou os homens no comando dos sítios e fazendas; no entanto, em se tratando dos livros infantis, inverteu a situação apostando no papel feminino no comando das propriedades rurais. Gilberto Freyre, em *Sobrados e mucambos,* obra de 1936, descreve que o regime patriarcal afirmou características de gêneros bastante distintas. Nesse sistema, o homem fez da mulher uma criatura diferente dele, pois afirmara-se como o padrão socialmente aceito como sexo forte e nobre, e à mulher restava a alcunha de sexo frágil, doce e maternal:

> Mas através de toda época patriarcal – é poça de mulheres franzinas o dia inteiro dentro da casa, cosendo, embalando-se na rede, tomando o ponto dos doces, gritando para as mulecas, brincando com os periquitos, espiando os homens estranhos pela frincha das portas, fumando cigarro e às vezes charuto, parindo, morrendo de parto, através de toda época patriarcal, houve mulheres, sobretudo senhoras de engenho, em quem explodiu uma energia social, e não simplesmente doméstica, maior que a do comum dos homens. Energia para administrar fazendas, como as Donas Joaquinas do Pompeu; energia para dirigir a política partidária da família, em

> toda uma região, como as Donas Franciscas do Rio Formoso; energia guerreira, como das matronas pernambucanas que se distinguiram durante a guerra contra os holandeses, não só nas duas marchas, para as alagoas e para a Bahia, pelo meio das matas e atravessando rios fundos, como em Tejucupapo, onde é a tradição que elas lutaram bravamente contra os hereges. (Freyre, 2000, p.127)

Freyre afirma que um dos motivos dessas mudanças nas condutas das donas de casa foi o fato de que, no início do século XIX, a casa grande fora substituída pelos sobrados, gerando um "tipo feminino" menos servil e mais mundano, que frequentava teatros, bailes, lia romances, tocava instrumentos, dançavam e frequentavam menos as missas.

Dona Benta se mostra independente do poder masculino, apoiando-se em suas convicções de futuro, por isso foi favorável à decisão dos netos quando esses quiseram oferecer "luzes ao campo, luzes à nação",[1] por meio dos poços de petróleo que jorraram em seu sítio, como ela mesma dissera a um jornalista depois do sucesso do empreendimento gerenciado pelas crianças:

> Eu estou que não caibo mais em mim de contente, porque foram meus netos os heróis da grande façanha. Começaram a coisa brincando e tudo acabou sério. Graças a eles, ao visconde e ao Quindim, temos petróleo – o Brasil tem petróleo e, portanto, o elemento básico para tornar-se uma nação rica e poderosa. Pode escrever no seu jornal que não existe no mundo nenhuma avó mais feliz do que eu.

1 Termo utilizado por Pedro Meira Monteiro (1994, p.11), que afirmou em seu texto monográfico "O atraso da agricultura brasileira frente às conquistas tecnológicas mundiais é tema que se debate há muito. Desde os tempos coloniais a eficiência agrícola aparece, no discurso de dirigentes e de intelectuais luso-brasileiros, como uma preocupação fundamental. O debate encerra uma discussão que transcende os aspectos técnicos da busca de eficiência, atingindo em cheio questões maiores, como a nação, a civilização, a mão de obra, a formação do povo. São todas questões pungentes, que povoaram o imaginário dos homens cultos desde a época colonial, deixando suas marcas na história do pensamento social brasileiro".

> – Nem mais rica! Berrou Emília. O poço está dando 500 barris por dia. A Cr$ 30,00, são 15 mil cruzeiros por dia. Qual é a avó por este mundo afora que tem, ali na batata, 15 mil cruzeiros por dia? (Lobato, 1950, p.174)

Aqui a narrativa sugere um progresso financeiro na pequena propriedade de Dona Benta que no início das obras não pôde contribuir financeiramente com os netos, já que "vivia a cabo curto, sem dinheiro para nada". A matriarca não possuía dinheiro, seus lucros como pequena proprietária rural eram escassos; entretanto, por ter sempre acreditado na ciência, nunca deixou de ensinar aos seus netos que um dos pressupostos para o progresso da nação era o conhecimento, mas não qualquer um, sim aquele sempre voltado para a prática científica, por isso conseguiu enriquecer. De acordo com Lajolo e Zilberman (1986, p.65) sobre a obra infantil lobatiana:

> Embora o mundo rural predomine, é visível seu progressivo enfraquecimento. O Sítio do Pica-pau Amarelo, apresentado no início da série, com características aparentadas às das fazendas cafeeiras paulistas, perde aos poucos este valor e assume gradativamente conotação metafórica. Passa a representar cada vez mais o Brasil do modo como Monteiro Lobato desejava que fosse: é lá que se descobre petróleo e se obtém a tão almejada autonomia econômica [...] e são seus habitantes que provocam uma revolução mundial destinada a mudar o comportamento da humanidade...

O início da série, como apontam as autoras, parece seguir um ritmo de vida regido por situações comuns a ambientes bucólicos, onde as novidades parecem se restringir às aventuras imaginadas pelas crianças. Entretanto, a partir do livro *O poço do Visconde*, a série parece passar para um ritmo de planejamento mais mecânico e industrial, como se o capitalismo advindo com a exploração do petróleo fosse formando e orientando o novo modo de vida dos habitantes. É importante observar, entretanto, que não existe um total abandono da primeira situação, mas o predomínio passa a ser

o da racionalidade. Dona Benta, assim como Visconde de Sabugosa, lamenta o fato de existir uma "ignorância coletiva" em relação à falta de exploração dos recursos naturais, no livro *Serões de Dona Benta*, ela afirma:

> Infelizmente cá no Brasil ainda não nos voltamos para o subsolo – apesar de o termos na mesma proporção que os americanos, já que o território dos dois países mais ou menos se equivalem.
>
> – Porque é assim vovó?
>
> – Por vários motivos meu filho. Lerdeza e ignorância do povo, falta de iniciativa bem orientada, ausência de técnica moderna, escassez de capitais – uma porção de coisas. (Lobato, 1957a, p.196)

Dona Benta, assim como os "agricultores ilustrados" do final do século XVIII e XIX, tem como intuito desenvolver ideias adormecidas em mentalidades "pouco científicas", como a do coronel Teodorico, resgatando-as do seu estado de ignorância. Portanto, a "boa senhora" se pautava por uma "missão-civilizadora" e como continuadores de seu *projeto iluminista* estão seus netos, sendo formados para a ação/nação. Numa das histórias narradas por Dona Benta, percebemos como a ideia da "herança científica" deixada pela avó é importante para as crianças; no momento em que ela conta sobre a recepção das pessoas ao cometa Halley, lemos a seguinte reflexão de Narizinho:

> – O ano de 1986 é tempo do cometa Halley voltar – calculou Narizinho; e como tenho 12 anos, estarei por essa época com sua idade vovó – e hei de ver o cometa que a senhora viu, talvez da mesma varanda da nossa casinha...
>
> – Faço votos para que assim seja, minha filha. Eu é que não verei mais. Em 1986 meu corpo estará reduzido a pó num cemitério, mas vocês provavelmente estarão vivos. Quem sabe se nessa época a minha Narizinho não estará exatamente aqui neste ponto, explicando astronomia aos seus netos, e falando de cometas, com o dedo apontando para o que eu vi há 27 anos? (ibidem, p.166)

O ambiente do sítio deveria, portanto, ser mantido. Narizinho se imagina falando aos seus futuros supostos netos da mesma varanda onde aprende com sua avó, o que sugere que nesse lugar a ciência residiria sempre, e seus propagadores também.

Mesmo quando Rockefeller aparece na narrativa de *O poço do Visconde* interessado em comprar o sítio de Dona Benta por 5 milhões de dólares, a velha senhora afirma não desfazer desse lugar nunca, para o desapontamento do magnata. Ela responde diante de tal proposta:

> – Não vendo por preço nenhum, foi a resposta de Dona Benta. De que me adianta uma bolada de 5 milhões de dólares? No que empregar isso? Onde encontrar um sitiozinho como este, tão cheio de árvores velhas, de recordações agradáveis – e tão rico em petróleo? Não, não e não. (Lobato, 1950, p.175)

Nessa afirmação de Dona Benta percebemos a junção que parece soar como perfeita nessa nova nação: os elementos que mostram recordações agradáveis, como as árvores velhas, mas também o petróleo como elemento que demonstra o futuro pautado pela produtividade e pelo desenvolvimento da sociedade. É a "matriarca capitalista" a aconselhadora também dos "destituídos de ciência". A Chico Piramboia ela recomenda que guarde num banco o dinheiro recebido pela venda de seu sítio, mas como ele não considera a opinião da sábia mulher, acaba sendo assaltado. Mas, apesar desse conselho, mesmo a "boa senhora" guardava o dinheiro que recebia da venda do petróleo em um quarto da casa:

> Com o passar dos meses o dinheiro foi se juntando de tal maneira que Dona Benta chegou a ficar apreensiva. Apesar do conselho dado ao Chico Piramboia, de depositar o dinheiro no banco, Dona Benta guardava o seu em casa.
>
> – Como é isso, vovó? Observou Pedrinho. Para o Chico a senhora disse uma coisa e agora faz outra? Parece a história do frade: "Faça o que eu mando e não faça o que eu faço..."

> – Explica-se, meu filho, respondeu Dona Benta. O hábito de guardar dinheiro em banco tem sua razão de ser como garantia do dinheiro contra os assaltos e para facilidades de pagamentos com cheques etc. Mas aqui em nosso sítio tudo é diferente, como você não ignora. Medo de assalto não temos, porque a casa está sempre guardada pelo nosso tanque de carne...
>
> – O Quindim...
>
> – Isso mesmo. E necessidades de pagamentos com cheques, e mais coisas do comércio, nós não temos, porque não saímos daqui, não negociamos, não vivemos a vida que vivem todos os comerciantes. Por esse motivo guardo o dinheiro na arca.
>
> E assim ficou. No fim do ano Narizinho resolveu dar um balanço. Esparramou o dinheiro pelo chão e contou. Tinham ganho um pouco mais de 17 milhões de cruzeiros. Esse pouco mais saiu para pagamento dos salários dos americanos, dos operários e das despesas da casa, de modo que nas arcas havia 17 milhões de cruzeiros certinhos.
>
> – E agora? Murmurou Dona Benta. Que fazer desta dinheirama? (Lobato, 1950, p.211)

O dinheiro de Dona Benta era tanto que ela e os netos não sabiam no que investir; além disso, ela optou por guardá-lo em casa, num dos quartos, já que em seu sítio não existia perigos de assaltos, tinham a proteção de Quindim, rinoceronte que, além de falar, também falava em inglês, protegia o empreendimento da refinaria de petróleo dos *trustes* e também protegia o sítio e seus habitantes dos possíveis roubos, agora frequentes na região por conta de seu rápido progresso e fama. Como vimos anteriormente, Chico Piramboia não possuía essa mesma proteção, tanto que fora assaltado e espancado por ladrões, que o deixaram quase morto e sem nenhum tostão, o "caboclo" só conseguiu se reerguer depois que começou a trabalhar como vigia noturno de uma empresa de petróleo.

Nesse caso, quem sabe não poderíamos pensar que Dona Benta, como a representante de um capitalismo muito bem desenvolvido, tinha a opção de guardar seu dinheiro em um quarto talvez por não

confiar piamente nos bancos, instituições ainda herdeiras de um país colonial e arcaico, que anos antes apoiara a economia cafeeira e seus barões.

É Dona Benta quem marca um novo tipo de proprietária rural que seguiria as diretrizes de um futuro nacional moderno, apesar de condutas que poderiam ser julgadas como arcaicas em relação às novidades implementadas nessa nova nação. Mas como disse o próprio coronel Teodorico, Dona Benta "era o tipo de velhinha novidadeira, que parece velha, mas não é, tem o espírito mais moço que muitas jovens de vinte anos".

Mesmo após a empreitada da refinaria de petróleo, a velha senhora continua incentivando seus netos em relação aos saberes pragmáticos. Em *Serões de Dona Benta* ela transformara o quarto de hóspedes em um laboratório, onde guardavam frascos de drogas, tubos de vidros, cubas, enfim, "um perfeito gabinete científico de amador" (Lobato, 1957a). A ciência passaria a ser a hóspede mais importante daquele lar.

Desse modo, os habitantes do sítio possuíam duas coisas muito importantes para a nação guardadas em casa: o dinheiro e a ciência. Porém, como é afirmado o tempo todo pela narrativa, o aspecto mais importante é a ciência, o dinheiro seria uma consequência. É acreditando nessa prerrogativa que a velha matriarca recomenda ao coronel Teodorico que ele venha participar de seus serões. O coronel era o oposto desta em relação à organização de uma propriedade rural, se mostrava avesso à produção agrária atrelada ao uso da ciência. Além disso, a narrativa enfatiza ainda mais sua ignorância após ele ter acreditado no "conto dos bondes", onde investiu seu lucro conquistado com a venda de suas terras. O coronel retorna à Vila do Tucano Amarelo falido, uma vez que não acreditara nos progressos econômicos que o petróleo poderia ter-lhe gerado. Nesse livro, a "avó novidadeira" diz ao compadre Teodorico, quando esse aparece em seu sítio para lhe pedir milho emprestado para seus porcos:

> Pobre Coronel! Depois de ter ficado bastante bem com a venda de suas terras, mudara-se para o Rio de Janeiro e caíra nas unhas dos

piratas voltando quase limpo. Estava agora recomeçando a vida num sítio comprado por ali, tão ruinzinho que nem milho dava. A sorte o fizera enriquecer – a ignorância o reduzira a nada – e, no entanto ainda tinha dúvidas sobre o valor do saber...

Dona Benta desenvolve o tema.

– A riqueza que quero para meus netos, compadre, é uma que eles possam guardar onde ninguém a furte: na cabeça. Porque a riqueza em bens e dinheiro me lembra dinheiros de sacristão, que cantando vem e cantando vão. Onde está a grande fortuna dos Sarmentos? O velho ao morrer deixou bens avaliados em mais de dois mil contos – e os filhos andam hoje por aí vivendo de expedientes. A riqueza material é areia do deserto: ora se acumula aqui, ora ali, conforme sopram os ventos. Mas quem tem a riqueza no miolo, ah, esse está garantido contra todos os azares da vida.

O Coronel coçou a cabeça, atrapalhado. E disse:

– Com a senhora ninguém pode comadre. Tem respostas para tudo, e das que atrapalham. Parece que é assim mesmo... Meu pai não me deu as *luzes*; só me deu *terras* – a fazenda que vendi por mais de mil contos. Afinal, lá se foi a fazenda, lá se foram os contos e estou aqui numa situação bem pouco melhor que a do Chico Piramboia. É... Quem tem razão é a senhora comadre... (Lobato, 1957a, p.203)

Nesse trecho, Dona Benta, numa posição confortável, fala ao coronel que o dinheiro não seria o bem maior do homem, mas sim o conhecimento, que por ser o elemento mais importante poderia sim gerar renda, como ocorreu com ela e seus netos. Portanto, a narrativa faz uma crítica à mentalidade atrasada dos coronéis que, apesar de possuírem bens e terras, não tinham a ciência como forma de administração da riqueza.

Lobato, em sua literatura voltada para o público adulto, escreveu sobre a figura do coronel, refratário a qualquer mudança:

Coronel, tu és onímado! Onímado e onipotente. Mas por um mal teu, és cru em história como um pepino. Se soubesses um pouco de história verias que já houve um tempo em que as tuas mofadas ideias,

> hoje tão ferozmente defendidas como verdadeiras, foram ideias novas, malsãs, de circulação vedada por meio de cordões sanitários [...]. Apesar disso, continuarás por longos anos a ser o instrumento pensante, deliberante e agente da linda Terra de Santa Cruz. (Lobato, 1956, p.64-5)

No caso de seus livros infantis, Dona Benta seria o oposto desse personagem, que tenta oferecer *luzes* à mentalidade do coronel Teodorico, obscurecida pela abundância de terras e escassez de cientificismo. Dona Benta, na importante posição que ocupava, consegue convencer o compadre que para existir um progresso econômico de sua parte – já que ele perdera tudo por conta de sua ignorância – precisaria investir na ciência. Ao ver os porcos de Dona Benta criados com o auxílio da zootecnia, o coronel se admira de tamanho progresso.

Dona Benta ensina e recomenda ao coronel uma forma "ilustrada" para administrar seus negócios, enquanto para Chico Piramboia ela diz, como vimos no Capítulo 1, que ele não poderia reclamar do "empreguinho" que ele conseguiu como vigia noturno numa Companhia de Petróleo. Sobre essa conduta da "boa senhora", talvez pudéssemos pensar que ao povo bastava uma colocação em uma das indústrias petroleiras e um salário no final do mês; já ao seu compadre e coronel, sua condescendência seria maior, tentaria oferecer a ciência e o conhecimento. A ciência traria o dinheiro, como a própria narrativa afirma; mas como podemos notar, essa ciência se restringiria a Dona Benta, ao Visconde de Sabugosa e aos seus netos, e poderia se estender ao seu compadre coronel. Situação que pode soar ambígua se considerarmos que com os lucros advindos com a exploração do petróleo o maior desejo das personagens era criar escolas técnicas e universidades competentes, mas nos cabe o seguinte questionamento: essas instituições estariam voltadas para quem?

Sobre a atuação da personagem de Dona Benta no sítio, poderíamos inferir que se é Emília a concretizadora das ações vistas como impossíveis, e que tem suas realizações sempre pautadas pela

mágica, seria a "boa senhora" a personagem que pondera e situa na realidade as ações econômicas e as normas de pensamento em seu sítio. Como autoridade máxima, mas como afirma a própria narrativa, democrática, é por ela que devem passar todas as decisões: Dona Benta decide se o Visconde de Sabugosa deve oferecer aulas de Geologia para as crianças, se a lição do sábio está realmente correta; sobre seu sítio é ela quem autoriza seus netos a iniciarem as obras da refinaria de petróleo; também decide onde guardar e o que fazer com o lucro do negócio.

Em relação aos criados, é ela quem exerce a autoridade máxima, sempre chamando "Corra Nastácia!" "Nastácia traga o pano!" "Nastácia sirva a comida!" etc. Desse modo, com a contundência de uma boa administradora agrária e doçura de boa avó, é a proprietária do sítio quem oferece a todos o aval final.

O Sítio de Dona Benta é uma pequena propriedade, como o seu compadre Teodorico, não tem aspirações de possuir uma grande propriedade para tomar conta; um sítio funciona muito bem quando bem administrado e organizado, já uma fazenda, como vimos no caso do coronel, pode vir a fracassar, abundância de terras não faz bem. Como o próprio coronel afirmou, ele não herdara de seu pai a ciência, sim terras, o que resultou numa mentalidade petrificada e obscurecida. Nas terras de Dona Benta existe um controle muito grande sobre a ciência; por conta desse aspecto seu sítio é o primeiro da região da Vila do Tucano Amarelo a jorrar petróleo. Já o do coronel, por se encantar por outro negócio falacioso e abandonar o ambiente do campo, acabou mal, e como única opção foi contar com a benevolência da comadre, "sempre correta".

Dessa situação podemos concluir que a narrativa lobatiana inova por colocar uma mulher como administradora dessa pequena nação situada no imaginário do autor, seria a primeira nação a prosperar por ter acreditado na diversificação da economia, mas especialmente na ciência. É essa importante mulher também que não pensa apenas no presente, forma mentalidades semelhantes para que no futuro da nação seu trabalho iniciado renda frutos, seus netos são criados sob essa lógica, sugerindo uma continuidade desse pensamento.

Considerações finais

– Espelho, espelho, devolva o meu rosto. Meu rosto não está perdido. Como na vida, as pessoas costumam perder o seu rosto, a sua fisionomia própria. Espelho, espelhinho mágico devolva minha face, não aquela de homem abatido, de Quixote sofrido. Tive muitas batalhas, mas elas não foram perdidas. Os livros já estão aí, "livros, livros a mãos-cheias". O petróleo já jorrou na Bahia, no lugar, por coincidência estranha do destino, chamado Lobato. E está jorrando em outras partes do Nordeste, onde e até os bois refugam a água pesada e preta. A meta "siderúrgica do ferro" está sendo criada no Brasil e avançará em fábricas de motores, de tratores, de navios. Na minha luta só quis dar coisas boas e salvadoras ao Brasil. Chorava, de madrugada, no meu gabinete de trabalho. Foi quando, saída entre livros (me reapareceu a endiabrada da Emília e me vendo naquele estado, chamou-me de lado e disse-me, dando outra de "psiquiatra popular": – Pai, o senhor anda muito abatido e neurastênico. Não se agaste com mais nada. O senhor já fez muito por nós. A Narizinho anda querendo um vestido novo, o malandro do Rabicó quer uma casaca nova e solene, e o Quindim uma outra casca mais grossa, paquidérmica para sentar, tapando numa imitação do governo, o poço Caramingoá nº 1. O Pedrinho quer um cavalo alado e o Saci, a sua perna. – Vocês sempre estão

> querendo coisas. – Dona Benta me disse que o senhor anda até querendo morrer e a Nastácia já correu para a cozinha pra fazer umas pamonhas gostosas, rebentar umas pipocas. O senhor precisa se alimentar direito. – Cadê o Visconde? – O nosso "intelectual" agora, dando uma de geólogo, não sai mais daquele poço. Diz ele que está "extraído petróleo". Emília se ajeitou melhor no meu colo e dando-me um carinhoso beijo nas faces molhadas, começou a enxugar as minhas mãos suadas, os meus pés frios na madrugada. Numa "logopatia" danada, me aconselhava: – Deixe as preocupações sociais de lado e volte a escrever gostoso como antes. Se salve por nosso intermédio, continuando a dar às crianças brasileiras aquele seu mundo maravilhoso e encantado. Ame e crie novos personagens. Os peixinhos estão nos esperando no "Reino das Águas Claras". O Saci, o Dom Quixote e o Peter Pan também. O senhor criou um mundo e um homem que cria um mundo como o senhor não tem nenhum direito de ficar aí sofrendo, chorando, se lamentando como um Kafka misturado com o velho Jó da Bíblia. (Lobato apud Dantas, 1973, p.117-8)

Esse texto em epígrafe foi extraído de um depoimento de Lobato editado no livro *A presença de Lobato*, organizado por Paulo Dantas; nele percebemos uma espécie de "registro" de tudo aquilo que esse importante autor se empenhou em fazer ao longo de sua trajetória, que abrange desde contista, cronista, crítico de arte, romancista, autor de livros infantis, até o "lugar" de pensador social atento, muito crítico, polêmico e empenhado na concretização de propostas feitas e colocadas em prática por ele.

Como visto ao longo deste trabalho, Monteiro Lobato sempre esteve preocupado com as tendências de seu tempo – o que pôde ser percebido no que concerne ao seu ambicioso projeto literário infantil, ou seja, na necessidade antevista por ele de formar pequenos leitores e cidadãos – o que talvez tenha sido característica que influenciou em seus pequenos escritos, que não seguiu uma tendência fixa e uma linha de pensamento: como literato e pensador, sua posição se pautava por um fazer frequente, não finalizado. Se

defendeu o progresso técnico como principal forma de superação do nosso atraso social, também o viu como principal causador de nossas desgraças humanas, por exemplo, a Segunda Guerra Mundial.[2]

Procuramos, no decorrer deste estudo, partir da ideia inicial de que a literatura infantil de Lobato possui um projeto que, além de literário, isto é, de uma proposta de renovação estética e linguística, expõe também um pensamento social e histórico; portanto, depreendemos da obra a ideia de um projeto para a nação. A partir dos livros enfatizados (que compreendem as décadas de 1920 e 1930, especificamente), percebemos, por meio das personagens, uma busca incessante por um novo desenho nação.

A obra de Lobato tratada aqui parte do cotidiano de um sítio habitado por uma senhora, Dona Benta, sua criada e companheira eterna, Tia Nastácia, a neta Lúcia (Narizinho) e a boneca Emília, e também o neto Pedrinho, que lá passa suas férias escolares; portanto, um ambiente doméstico e comum à primeira vista, porém no decorrer da narrativa as personagens mágicas vão surgindo, além de animais que falam e agem como humanos, ou que transcendem o estado de humanos.

É a ação cotidiana dos "personagens reais" que demonstra que os fenômenos ocorridos no sítio têm uma "raiz social", e é a partir desse momento que percebemos a proposta de Lobato. Ele partiu das fábulas, da ideia do aconselhamento, mas não se limitou aos contos de fadas, em que as circunstâncias sociais, políticas e econômicas estão ausentes (cf. Erich Auerbach, 2007a). Transcendeu essa situação ao criar personagens que têm uma ação no *mundo*, apesar de se tratar de um contexto simplificado e formado literariamente para crianças. Nesse sentido, a ideia de Antonio Candido de perceber a obra de arte como um "mundo criado" foi importante para chegarmos a tais considerações. Nas palavras do autor:

---

2 Esta análise foi feita de forma bastante detalhada por André Luiz Vieira de Campos (1986), no último capítulo de seu livro *A República do Pica-pau Amarelo*: uma leitura de Monteiro Lobato, intitulado "A Dúvida".

> Mas nós sabemos que, embora filha do mundo, a obra é um mundo, e que convém antes de tudo pesquisar nela mesma as razões que as sustêm como tal. A sua razão é a disposição dos núcleos de significado, formando uma combinação *sui generis*, que se for determinada pela análise pode ser traduzida num enunciado exemplar. Este procura indicar a fórmula segundo a qual a realidade do mundo ou do espírito foi reordenada, transformada, desfigurada, ou até posta de lado, para dar nascimento ao outro mundo. (Candido, 2004, p.105)

O caminho percorrido por Lobato, como já dissemos, se pautou pela fábula, por meio dela saiu em busca de um leitor, mas de um leitor que encontrasse parte de sua cultura escrita e relatada, o que justifica o anseio lobatiano em "vestir à nacional as velhas fábulas". Assim, a ideia inicial da sua obra era aquela de ensinar de forma imperceptível, sedutora. O mundo que a narrativa apresenta está pautado por uma espécie de satisfação, os acontecimentos se passam como deveriam "realmente" se passar, uma vez que no Sítio do Pica-pau Amarelo lemos um desejo intenso de testemunhar sobre o Brasil, e mais, de projetar personagens capazes de dar "diagnósticos sobre a nação", mas ao mesmo tempo, e mais importante, partirem para uma *ação*.

Lobato talvez tivesse em mente que *o problema vital* do Brasil fosse a falta de uma administração pública eficaz. Éramos caudatários de uma mentalidade rapinante e colonial, a preguiça era característica frequente, nossa educação era abstrata e livresca, nossos homens de ciência não canalizavam seus conhecimentos para o fazer, a industrialização e o progresso, a chave do "sucesso social" não existia praticamente em território nacional. Essas questões são debatidas incessantemente pelo homem de pensamento Monteiro Lobato – e por alguns dos seus contemporâneos – que as traduz em seus livros na forma interpretativa de literatura infantil, o que demonstra mais uma faceta do editor, produtor de livros, que em vez de escrever um tratado teórico, opta por captar o leitor por meio da imaginação.

Em seus livros, percebemos páginas repletas de fantasia, mas plenas de observação do real.[3] Notamos que a ideia de criar uma literatura infantil engajada, crítica dos problemas da época, que busca "solucionar" nossas debilidades de forma pragmática, ganha ares de fantástica e maravilhosa quando os impasses surgidos não são capazes de ser resolvidos logicamente. Talvez Lobato, quando iniciou seu projeto de escrita, estivesse pensando justamente em escrever sob uma espécie de "realismo", que levasse os aspectos políticos, sociais e econômicos para o cotidiano do leitor infantil, de forma coloquial, com uma linguagem próxima daquela falada, e com situações comuns às crianças, como uma avó atenciosa, uma criada como Tia Nastácia, uma menina esperta como Narizinho e um menino curioso e aventureiro, mas responsável, como Pedrinho. Porém, apesar disso, a obra aos poucos foge do tom convencional, o que pode ser notado primeiramente com a atuação da boneca Emília, falante e carregada de rebeldia, e também por intermédio do Visconde de Sabugosa, que apesar de Sabugo de Milho era um sábio verdadeiramente cientista.

É essa oscilação entre realidade e magia que perpassa a obra de Lobato, as personagens aos poucos parecem não estar mais presas aos ajustes de suas idades ou ao pensamento palpável comum. Sendo assim, como poderíamos conceituar esse "realismo" de Lobato?

Quando lemos seus livros, a primeira interpretação nos conduz a uma espécie de aproximação imediata com a realidade brasileira, pois temos ali também a descrição de aspectos plasmados da nossa realidade histórica. Isso pode ser percebido, por exemplo, quando as personagens começam a agir no "mundo fictício". Como vimos

3 Observação de Erich Auerbach (2007c, p.454) sobre os livros de Balzac. Segundo o crítico, esse captou também em seus livros o rumo dos acontecimentos da sociedade em que viveu. A importância dessa análise reside no fato de atentarmos para que, segundo a interpretação de Auerbach, não existe o "puramente literário", isto é, a literatura também compreende e expõem artisticamente a sociedade a partir da qual é construída. "O puramente literário, mesmo no grau mais elevado da compreensão artística e em meio à maior riqueza das impressões, limita o juízo, empobrece a vida e distorce, por vezes, a visão dos fenômenos".

no Capítulo 1 deste estudo, as crianças, juntamente com o sábio Visconde de Sabugosa, iniciam o processo de industrialização brasileiro mediante a exploração dos recursos naturais, isso quer dizer que o lugar da brincadeira perde espaço para os assuntos de ordem econômica.

No livro *O poço do Visconde*, as personagens estão capacitadas para transgredir a situação encarada por Lobato como impeditiva para o nosso progresso; para tanto, a ciência deve estar aliada à prática. Aqui Lobato reinventa e reescreve a história econômica brasileira, que consegue ultrapassar seu estado arcaico. O livro se pauta por um tom didático em suas primeiras páginas. Visconde narra em suas aulas para as crianças a situação inaceitável em que se encontrava nosso processo de modernização, trazendo elementos históricos reais que indignam, e muito, os seus ouvintes. No decorrer das aulas, Pedrinho sugere que abram poços de petróleo no Sítio, o que oferece uma dinâmica maior à narrativa, como se ela começasse a seguir o ritmo intenso e o ímpeto de mudança das personagens. É a partir desse momento que a ciência começou a atuar de forma prática. Dessa forma, Pedrinho rompe com a preguiça do brasileiro e faz com que as outras personagens abracem a ideia de construir juntos uma nova nação. A todo momento, vemos ser incorporada a posição de todos sobre o futuro do país, o que se caracteriza em parágrafos acelerados, diálogos curtos e pragmáticos, sempre com opiniões a serem colocadas em prática, o que passa a impressão de que a narrativa também se moderniza, assim como o "Sítio/Brasil". Os diálogos são bastante descritivos, mas cedem espaço para alguém que vai além do narrador: as personagens.

A inovação é elemento sempre presente na narrativa, ela aponta tecnologias, mágicas, civilização, racionalidade etc. Entretanto, podemos encarar que o núcleo dessas inovações está assentado na ideia de que apenas o sábio Visconde, gozando de uma posição Iluminista, é capaz de guiar os passos de todos, rumo à modernidade. Aqui uma situação que retorna aos elementos atrelados ao pensamento social da época, isto é, a opinião comum de que o povo não seguiria sem as indicações de um intelectual capacitado para

empreender mudanças. O diferencial desse sábio Visconde é que ele rompe com a ideia de uma ciência apática; ele acredita que o povo deve ser instruído a fazer, ou seja, é "fazendo que o homem aprende", seria por meio de uma ciência positiva e engajada que um novo futuro racional seria construído. Por conseguinte, mesmo pertencendo ao reino da fantasia, pois se trata de uma espiga de milho, o Visconde consegue realizar uma transposição para a realidade, colocando no lugar da mágica a Ciência Aplicada.

Essa participação do Visconde em *O poço do Visconde* pode nos conduzir à ideia de que na obra infantil lobatiana perpassa uma espécie de realismo "impuro", "misto", "parcial" e também "oscilante", afetado pela magia, que está a serviço sempre de um "empreendimento social". Como lemos, a nação pretendida pelas personagens tem um impulso modernizador que inicialmente partiu da mágica, pois foi originado por uma espiga de milho, um sábio que conseguiu vencer as amarras do bacharelismo interesseiro e enfrentou as limitações de uma nação atrasada economicamente. O Visconde de Sabugosa surpreende a todos, incluindo Mr. Champignon, que ficou de "queixo caído" ao ver no sabugo vivente um sábio de verdade que consegue mudar as "diretrizes da civilização". Percebemos que da mágica, do absurdo, a narrativa aos poucos atinge ares de realidade, a magia está a serviço da prática, ela é acionada com esse intuito. A mesma situação percebemos quando as personagens descobrem que tinham a sabedoria, o petróleo no subsolo, a ideia de empreender um novo futuro, mas não tinham o dinheiro, o que exigiu novamente a aplicação de "faz-de-conta" para que máquinas, equipamentos, especialistas etc. fossem importados. Aqui, mais uma vez a magia se torna algo "real", palpável, tem a função de conferir solução às situações problemáticas.

Como dissera Emília, "nosso segredo é o faz-de-conta", e é nas aplicações desse subterfúgio que vemos uma nação construída na ficção, com ares modernos. Lobato dissera que Emília representava sua "voz", e por intermédio da boneca falante rompeu com o tradicional, deu asas para a magia, é Emília a líder de seu próprio destino, uma espécie de descontrole, que sempre age de acordo com

uma provocação, se revolta sempre, nunca se satisfaz. Situação que percebemos no começo de suas participações na obra. Ao ganhar a fala por meio das pílulas falantes, a boneca se libertou do convencional: continua sendo brinquedo, afirmando seu pertencimento a essa categoria, mas é um brinquedo sério, arrogante, interesseiro, e ao mesmo tempo esperta, irônica, crítica, independente; enfim, as definições são muitas para essa "pequena/grande" figura da literatura. Mas a questão principal é a seguinte: que papel lhe reserva a narrativa? Como combinar essa rebeldia toda com o pragmatismo?

Como já dissemos, foi confeccionada por Tia Nastácia que a dera como presente a Narizinho. Em tese, Emília é a "filha" da cozinheira, mas Emília renega esse passado, ela não está em conexão com a realidade imediata, suas ações estão sempre voltadas para o futuro: é dona de uma "linguagem canastrona", como disse Dona Benta; é uma boneca divorciada, depois de realizar um casamento malogrado com o porco Rabicó; "conserta" o mundo depois da Segunda Guerra Mundial; também são suas as principais aplicações de faz de conta no caso da descoberta de petróleo etc. Vemos que são muitas as características e ações dessa personagem, que com seu caráter visionário e futurista implode a noção de transmissão ou herança, ou seja, suas ações têm a pretensão de desvinculá-la de sua origem de artesanato popular.

Talvez pudéssemos depreender disso que Emília seria a heroína futura, sua conduta romperia com a burocracia, com a linguagem arcaica e com a ideia de mulher frágil. Para tanto, o passado arcaico seria parcialmente desconsiderado, o que pode ser observado quando a boneca desaprova as "estórias da negra beiçuda e ignorante", quando é ridicularizada pelas outras personagens mágicas por ser "filha" de Tia Nastácia. Entretanto, o diferencial da boneca está em justamente permanecer feia e com remendos pelo corpo; nesse caso, a narrativa não confere um fim à arte popular nacional, que conserva sua forma, mas se transfigura em saber e pragmatismo.

Emília e Tia Nastácia não estão totalmente separadas, ou em oposição, a relação entre ambas, assim como a relação da boneca com as outras personagens, ocorre sob o signo da ironia e da ambiguidade.

Ela ironiza a atuação de Tia Nastácia ao precaver os visitantes do sítio dos perigos que poderiam encontrar na cozinha da "diaba feia", que matava e cozinhava os pintinhos e os porquinhos para depois cozinhar. Ironiza igualmente Dona Benta e Narizinho quando diz que a menina devia obediência à avó, e que as boas maneiras exigidas dela por parte da dona do sítio deveriam ser transferidas para a menina, que, ao contrário dela, agia como as professoras e as avós queriam. Emília também ironiza Pedrinho, ao dizer que suas ações estavam lentas demais, em relação à ideia do menino em querer encomendar os produtos referentes à exploração do petróleo por carta. Enfim, suas ironias se estendem a todos. A respeito da ironia, André Jolles (1976, p.211) afirmou:

> A ironia, por sua vez, troça do que repreende, mas sem opor-se-lhe, manifestando antes simpatia, compreensão e espírito de participação. Por isso é que ela se caracteriza pelo sentido de solidariedade. [...] Sente-se, na ironia, um pouco da intimidade e da familiaridade entre o superior e o inferior. É justamente nessa solidariedade que reside o imenso valor pedagógico da ironia. A sátira destrói, a ironia ensina.

Desse modo, vemos que a ironia de Emília apresenta uma desconfiança em relação ao mundo dos seres humanos, e por isso ensina e mostra uma outra forma de pensar o mundo, ampliando o campo das possibilidades imediatas. Nesse sentido, por intermédio da personagem Emília podemos encontrar a superação de muitos entraves do desenvolvimento do sítio, dentre eles a inércia, a falta de um pensamento prático e uma liberdade de ação; entretanto, a permanência da boneca feita com restos artesanais de Tia Nastácia mostra que nas atitudes Emília vence o passado, mas apesar dela negar na maioria das vezes a sua filiação à criada, esse pode ser um fator de destaque na narrativa, pois é quando ela vem nos dizer que do povo, mesmo ignorante e ultrapassado mentalmente, podem surgir criações "artísticas" provocativas e necessárias para o "novo mundo" moderno.

Quanto às outras personagens infantis, Narizinho e Pedrinho, poderíamos inferir que elas podem ser pensadas como crianças reais, mas não comuns. Elas, talvez quando foram imaginadas por Lobato, estavam sendo construídas de acordo com aquilo que seus leitores quisessem ler e ser, ou seja, poderiam operar na realidade das crianças uma mudança na forma de conceber o Brasil e os fatos políticos e históricos. A narrativa procura enfatizar por meio deles que petróleo, economia, modernização, empreendedorismo etc. também eram assuntos para crianças, que o Brasil precisava chamar os "futuros cidadãos" para a batalha contra o atraso. Eles podem ser vistos como "articuladores" de um país a que todos aspiravam, que se apresentasse da forma como o "Sítio/Brasil" se apresenta. De certo modo, é Narizinho e Pedrinho que conferem realidade às mudanças ocorridas no Sítio do Pica-pau Amarelo, com a ajuda indispensável da magia, dando materialidade a um pensamento modernizante.

A outra personagem que nos propomos a estudar aqui foi Tia Nastácia, que permanece desempenhando seu papel de cozinheira e criada, mesmo depois das mudanças ocorridas no sítio. Como se a narrativa não conseguisse "fugir" da herança do escravismo, ela transita para o futuro moderno trazendo as mesmas características de um passado atrasado.

Lobato, assim como os autores ligados ao movimento modernista e regionalista do Nordeste, estava preocupado em trazer o povo para a arte: em seu livro chamado *O Saci Pererê: o resultado de um inquérito* (1918), afirmou, conforme Chiarelli (1995), uma oposição existente entre nossa brasilidade e a realidade incaracterística do Brasil. Essa seria representada pela arquitetura moderna, e exemplo disso era a Avenida Paulista, centro difusor das influências internacionais, e, por conseguinte, o principal elemento de descaracterização dos valores culturais do país, o que prejudicava a memória de Tia Esméria "a preta velha que nos pôs em criança, de cabelos arrepiados com histórias de cucas, sacis e lobisomens [...]. Vieram estas corujas civilizar-nos; mas que saudades da tia velha que em vez de civilização requentada a 70$000 rés por mês, afora os bicos, nos apavorava de graça!" (Lobato apud Chiarelli, 1995, p.189).

Aqui lemos o tom saudosista do autor que, se nesses anos sentia a falta de uma nacionalidade genuína, em anos posteriores apoiaria a ideia de um Brasil moderno. Mas retomando a posição de Tia Nastácia, talvez pudéssemos cogitar que, ao criar essa personagem, Lobato estivesse pensando em reviver e relembrar seus leitores do papel das negras velhas na formação das crianças. No entanto, ao lermos as histórias do sítio, notamos que a participação de Tia Nastácia sempre aparece associada a algo que foi ou está em vias de superação. No que concerne à participação da criada nas histórias do Sítio, ela tem acesso às mudanças somente no que diz respeito às comodidades trazidas com o fogão a gás, a geladeira etc.

O que queremos dizer é que a relação entre Dona Benta e Tia Nastácia não se altera, o "nexo" entre ambas continua pautando-se pelo favor. Tia Nastácia "deve" a Dona Benta e esta, por sua vez, também "deve" a Tia Nastácia, o que resulta numa situação mútua de gratidão, companheirismo e amizade, é claro, respeitando sempre a hierarquia existente entre patroa e criada. Desse modo, é como se a narrativa captasse o fato de a nossa racionalidade moderna não conseguir perpassar completamente as relações pessoais. Tia Nastácia representa o "passado simpático", a "harmonia" entre brancos e negros, "sinhá" e criada. Sua atuação se mostra como elemento do passado que não se quer removido. Apesar do desprezo que os outros personagens possuíam de sua africanidade, ela continuaria sendo negra no futuro modernizado, e também outras duas características não se alterariam: a relação entre ela e Dona Benta e o seu "cenário" de domínio: a cozinha. Portanto, a modernização proposta nesse sítio não seria efetivamente moderna.

Dona Benta, a "velha senhora simpática" que borda calmamente na varanda de casa, demonstra no decorrer das obras de Lobato ser uma avó bastante moderna e que ia além dos limites de seu tempo. Como vimos, é ela quem autoriza as aventuras das crianças, aprova a ciência de Visconde, e incentiva uma posição bem crítica por parte de seus netos em relação aos principais problemas brasileiros. Seus ensinamentos são passados a todo momento às crianças, a avó sempre segue ponderando com sabedoria e experiência as ações de Emília,

Narizinho e Pedrinho. O diferencial que chama atenção inicialmente é o fato de Dona Benta atuar em todas as esferas de seu sítio: governa, ensina, cria sua neta Narizinho e, especialmente, é adepta do conhecimento científico como forma de concepção de mundo.

É interessante apontar para o fato de que Lobato, ao eleger uma mulher como um exemplo de "agricultura ilustrada", talvez estivesse nos dizendo que até então os homens tinham preponderado como guia nos negócios agrários, e a julgar pela atuação do coronel Teodorico, teriam sido incapazes, conservadores e ignorantes para empreender um novo modelo econômico que fosse além da produção do café, da monocultura e da maneira tradicional de se criar animais. É Dona Benta, a "velhinha novidadeira", que consegue colocar fim ao mundo *sem luzes* e ilustrações dos coronéis ignorantes, esses seriam expulsos da Vila do Tucano Amarelo se não adentrassem a nova mentalidade produtiva, pautada no modelo moderno.

Dona Benta coroa a ideia de que não existiria saída, salvo algumas exceções, e nem vida útil na temporalidade arcaica; ela acredita que mais importante do que terras, fortunas, o bem de maior importância que seus netos poderiam herdar é a sabedoria. É se pautando sempre por essa ideia que Dona Benta conseguiu formar em seu sítio futuros cidadãos que fizeram seu "trabalho" como crianças, ou seja, conseguiram mudar a política econômica do seu sítio, e, por conseguinte, de seu país.

Aos poucos Dona Benta percebe que aquela vilinha onde passara toda sua vida se transforma numa grande cidade; teme deixar seu sítio, lugar de onde levaria todas as suas lembranças, mas ao mesmo tempo percebe que a nova geração de sua família conseguiu se desvencilhar dos entraves que esse sossego possuía. Portanto, a perda do isolamento, da "cultura fechada", é recompensada pelo desenvolvimento econômico do país, e mais, ela pôde ver que seus conhecimentos passados às crianças resultaram na prática a emergência de um *novo mundo*.

Assim sendo, ao interpretarmos a obra infantil de Monteiro Lobato como uma espécie de projeto para uma nação futura, percebemos que o autor vacila em suas prioridades de um Brasil futuro.

Não existe uma aceitação exclusiva de um "capitalismo verdadeiro", apesar de essa ideia muitas vezes se mostrar preponderante. É como se o melhor do arcaico – as relações pessoais, sentimento de comunidade, o sítio, a casinha branca – fosse mantido e incorporado ao melhor do moderno – a ciência, o petróleo, a indústria, a boa saúde do trabalhador e, especialmente, o pragmatismo, elementos esses advindos fundamentalmente da magia e do sonho de sintetizar o Brasil, o sentimento nacional, a cultura popular, com as novas possibilidades que poderiam oferecer uma nova metrópole.

Referências bibliográficas

Obras de Monteiro Lobato

LOBATO, J. B. M. *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo: Brasiliense, 1946.
_______. *O poço do Visconde*. São Paulo: Brasiliense, 1950.
_______. *Na antevéspera*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
_______. *Serões de Dona Benta*. São Paulo: Brasiliense, 1957a.
_______. *O presidente negro*. São Paulo: Brasiliense, 1957b.
_______. *Cidades mortas*. São Paulo: Brasiliense, 1959a.
_______. *Mr. Slang e o Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1959b.
_______. *O escândalo do petróleo e do ferro*. São Paulo: Brasiliense, 1959c.
_______. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 1959d.
_______. *Histórias de Tia Nastácia*. São Paulo: Brasiliense, 1960.
_______. *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1961. Tomo II.
_______. *Geografia de Dona Benta*. São Paulo: Brasiliense, 1962a.
_______. *O Saci*. São Paulo: Brasiliense, 1962b.
_______. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964. 2º t.
_______. *A reforma da natureza*. São Paulo: Brasiliense, 1973a.
_______. *A chave do tamanho*. São Paulo: Brasiliense, 1973b.
_______. *Negrinha*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
_______. *Urupês*, São Paulo: Brasiliense, 1994.

Obras gerais

ADORNO, S. *Os aprendizes do poder*: o bacharelismo liberal na política brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

ARROYO, L. *Literatura infantil brasileira*: ensaios preliminares para a sua história e suas fontes. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

AUERBACH, E. *Mimesis*: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2007a. p.107-23.

______. A saída do cavaleiro cortês. In: ______. *Mimesis*: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2007b. p.107-23.

______. Germinie Lacerteux. In: ______. *Mimesis*: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2007c. p.443-70.

AZEVEDO, C. L. et al. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: Senac, 1997.

BASTOS, E. R. *Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira*. São Paulo, 1986. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia e Polícia, Pontifícia Universidade Católica.

BAYARD, J.-P. *Histórias das lendas*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1957.

BEDÊ, A. L. R. *Monteiro Lobato e a presença francesa em* A barca de Gleyre. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

BELOTT, E. G. *Educar para submissão.* Petrópolis: Vozes, 1979.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: ______. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.197-221.

______. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

BERRIEL, C. E. A uiara enganosa. *Cadernos Ensaio*. Mário de Andrade/Hoje, São Paulo, 1990.

CAMPOS, A. L. V. de. *A república do pica-pau amarelo*: uma leitura de Monteiro Lobato. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976.

______. A revolução de 1930 e a cultura. In: ______. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo, Ática, 1989.

______. *Ficção e confissão*: ensaios sobre Graciliano Ramos. São Paulo: Editora 34, 1992.

______. De cortiço a cortiço. In: ______. *O discurso e a cidade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p.150-129.

______. *Formação da literatura brasileira*: momentos decisivos (1750-1880). Rio de Janeiro: Editora Ouro Sobre Azul, 2007.

CANDIDO, A.; CASTELLO, J. A. *Presença da literatura brasileira: modernismo.* São Paulo: Difusão Europeia, 1968. v.3.

CECCANTINI, J. L.; LAJOLO, M. (Org.) *Lobato livro a livro*: obra infantil. São Paulo: Editora Unesp; Imprensa Oficial de São Paulo, 2008.

CHALHOUB, S. *Machado de Assis, historiador.* São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

CHIARELLI, T. *Um Jeca nos vernissages*. São Paulo: Edusp, 1995.

COELHO, N. N. *Literatura infantil, teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

COHN, G. *Petróleo e nacionalismo*. São Paulo: Difel, 1968.

CORSI, F. L. *Estado Novo: política externa e projeto nacional*. São Paulo: Unesp, 2000.

CRESPO, R. A. *Messianismos culturais*: Monteiro Lobato, José Vasconcelos e seus projetos para a nação. São Paulo, 1997. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

______. *Itinerarios intelectuales: Vasconcelos, Lobato y sus proyectos para la nación*. México: Centro Coordinador y Difusor de Estudios Latinoamericanos, 2004.

D'ANDREA, M. S. *A tradição re(des)coberta*: Gilberto Freyre e a literatura regionalista. Campinas: Editora Unicamp, 1992.

DANTAS, P. *A presença de Lobato:* coleção depoimento. São Paulo: Editora do escritor, 1973.

DEZOTTI, M. C. C. (Org.) *A tradição da fábula*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

DUARTE, L. C. *Lobato humorista:* a construção do humor nas obras infantis de Monteiro Lobato. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

EAGLETON, T. *Teoria literária:* uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FABRIS, A. Modernidade e vanguarda: o caso brasileiro. In: ______. *Modernidade e modernismo no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, 1994. p.9-25.

FERREIRA, A. C. *Um eldorado errante*: São Paulo na ficção histórica de Oswald de Andrade. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

FRANCO, M. S. de C. *Homens livres na ordem escravocrata.* São Paulo: Ática, 1974.

FREYRE, G. *Casa-grande & senzala.* Rio de Janeiro: Graal, 2004.

______. *Sobrados e mucambos*: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. Rio de Janeiro: Record, 2000.

______. *Manifesto regionalista*. Recife: IJNPS, 1967.

FURTADO, C. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

GALVÃO, W. N. Lobato, o visionário. *O Estado de S. Paulo*, 1º de junho 2008. Caderno 2, p.D1.

GOUVÊA, M. C. S. de. A literatura infantil e o pó de pirlimpimpim. In: ______. *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2001. p.13-30.

GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GUIMARÃES, A. S. A. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Editora 34, 2002.

HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

IANNI, O. *O pensamento social no Brasil.* Bauru: Editora Edusc, 2002.

JOLLES, A. *Formas simples*: legenda, saga, mito, advinha, ditado, caso, memorável, conto, chiste. São Paulo: Cultrix, 1976.

LAFETÁ, J. L. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

LAJOLO, M. *Monteiro Lobato: a modernidade do contra*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

______. Sociedade e literatura: parceria sedutora e problemática. In: ORLANDI, E. P. (Org.) *Sociedade e linguagem*. Campinas: Editora Unicamp, 1997. p.63-92.

______. Emília, a boneca atrevida. In: MOTA, L. D.; JÚNIOR, A. (Org.) *Personae: grandes personagens da literatura brasileira*. São Paulo: Senac, 2001.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Um Brasil para as crianças*. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. São Paulo: Global Universitária, 1986.

______. Monteiro Lobato, o mal-amado do modernismo brasileiro. In: LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. (Org.). *Monteiro Lobato: contos escolhidos*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.7-12.

______. *Literatura infantil brasileira:* histórias e histórias. São Paulo: Ática, 1999.

______. Negros e negras em Monteiro Lobato. In: LOPES, E. M. T.; GOUVÊA, M. C. S. (Org.) *Lendo e escrevendo Lobato.* Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.65-82.

KOSHIAMA, A. M. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: Edusp, 1982.

LAHUERTA, M. Os intelectuais e os anos vinte: moderno, modernista, modernização. In: DELORENZO, H. C. de; COSTA, W. P. (Orgs.). *A década de 20 e as origens do Brasil Moderno*. São Paulo: Editora Unesp, 1997. v.I, p.93-114.

LANDERS, V. B. *De Jeca a Macunaíma*: Monteiro Lobato e o modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes trópicos.* São Paulo: Anhembi, 1957.

LUCA, T. R. de. *A Revista do Brasil*: um diagnóstico para a (n)ação. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

LUKÁCS, G. *A teoria do romance.* São Paulo: Duas Cidades, 2000.

MAAS, W. P. *O cânone mínimo*: o *Bildungsroman* na história da literatura. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

MARTINS, W. *A literatura brasileira: o modernismo (1916-1945).* São Paulo: Cultrix, 1973. v.6.

MATE, C. H. *Tempos modernos na escola*: os anos 30 e a racionalização da educação brasileira. Bauru: Edusc, 2005.

MEIHY, J. C. S. B. Monteiro Lobato e o outro lado da lua. In: FABRIS, A. (Org.) *Modernidade e modernismo no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, 1994. p.39-55.

MONTEIRO, P. M. Luzes ao campo, luzes à nação. *Revista Monografia*, Campinas, n.4, 1994.

NOGUEIRA, O. *Tanto preto quanto branco:* estudos de relações raciais. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

PASSIANI, E. *Na trilha do Jeca*: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil. Bauru: Edusc, 2003.

PRADO JUNIOR, C. Prefácio. In: LOBATO, J. B. M. *Escândalo do petróleo e do ferro.* São Paulo: Brasiliense, 1959.

PRADO, P. *Retrato do Brasil*: ensaio sobre a tristeza brasileira. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

ROMANELLI, O. de O. *História da educação no Brasil.* Petrópolis: Vozes, 2000.

ROSENFELD, A. Literatura e personagem. In: CANDIDO, A. et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SANTOS, R. *Literatura em fragmentos*: história, política e sociedade nas crônicas de Graciliano Ramos. Campinas, 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

SCHWARCZ, L. M. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: ______. (Dir.) *História da vida privada no Brasil*: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. v.4.

SCHWARZ, R. *Ao vencedor as batatas*: forma literária e processo nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

______. Nacional por subtração. In: ______. *Que horas são*? Ensaios. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p.29-49.

______. *Um mestre na periferia do capitalismo*: Machado de Assis. São Paulo: Editora 34, 1997.

SEYFERTH, G. A invenção da raça e o poder discriminatório dos estereótipos. In: *Anuário Antropológico 93*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

SILVA, M. A. M. *Prelúdios & noturnos*: ficções, revisões e trajetórias de um projeto político. Campinas, 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

WAIZBORT, L. *A passagem do três ao um*: crítica literária, sociologia, filologia. São Paulo: CosacNaify, 2007.

WATT, I. *A ascensão do romance*: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

ZILBERMAN, R. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

Neste livro, Elisângela da Silva Santos investiga qual seria o "projeto" de nação – compreendida como projeto político social – na obra destinada ao público infantil de Monteiro Lobato, conhecida também como uma literatura pedagógica. A autora acredita na possibilidade de Lobato ser visto como integrante da galeria de nossos pensadores sociais, pois em seu gênero literário infantil ressoa uma visão de país, um diagnóstico e um projeto de futuro para o Brasil.

Nesse sentido, a autora discute a possibilidade de tomar a literatura lobatiana como elemento de compreensão da realidade social brasileira dos anos 1920 e 1930. Assim, Elisângela Santos procura ver na obra de Lobato uma crítica à sociedade em que vivia o escritor que, além de estar preocupado com questões estéticas e linguísticas de seu tempo, sempre formulou críticas à nossa "parasitia intelectual", aos intelectuais e à elite que, segundo ele, assistia de braços cruzados aos diversos problemas de ordem social política e econômica, sem propor alternativas de mudanças.

ISBN 978-85-393-0169-0